

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

AUGUSTO DE LIMA <i>da Academia Brasileira</i>	Affonso Arinos	233
AURELIO PIRES.	Recordando	240
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo <i>(com ilustrações)</i>	245
MARIO PINTO SERVA	A organização do meio circulante	258
ALBERTO DE OLIVEIRA <i>da Academia Brasileira</i>	A rima e o rythmo. . .	272
AMADEU AMARAL	A palmeira e o raio . .	277
MONTEIRO LOBATO	A vingança da peroba.	281
OCTAVIO AUGUSTO	Nos dominios de Bee- thoven	296
VICTOR DA SILVA FREIRE	1815-1915	301
COLLABORADORES	Resenha do mez	324

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 3 - ANNO I

VOL. I

MARÇO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Affonso Arinos, *Redacção* — Affonso Arinos (soneto), *Arduino Bolivar* — As Academias de Portugal, *R. S.* — Eduardo Prado, *P.* — Pintura, *N.* — Musica, *F.* — Visconde de Porto Seguro — Cidades mortas — Aspectos do norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das raças na America — As mutuas escolares na Italia — Consequencias da guerra — Selvagens e civilizados — As explosões e o systema nervoso — Os me-
taes da guerra — Os diarios de Tolstoi — Goethe nas trin-
cheiras.

As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas).

Retratos: Affonso Arinos e Lucilio de Albuquerque, por Wash Rodrigues.

Gravuras fóra do texto: “Mãe preta”, quadro de Lucilio de Albuquerque — Fazendas do Estado de S. Paulo (oito gravuras).

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA
ALFREDO PUJOL

REDACTOR CHEFE: PLINIO BARRETO

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
EXTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO.

RUA DA BOA VISTA, 52
CAIXA POSTAL, 1373 • TELEPHONE, 4210

S. PAULO



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BIYNGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B
SÃO PAULO

JOÃO DIERBERGER
FLORICULTURA

|||
SÃO PAULO
|||

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511

ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

CASA CABRAL

FUNDADA EM 1894

Rua de S. Bento, 35-B

TELEPHONE, 756

CAIXA DO CORREIO, 666

CUNHA CABRAL & C.

Vidros para vidraças, Papeis pintados para forrar casas, Espelhos,
Molduras, Transparentes, Telhas de vidro, Papelão, Diamantes para
cortar vidros e Crystaes para vitrines.

SÃO PAULO

Tinturaria Parisiense

Casa Especial em Roupas de Homens, Senhoras e Creanças.
Limpeza perfeita em Flanelas e Luvas de pellica

Concertos em roupas de homem

Limpeza a secco, firam-se nodoas

Promptidão e Exactidão - TINTURARIA PERFEITA

DETACHAGE

FELICIANO LOPES

Telephone, 2378

Rua Barão de Itapetininga, 38 - SÃO PAULO

Companhia Mechanica e Importadora

de S. Paulo

IMPORTAÇÃO, COMMISSÕES,
CONSIGNAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal, 51 **SÃO PAULO**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 36

SANTOS

Rua de Santo Antonio, 108 e 110

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 25

IMPORTAÇÃO em geral e fabricação de artigos e machinismos para Industrias e Lavoura. Materiaes para Estradas de Ferro e Construcções. Fabrica de material de barro vidrado. **Agentes geraes para o Brasil dos afamados automovels "FIAT"**. Agentes exclusivos para a venda dos productos das Companhias SILEX e PAULISTA de louça esmaltada. Representantes da afamada fabrica de vapores "ROBEY".

LONDRES: Broad Street House-New Broad Street, London E. C.

Officinas Mechanicas, Garage, Fundição e Depositos:
Ruas Mons. Andrade e Americo Brasiliense (Braz) :: S. PAULO

FIAÇÃO de ALGODÃO da SAUDE

Pereira,
Estefno & C.

Praça Antonio Prado
N. 8
SOBRADO

SÃO PAULO



Fabrico especial de
fios de numeros 2 a

70, crús, tintos (de
qualquer côr), torci-
dos ou mercerizados
para malharia, ordu-
me e mais
aplicações
industriaes.



Companhia Commercio e Navegação

(CAPITAL REALISADO: 10.000:000\$000)

Séde: RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 37

CAIXA POSTAL, 482

Filial: SÃO PAULO

Rua de São Bento, 45-A

CAIXA POSTAL, 218

Agencia: SANTOS

Praça da Republica, 3

CAIXA POSTAL, 448

Serviço de cabotagem entre os portos de todos os Estados
do Brasil e Navegação de Longo Curso

Dique "Commercio": 550' X 74' X 30'

LIMPESA E REPAROS DE VAPORES

Sal de Macau e Mossoró, das suas salinas no Rio Grande
do Norte, as mais importantes do Brasil



O MELHOR
 REMEDIO
 CONTRA
 os
 CALLOS
 E' O

CALÇADO
Villaza

Esta verdade attestada

por inumeras pessoas, é corroborada pelo exmo. sr. C.º Paulo Orozimbo de Azevedo, ex-administrador dos Correios de S. Paulo

Declaro que desde que uso o Calçado Villaza tenho gozado de grande allivio no soffrimento proveniente dos callos, pelo que tenho aconselhado ás pessoas de minhas relações para que experimentem esse excellente calçado.

Paulo Orozimbo de Azevedo.

Deposito no triangulo

Companhia Calçados VILLAÇA

Rua Direita N 6-A = S. PAULO

"REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA"

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripção, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Única no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

Redacção: RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908



GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Ponto Central com oito linhas de bondes á porta, visinho ao Theatro Municipal e á cidade. O hotel é dirigido pelo proprio proprietario e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortavel, um dos mais bellos edificios da cidade, com elevador, estando mobiliado com muito gosto e luxo. Diarias em excellentes quartos lindamente mobiliados: **8000 réis.** As familias, fazem-se grandes abatimentos.

A cozinha é dirigida por um reputado profissional

PROPRIETARIO:

F. KUSUTA

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SÃO PAULO

Endeço Telegraphico: (HOTELPAZ)

.....

Fabrica de Moveis
Especiaes de - - -

João M. Llaverias

◆ ◆ ◆

SÃO PAULO

Telephone N. 10-23

Rua Barão de
Itapetininga, 58

.....

AOS "TRES ABRUZZOS"

Fabrica de macarrão, holachas, biscoitos diversos e padaria. Especialidade em macarrão de semolino e com ovos.

ESTABELECIMENTO PREMIADO NAS SEQUIN-
TES EXPOSIÇÕES:

Exposição Internacional Agrícola e Industrial de Roma - 1912 - "Gran Croce" e Medalha de Ouro.

Exposição Internacional do Trabalho de Florença - 1911 - 1912 - "Gran Premio" e Medalha de Ouro

Exposição da Industria - Alimentação e Hygiene de Genova - "Membro d'Onore della Gloria" e Medalha de Ouro

Francisco Lanci

Fabrica, Escriptorio e Armazem
RUA AMAZONAS N. 10 E 12
Telephone n. 63 (Secção Bom Retiro)

Casa Filial
(para onde podem ser enviadas quaesquer encomendas)

RUA LIBERO BADARÓ N. 11
Telephone n. 1551



O sabonete **AMIRYS** acha-se á venda em todas
 as boas casas e nos depositarios:

CASA LEBRE

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRAN-
 GEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAIS SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.



AFFONSO ARINOS

Ao traçar estas primeiras linhas sobre Affonso Arinos, tremulas ainda da emoção de sua morte, cáem-me da penna as palavras com que, um dia, na Academia Brasileira, recebendo o Almirante Jaceguay, definiu o aneio do regresso á Patria:

“E’, de certo, por força do symbolo, que, nas travessias do Atlantico, quando a quilha vem rasgando serenamente as ondas em demanda das terras do sul, tantas vezes, na aproximação da Linha, nós, Brasileiros, abandonamos os serões de musica e nos precipitamos sobre a amurada para contemplarmos, ao longe, erguida sobre a massa escura do oceano, a constellação do Cruzeiro”. (Rev. da Academia Brasileira, n. 5, pag. 133).

Este trecho me suggere, inteira, a alma de Affonso Arinos. No alto mar, “estrada sempre livre e sempre grande”, no momento da approximação da linha equatorial, com os olhos voltados para a Patria remota, que o Cruzeiro representa, como uma condensação estellar das innumerables cruces da terra de Santa Cruz, palpitava, com effeito, o seu coração apaixonado pelas viagens, mas ao mesmo tempo vinculado á terra do berço por funda e constante recordação das suas paizagens, das suas lendas, das suas affeições carissimas.

E essa psychologia terá o seu complemento, juntando-se ao trecho precedente as palavras finaes desse discurso, nas quaes Arinos revela a sua frequente attitude, fitando o Cruzeiro, não já no alto oceano, mas “no coração deste continente, quando em rancho aberto, estirado num couro, repousava das fadigas da jornada, noite a dentro vagando os olhos insomnes pelo espaço”.

Eil-o ahi — sempre peregrino, sempre patriota. Errando pelo mar, ou errando pelo sertão, só um ponto fixo lhe attrahia



os olhos: o Cruzeiro do Sul, symbolo da Patria e do Lar. O patriotismo de Affonso Arinos revestia, como se vê, dois aspectos; o da nação, no seu longo contorno maritimo e terrestre, visto pela memoria através das distancias exteriores, e o da terra natal, mais intimo, desdobrando-se pelas montanhas, valles e planicies do sertão, longe do borborinho das cidades.

Natureza profundamente musical, rica na sua complexidade rara, de todas as percepções da esthesia da côr, do som e do aroma, o escriptor ordenava o seu maravilhoso rythmo de artista no contraste, aparentemente paradoxal, do amor ao sertão e da paixão pelo mar. Elle mesmo procurou justificar esta conciliação de coisas tão extremadas para o vulgo, affirmando, convictamente, que a mysteriosa nostalgia do mar se sente mais vehemente no longinquo habitador do sertão, na mais remota cafuá de caipira ou de matuto. Elle mesmo, que nascera a 1.200 kilometros da costa, numa terra, onde o ponto mais proximo da estrada de ferro ficava a mais de tresentos kilometros aquem, elle mesmo ouviu dos patricios sertanejos o desejo nostalgico de attingir o mar longinquo.

Certo, alguma razão natural ha para este facto, e, sem ser preciso remontar á origem de todos os seres vivos nas aguas maternaes do oceano, não é fóra de proposito conjecturar que o simples aspecto dos rios, imagem das coisas que se vão para além, e com que vivem sempre em contacto os sertanejos, é sufficiente para gerar nas suas almas simples e impressionaveis o desejo de ver um rio maior, um rio cujas margens desapareçam na visão soberana do céu e do mar, confundidos na curva do horizonte. Os canoeiros do S. Francisco e do Parnahyba mandam, cantando nas suas melancolicas tyrannas, ás aguas que vão descendo, saudades do mar distante.

O mar para Affonso Arinos era mais do que isso: era o symbolo da Patria, quando embalava a marinha brasileira; mas era, sobretudo, "a mais larga e potente expressão da eterna e incessante aspiração humana para a liberdade". E ainda: "condemnado pela natureza a uma neutralidade perpetua, o mar concretisa a idéa de logradouro commum de todas as raças, o ideal nunca attingido, mas sempre desejado, de solidariedade humana". Atravessando-o muitas vezes, desde 1895, o sonhador itinerante via tambem nelle a estrada franca por onde o seu espirito, avido de saber, sedento de arte, curioso de bellezas, ia receber de perto



os influxos da civilização do velho mundo, dos seus monumentos, das suas obras primas, e, no proprio theatro recordar as scenas da historia que elle aprendera nos livros e ensinara algum tempo no Gymnasio.

O que se apprehende, á primeira vista, no estudo desta curiosa e peregrina organização, é o seu grande pendor para as viagens, o seu genio de forasteiro por mares e sertões. Dir-se-ia que uma poderosa impressão de viagem lhe ficou na alma desde a primeira infancia. Filho de antigo magistrado, talvez participasse, nos verdes annos da vida, das peregrinações paternas por mais de uma comarca do sertão. De uma dellas se sabe ter nascido a laureada *Memoria* que abriu as portas do Instituto Historico Brasileiro ao seu venerando Pai, senador Virgilio de Mello Franco, grande e culto espirito, que podia, por si só, pela lei da herança, explicar o alto valor intellectual do filho, e, particularmente, a sua indole inclinada á observação das scenas da vida sertaneja. Chego a presumir que seria elle, o autor do *Pelo Sertão*, um sertanista intrepido, um batedor de florestas como Roosevelt ou Rondon, devassador de regiões inéditas na geographia, pacificador de tribus selvagens, como Marlière, ethnographo e chronista das selvas si, de um lado, factores do seu meio social, que nelle actuaram bem cedo, e, de outro, a sua imaginação e congeneres faculdades de impulsão transcendente, não o fizessem, antes de tudo, um homem de letras, um estheta, um criador de arte. Em Affonso Arinos, o homem, o patriota, o profissional, sem que perdesse a melhor essencia cada um destes aspectos, tinham o revestimento do Artista, na significação mais delicada que esse termo comporta. Os seus sentimentos intimos, a sua moral superior, as suas crenças religiosas, que as tinha do mais orthodoxo catholicismo, transformavam-se em criações literarias, contos e scenas, cujos protagonistas e comparsas, primam por grandes qualidades, por acções heroicas e, devido a um phenomeno de psychologia reflexa, a sua bondade natural adorna quasi sempre a alma dos simples. Espontaneamente virtuoso, elle espalhou um grande clarão de virtudes por todos os seus trabalhos, onde se respira um ambiente saudavel e a propria cultura da força physica se exerce para a reivindicação do bem, para as renunciias exemplares, para as dedicações abnegadas.

Paira sobre todas as suas criações um grande nimbo de piedade humana, que é o proprio fundo da natureza de Arinos.



E é por um retrahimento instinctivo de modestia e ao mesmo tempo por uma expansão consciente de generosidade; que as boas qualidades, que eram delle, se acham aureolando individuos de condição inferior, elevados desta sorte, como os miseraveis de Victor Hugo, á altura de heróes, super-homens ou santos. Em *Joaquim Mironga* vemos, com emoção crescente, o amor desinteressado do capataz rude pelo *sinhô môço*, chorando pranto copioso, quando, ferido, este expirava nos seus braços, e, sem palavras para narrar mais tarde aos seus companheiros esse desfecho tragico, apenas pôde balbuciar com ternura:

“Lá naquelle campo azul, junto com os anjos, pastorando o gado miúdo...”

Quem não se recordará da empolgante narrativa — *Pedro Barqueiro*, em cujo desenlace, o invencivel creoulo fugido se transfigura num heróe magnanimo, para perdoar ao algoz da sua liberdade, por ter este revelado intrepidez e valor? E’ o genio da cavallaria na natureza inculta do sertão, nobilitado pelo punho generoso do romancista.

Como estes, podíamos enumerar outros episodios e passagens, em que se desenvolve a preocupação do escriptor — de elevar a indole, exaltar a virtude selvagem e o valor physico dos homens do interior. As proprias paizagens, que, na realidade, são quasi sempre asperas e hostis nestas regiões, através da fantasia de Affonso Arinos avelludam-se em aspectos de bondade hospitaleira e acolhedora: o que não admira, porque elle proprio, habituado aos frouxeis do leito em habitações confortaveis, achava prazer em passar, contemplativamente, uma noite estirado, em rancho aberto, sobre um couro de boi!

Antes de os escrever, vivia, por assim dizer, os seus contos, impregnando-se dos influxos do meio em que ia fazer agitar as figuras das suas narrativas, dos seus dramas e desse curioso e original romance colonial — *O Mestre de Campo*, cujos fragmentos publicados excitaram os mais vivos applausos da imprensa e dos leitores. Em excursões longinquas, a pé, a cavallo, ou vogando pela corrente dos rios, embrenhava-se pelos sertões, onde passava muitos dias, e comprazia-se na convivencia dos homens rusticos desses logares, ou, proseguindo na sua jornada aventureosa, ia contemplar no chapadão longinquo, triste sentinella do



deserto brasileiro, o *burity perdido*, de pé, imagem da resistência organica ás intemperies mortíferas, imagem tambem do character perseverante e vivaz do peregrino evocador do deserto.

Quanto á sua feição patriotica, manifestou-a durante a sua brilhantissima carreira de professor de historia, de jornalista, de prelector, de ensaista, sempre com a mesma preocupação de elevar e engrandecer a natureza e os filhos do interior do Brasil. A sua conferencia sobre a *Unidade da Patria*, realisada em Bello Horizonte, ha mezes, e logo incorporada, por voto unanime da Camara Federal aos seus *Annaes*, é um grito de protesto contra os máus processos politicos em que se tem agitado o paiz, e, a'o mesmo tempo, um hymno de fé á capacidade do povo brasileiro. Mezes antes já em S. Paulo, numa serie memoravel de palestras, evocara o genio popular da nossa terra, cujo *folk-lore* desvendou com extraordinaria riqueza de observações pessoaes, colhidas nas suas longas excursões pelo interior. Conhecedor profundo da historia nacional, não ligava comtudo á historia uma importancia capital, no seu aspecto de chronica documentada e erudita, que, no seu conceito, é apenas "privilegio de um nucleo de eleitos". Para o povo, propriamente, a historia real não é a que succede, mas a que se cria, e no fim dos tempos é a definitiva, "porque paira sobre o formigueiro humano como uma poeira de astros". Vale bem reler e reproduzir com as proprias palavras, o famoso trecho do *Discurso*, acima citado: "E' ella, a lenda, que se infiltra nas massas, repassa os corações, germina, desabrocha, folga nos folguedos, canta nos cantares e chora na dôr e no luto; irmana-se com os homens e os outros seres, irradia, etherisa-se, brilha no astro, rescende na flôr; é, finalmente, a historia pela poesia, a unica historia capaz de vulgarisar-se e de ser possuida pelo povo. São os poetas os que sabem exprimir o ideal que a imaginação do povo acaricia; heroes os que podem realisar esse ideal".

Foi assim praticando que á authenticidade do testamento do irmão Lourenço de Nossa Senhora apontando-o como um humilde camponio portuguez, emigrado, e, em virtude de um voto piedoso, tornado ermitão, preferiu a lenda, muito corrente ainda entre os habitantes da zona convizinha, que advinhava nesse asceta mysterioso o disfarce de um fidalgo da familia Tavora, proscripto e perseguido atrozmente pelo Marquez de Pombal.



Fale o proprio coração desse grande poeta da bondade: "sem a lenda, como poderíamos evocar a angustia do misero ou perpetuar o heroismo do pequenino?"

Sem embargo dessa preferencia confessada, foi Affonso Arinos um dos mais avidos investigadores de documentos que tenho conhecido. Commigo, algumas vezes, no Archivo Publico Mineiro, passou horas incontaveis revolvendo papeis, manuseando cimelios, registando datas, tomando notas de nomes em sesmarias, cartas e ordens regias e outros actos. O seu grande busto senhoril inclinava-se sobre o papel carcomido da pelilha e dos seculos, os olhos apertados pelo esforço muscular da visão attenta, e desta posição só se erguia, depois de satisfeita a sua curiosidade, ou se era surpreendido pela hora regulamentar do fechamento da repartição.

Quando se lhe deparava algum episodio denunciador de curiosos costumes, de um rasgo de força, de energia ou de generosidade na chronica do paiz, não continha um gesto de satisfação, e com aquelle sorriso, que lhe era tão caracteristico á bondade do semblante, repetia a passagem e commentava-a de modo favoravel á nossa nacionalidade e aos usos e costumes antepassados. De outras vezes, não lhe satisfazendo á pesquisa a versão deparada nos documentos, punha-se a meditar, voltada a cabeça para a janella do gabinete, olhos fitos na serrania, que dahi se descortina, os dedos da mão esquerda acariciando a barba do mento; e assim, longos minutos ficava nessa apparente abstracção, mas verdadeira e profunda meditação, de que não raro despertava com a solução historica almejada.

Este deficiente esboço mais lacunoso ainda seria, se eu não accentuasse aqui que Arinos amava, depois da sua patria, a Portugal, como o principal factor da nossa raça; admirava na tradição lusitana o genesis da nossa formação mental e do nosso character, e nas suas diligencias de investigador, partilhava o seu carinho com o brasileiro e o portuguez de antanho.

Bem quizera mostrar, em minuciosa analyse literaria, o grande valor do *Pelo Sertão*, das *Notas do Dia*, dos *Jagunços*, do *Mestre de Campo*, do *Contractador de Diamantes*, e de muitos outros trabalhos esparsos, uns ineditos, outros já consagrados pela publicidade. Façam-no os criticos, como o merece o alto valor dessa obra que ficou de um dos maiores escriptores da nossa lingua.



O momento actual é confuso e tumultuoso, para que se possa discernir no seio das letras o lugar que definitivamente cabe á producção de Affonso Arinos. A sua individualidade, porém, prima, sem competição de qualquer outra, no aspecto literario que assumiu.

Os seus quadros são inconfundiveis pelo forte colorido. As paizagens vivem, os personagens são animados de expressões, nas quaes palpita, em cada um, a paixão característica do papel que representa no drama ou no conto. Ha alli vibração, movimento, alma, e ainda mais: a *actualidade* sempre flagrante das obras de arte que não perecem.

Nem perecerá o grande Artista, emquanto, sob o Cruzeiro do Sul, que elle tanto amou, si entenderem os corações e as intelligencias no idioma dos *Lusiadas*.

* * *

Fui amigo de Affonso Arinos. Conheci-o em Agosto de 1891, na velha Capital de Minas. E' decorrido um quarto de seculo. Nesse espaço de tempo só lhe descobri virtudes na grandeza do coração e na limpidez da alma. Generoso, abnegado, ás vezes sublimemente esquecido de si, para acudir aos outros, não teve tempo para ser mau. Abençoado o leite materno, que enfibrou este forte, que foi um santo.

Saudosissimo Affonso!

A ultima vez que gozei da sua querida companhia foi abraçando-o ha mezes, no Rio, á porta do Syllogeu, depois de uma das sessões semanaes da Academia.

Separando-nos, então, mal podiamos pensar, elle e eu, que essa linha ideal do Equador, tão anciosamente desejada pelos que regressam do velho mundo á Patria, elle a ia, desta vez, transpor somente na ida!

AUGUSTO DE LIMA.

RECORDANDO...

A amizade affectuosa que sempre me ligou a Affonso Arinos data do remoto anno de 1894.

Leccionavamos ambos no *Externato do Gymnasio Mineiro*, em Ouro Preto, e, como um dos rebentos abençoados da sementeira que, semeadores do ensino, lançavamos no mesmo sulco, brotou nossa camaradagem que, dahi em diante, cresceu, bracejou, floriu e fructificou, mergulhando raizes vivazes nesse passado longinquo e pompeando a pujança de sua fronde nas alturas onde moram os ideaes.

Dessa amistosa convivencia dos tempos de moço, nasceu, para mim, maior do que minha grande admiração por seu privilegiado talento, meu culto ardente pela bondade excelsa que lhe enchia o coração magnanimo e amplo.

Essa bondade que o extremava, soberano, era o reflexo fiel da alegria serena e communicativa que lhe illuminava a larga face sincera e franca, a que os olhos vivos e finamente ironicos imprimiam um encanto irresistivel. Dir-se-ia que Arinos tomára para si, como divisa, o conselho dado por São Bento a um noviço impaciente: "*Labora et noli contristari*".

A alegria, essa grande força da alma que Michelet considerava a quarta virtude divina, sem a qual a humanidade não comprehende a sympathia, nem o amor, — era, em Arinos, um dom tão natural, tão espontaneo e tão poderoso, que bastava a gente pôr-se, durante alguns momentos, em contacto com o seu superior espirito, para sahir dessa convivencia como dos festins de Platão, com a alma nutrida e fortificada.

Possuia sua presença um attractivo tão prendedor que se poderia applicar á mesma, o verso de Carlos de Orléans a Bonne d'Armagnac: "*Dieu! qu'il fait bon la regarder!*"



Na verdade, olhal-o fazia bem á gente, não havendo exagêro em affirmar-se que era salubre aquelle riso claro e acolhedor, que, como vistosa flôr de sympathy, se debruçava, perenne, de sua bocca amplamente rasgada em traços fortes, de uma franqueza energica e nobre.

Um homem assim, tão magnificamente dotado, que possuia e que cultivava, com tanta graça, *o dom divino de rir*, era, certo, uma preciosidade rara, numa época, como esta nossa pobre e triste época, em que sentimos murchar a alegria *san-que era a mãe da bondade nacional*, e na qual, como escreveu um publicista contemporaneo, depois de termos arrasado tudo, na philosophia, na religião, na politica, na moral, sentimos que ha um desabrigo geral e que nos chove no coração.

Com que funda saudade revejo, agora, através das nevoas do passado, aquelle tempo ditoso em que, no antigo *Gymnasio Mineiro*, com Arinos e com Affonso Brito, examinavamos a lingua patria a candidatos á matricula nos cursos superiores! Quanta ironia esfusiante, quanto commentario jocoso, quanta observação elevada, quanta pilheria, quanta sciencia, não ouviam as grossas paredes do velho casarão, partidas dos labios daquelle professor tão joven ainda e já tão sabedor! Com que encanto, com que finura, com que prodigalidade, derramava elle a poeira de ouro de sua graça alada!

Como tão presto te esvaiste, ó tempo jocundo! Como o sublime panegyrista do visconde de Taunay, eu direi tambem que, filha do tempo e fundação do pó, a mocidade passou; e a poesia das coisas, que era a nossa propria alma transfundida nellas, lá se foi, como um raio divino da vida universal circular de novo nas veias da primavera, eternar os esponsaes da natureza joven. Como é que nos havemos de consolar, ó doce musa da vida, de te não poder mais sentir, nem adorar?

* * *

Nessa época, fazia eu parte da redacção d'“O Estado de Minas”, jornal meio-politico, meio-literario, que se publicava em Ouro Preto, sob a direcção de meu irmão Antonio Olyntho.

Sabendo, pelo proprio Arinos, que elle possuia, inéditas, algumas paginas literarias, pedi-lhe que me fornecesse algumas dellas, para o nosso jornal.



Tendo elle me promettido uma das mesmas, de nome — “Rôla encantada” — no dia seguinte, dirigiu-me uma carta, que ainda conservo entre meus velhos papeis e que reli hoje, com os olhos empannados pela saudade. E’ a seguinte:

“Ouro Preto, 39 de Dezembro de 1895.

Caro amigo.

Ao chegar á casa, tive a decepção de verificar que a “Rôla encantada” — havia ficado entre as garatujas confiadas ao Laemmert.

Querendo, entretanto, provar-lhe meu desejo de corresponder a seu pedido, remetto-lhe uma variedade, coisa antiga, de meu tempo de estudante, que, por acaso, achei entre os papeis.

Não quero, entretanto, assignal-a, porque, como se vê logo, são ardores do periodo que já vae longe, dos dezoito aos vinte annos. Peço corrigir com o costumado esmero essa pagina daquelle tempo inolvidando e dispôr sempre do amigo muito affectuoso

Affonso Arinos.”

Quanta modestia e quanto desprendimento!

Essa pagina, que sahi publicada no “Estado de Minas”, n. 433, de 5 de Janeiro de 1896, sob a assignatura de G. C. (iniciaes de *Gil Cassio*, pseudonymo com que Arinos firmou, posteriormente, outros escriptos), é a seguinte:

COLOMBINA

FOLHA SOLTA

A’ beira da estrada, na casinha rustica sombreada por duas laranjeiras que espargiam então perfume fresco e suave pelos quartos pequeninos, ahi, á beira da estrada, vieste pousar um instante, mimosa Colombina. Livre dos olhares indiscretos, livre do preconceito que te constringe a expansão do genio irrequieto e folgazão, deixas ao corpo teu delicado o entusiasmo dos movimentos livres, a elasticidade que te dão estes musculos de vinte annos, fóra das laçarias, das pregas mil, dos apuros da “toilette” moderna. Com o busto coberto por uma blusa ampla, que deixa apparecer na manga arregaçada a brancura velludosa do antebraço, na golla baixa o contorno arredondado do pescoço, és mil vezes mais graciosa. Colombina, do que á luz das serpen-



tinhas e bugias de mil côres, atravessando entre um farfalhar de sedas e um borbórinho de vozes admirativas a vastidão ruidosa dos salões. Pela manhã, na pobre casinha rustica que te abriga hoje, encantadora Colombina, tens a graça petulante das marrecas de pennugem azul-dourada retoçando na lagôa quando atravessas a vereda estreita que desce ao corrego, com tua opulenta coma negra ao ar, encaracolando-se sobre a espadua, abrindo-se aos carinhos meio estouvados da viração. E, quando voltas do corrego com a cabelleira aljofrada, ao longe cuida-se vêr circumdando teu rosto oval uma extranha aureola de onyx com incrustações de perolas. Depois, ao sol, costumavas correr pela areia dos caminhos, de faces afogueadas e olhos brilhantes, até que a fadiga te faça descahir pensativa sobre a grande pedreira que fica á margem da torrente. E então, com o corpo em abandono e os olhares perdidos em acompanhar o vôo incerto de uma ave imaginaria, bem semelhas uma oreade dos tempos classicos da Grecia artistica, quando ao caçador que a sêde impelle ao riacho se depara a tua figura louçainha.

G. C.

Não é de admirar que, aquelle que, aos dezoito annos, já escrevia com essa graça e com esse colorido, — trinta annos depois nos dêsse aquella inteiriça peça oratoria, a *Unidade da Patria*, a qual (ai de nós!) foi o canto de cysne com que o glorioso filho de Minas, ha cinco mezes, se despediu da terra de seu amor e de seu orgulho.

Naquella magistral conferencia, cujos éstos grandiloquos e arrebatadores ainda nos resoam aos ouvidos, com a magestade épica dos eventos magnos, a nossa maravilhosa lingua portugueza, tão superiormente manejada por Arinos, adquiriu, passando por sua bocca, a nobreza e a perfeição dos velhos moldes classicos, a rijeza de um bronze da Samothracia, a pompa estonteadora de uma floresta dos tropicos e as fulgurações de uma aurora boreal.

* * *

E' tempo, porém, de terminar este pallido esboço de uma das multiplas faces da figura egregia do incomparavel amigo, que perdi, que perdemos, naquella manhã fatidica de 19 do corrente.

Meu intuito, nesta pagina de saudade, foi evocar, por um momento, a personalidade de Arinos ainda joven e estreiante na carreira das letras, onde, mais tarde, culminou, como figura primordial e representativa.



Vejo, porém, que o não consegui, como tanto desejava. Depo-
nho, pois, entristecido, a penna inhabil accrescentando apenas a
seguinte consideração:

Escrevendo sobre Anthero de Quental, disse Eça de Queiroz
que tão fortes qualidades moraes, fundidas numa graça tão capti-
vante, modos tão suaves e amoraveis servindo uma tal energia
pensante, faziam do primeiro uma personalidade magnificamente
consoladora.

A mesma coisa poder-se-á dizer de Arinos, applicando-se
egualmente a elle o que Eça escreveu de seu biographado, isto é,
que, no meio da mediocridade espiritual, e da inconsiderada ru-
deza dos costumes, e do materialismo argentario, os espiritos de-
licados encontravam na sua intimidade, e mesmo na sua fugidia
convivencia, um repouso semelhante ao que o corpo cansado e pi-
sado do calor, do pó, dos encontrões de uma feira de gado, re-
cebe ao penetrar na frescura e na elevação de um templo.

Bello Horizonte, 27 de Fevereiro de 1916.

AURELIO PIRES



A EXPANSÃO DA LAVOURA CAFEEIRA EM S. PAULO

A EXTENSÃO DAS PLANTAÇÕES NOS
ULTIMOS 25 ANOS. — INFLUENCIA DA
IMMIGRAÇÃO E DO PAPEL-MOEDA. —
OS MUNICIPIOS QUE MAIS PRODUZEM.
— A SITUAÇÃO ACTUAL E O FUTURO.

Teve o primeiro quinquennio republicano uma decisiva influencia na vida economica do Estado de S. Paulo. De improviso, num surto maravilhoso, expandiu-se a riqueza paulista, ao influxo de multiplas causas, todas convergindo para o mesmo fim.

Abolida a escravidão em 1888, veio a forçosa necessidade de augmentar a corrente immigratoria para o trabalho agricola. Sob o regimen das subvenções, largamente empregado pelo Governo Federal, a immigração européa tomou extraordinario vulto. De modo que, de 1890 a 1896, o Estado recebeu mais de 600 mil immigrants, — quasi a metade da sua população nessa época.

Capital abundante forneceram-no, ao mesmo tempo, as emissões de papel-moeda, levadas ao abuso. A circulação fiduciaria do paiz, de 198.815 contos em 1889, já havia subido a 336.730 contos um anno depois, em 1890. Em 1895 montava ainda a 787.464 contos e desencadeava todas as suas poderosas consequencias de ordem economica.

Assim, conjugaram-se sobre a terra fértil, abundantes e faceis, os dois principaes elementos da producção — o homem e o capital. Da harmonia dos tres brotou um verde oceano de cafezaes, que subverteu florestas virgens, recobriu vastas regiões e derramou pelas vias-ferreas a torrente periodica das volumosas colheitas de café. E, a espaços, nas ondulações desse mar esme-



raldino, fluctuou a brancura de cidades prosperas, enriquecidas pela preciosa rubiacea: Ribeirão Preto, S. Simão, Sertãozinho, Cravinhos, etc., formando o mais rico centro cafeeiro de todo o mundo.

Os altos preços do café, nesse periodo, asseguraram o incremento das plantações. Em Santos as cotações por dez kilos chegaram a variar entre 11\$100 e 18\$000 em 1894, depois de terem estado a 5\$400 e 6\$130 em 1889.

Plantar café em S. Paulo foi uma irresistivel especulação como explorar ouro na California, em meados do seculo decimonono. Toda a gente quiz tentar fortuna comprando uma fazenda, frequentemente a credito, por preços excessivos. Ninguem se preocupava com o dia de amanha, que havia de ser das mais crueis desillusões.

Do progresso realizado pela nossa lavoura cafeeira, desde esse periodo até ao presente, dá idéa o seguinte quadro, mostrando, no fim de cada quinquennio, o total de alqueires occupados pelas plantações velhas e novas, o numero de cafeeiros produzindo e a producção em arrobas:

Annos	Area Alqueires	Cafeeiros produzindo	Producção Arrobas
1890—91	105.300	200.000.000	13.429.830
1894—95	157.894	300.000.000	16.429.944
1900—01	310.378	659.960.000	35.734.000
1904—05	361.572	688.845.410	36.355.828
1910—11	371.947	696.701.425	33.833.504
1914—15	422.372	735.444.350	36.826.030

Os algarismos relativos aos annos agricolas de 1890-91 e 1894-95 são simples avaliações porque a desorganização administrativa desse periodo não permittia a elaboração de estatisticas. Mas os de 1900-01 em deante são dados officiaes colligidos pela Secretaria da Agricultura

Por esses esclarecimentos, percebe-se que o total de cafeeiros em producção triplicou no decennio de 1890 a 1900. As colheitas, naturalmente, cresceram na mesma proporção, gerando no decennio seguinte a formidavel crise, que se procurou conjurar com a arriscada aventura da "valorisação", em 1906.



A depressão nas cotações, que em 1907-08 baixou ao mínimo de 2\$550 por dez kilos em Santos, determinou a paralyação das plantações até 1910. Neste anno, porém, melhorando nossas condições economicas pela entrada de capitaes estrangeiros e pela alta nos preços do café, recommçou o plantio, auxiliado pelas emissões da Caixa de Conversão. Desse anno até agora, os 400 mil contos de notas conversiveis acharam sua principal applicação na lavoura cafeieira.

Calcula-se que, de 1910 a 1915, plantaram-se no Estado cerca de 120 milhões de cafeeiros novos. Não devem, porém, exercer grande influencia nas safras, porque temos nada menos de 150 milhões de pés velhos, em plena decadencia, com mais de 25 annos de idade.

* * *

Actualmente os municipios que mais produzem café são os mencionados no quadro abaixo. Ahi só figuram os que possuem mais de doze milhões de pés, com as respectivas produções nos annos mais recentes:

<i>Municipios</i>	<i>Cafeeiros</i>	<i>Produção</i>	
		1913—14	1914—15
Ribeirão Preto	31.394.365 pés	2.542.950 @	2.467.400 @
Campinas	28.518.100 "	1.226.280 @	1.264.200 @
S. Carlos	25.049.200 "	1.036.457 @	1.665,180 @
Amparo	18.763.800 "	1.088.884 @	1.138.500 @
Araraquara	18.212.000 "	995.000 @	896.000 @
Jahu'	18.520.000 "	1.597.730 @	1.253.300 @
Jaboticabal	17.422.800 "	1.159.246 @	778.400 @
S. Manuel	16.800.000 "	1.552.840 @	920.800 @
Sertãozinho	14.750.000 "	1.123.160 @	832.120 @
S. Simão	14.520.000 "	867.800 @	842.170 @
Rio Claro	13.391.000 "	489.540 @	513.720 @
Botucatu'	12.328.500 "	739.690 @	560.150 @

Os dados acima indicam a capacidade productora dos municipios citados, numa safra grande e noutra pequena. Em regra, a produção de 1913-14 foi grande, salvo em S. Carlos, onde a



geada causou prejuizos sensiveis. A seguinte, de 1914-15, revelou-se fraca na maioria dos municipios e forte em S. Carlos e suas vizinhanças, porque a geada traz safra poderosa um anno depois da prejudicada.

Como se viu, Ribeirão Preto é, hoje, o principal municipio productor, sempre com mais de 2 milhões de arrobas. Já em 1901, com 22.611.286 cafeeiros formados e 4.666.394 novos, proporcionava 2.523.100 arrobas. Em 1904-05, elevados a 29.094.365 os cafeeiros, a colheita rendeu 2.040.036 arrobas, com a fraca média de 70 arrobas por mil pés. Em 1910-11 foram apuradas 2.316.154 arrobas. Em 1914-15, um pouco mais: 2.467.400 arrobas, colhidas de 31.394.365 cafeeiros.

A maior colheita de Ribeirão Preto, como no Estado inteiro, foi a de 1900-07. Então attingiu a 3.261.500 arrobas, ou mais de 112 arrobas por mil pés. E' provavel, porém, nunca mais produza tanto, porque os seus cafezaes, na maioria na qualidade Bourbon, estão enfraquecendo com a idade: já existem 6 milhões de pés em decadencia. A média dos seis ultimos annos varia de 84 a 77 arrobas por mil pés.

Pelo numero de cafeeiros, Campinas, a antiga "Princeza do Oeste", ainda é o segundo municipio. A produção, porém, variando pouco, fica inferior á de S. Carlos e Jahu, em razão do envelhecimento dos cafezaes e do esgotamento das terras. Ha vinte annos, em 1895, andava por 988.230 arrobas, quando se contavam 25.708.600 cafeeiros. Em 1900, taes arbustos, já em numero de 26.480.382, entregavam aos fazendeiros 1.245.266 arrobas. Em 1904-05 colheram-se 1.227.460 arrobas em 28.518.000 pés. Em 1910-11, sem mudança na quantidade de cafeeiros, 1.151.960 arrobas. Emfim, na safra mais recente, a de 1914-15, obtiveram-se 1.264.200 arrobas.

A produção maxima dos cafezaes de Campinas montou a 1.879.800 arrobas no anno de 1906-07, famoso em nossa historia economica: registrou-se então a média de 65 arrobas por mil pés. Depois disso, a media do municipio oscillou entre 40 e 45 arrobas por milheiro de arbustos, em virtude da velhice das plantações e do enfraquecimento do solo.

Possuindo lavouras excellentes e novas, Jahu era, ha quatro annos, o nosso segundo municipio cafeeiro. Successivos desmembramentos de seu territorio, porém, para a constituição de dois





FAZENDA DE CAFÉ EM JAHÚ



CASA DE MORADIA E TERREIROS NUMA FAZENDA DE CAFÉ EM JAHÚ



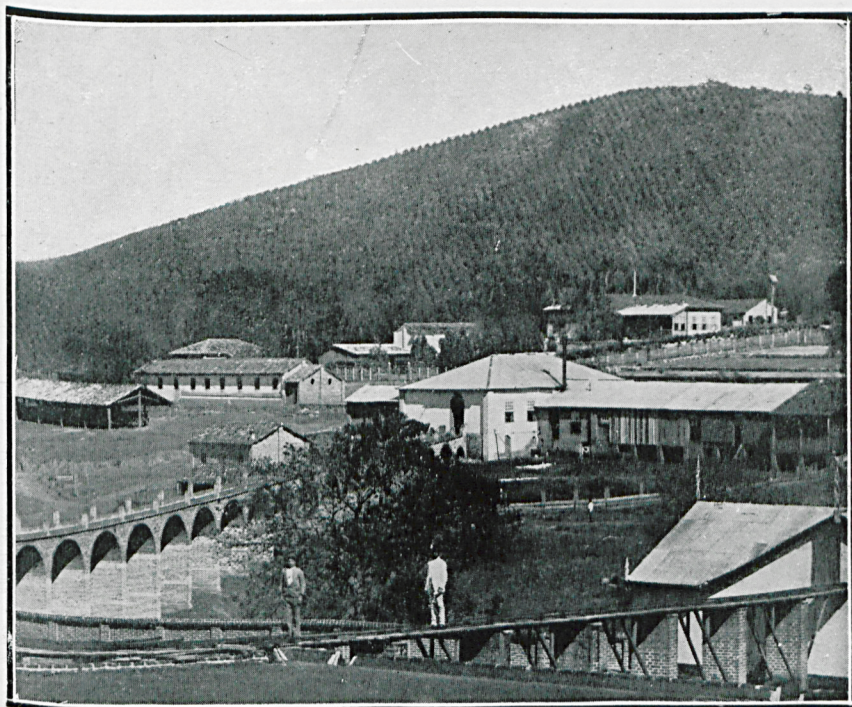
FAZENDA DE CAFÉ EM S. JOÃO DA BOA VISTA



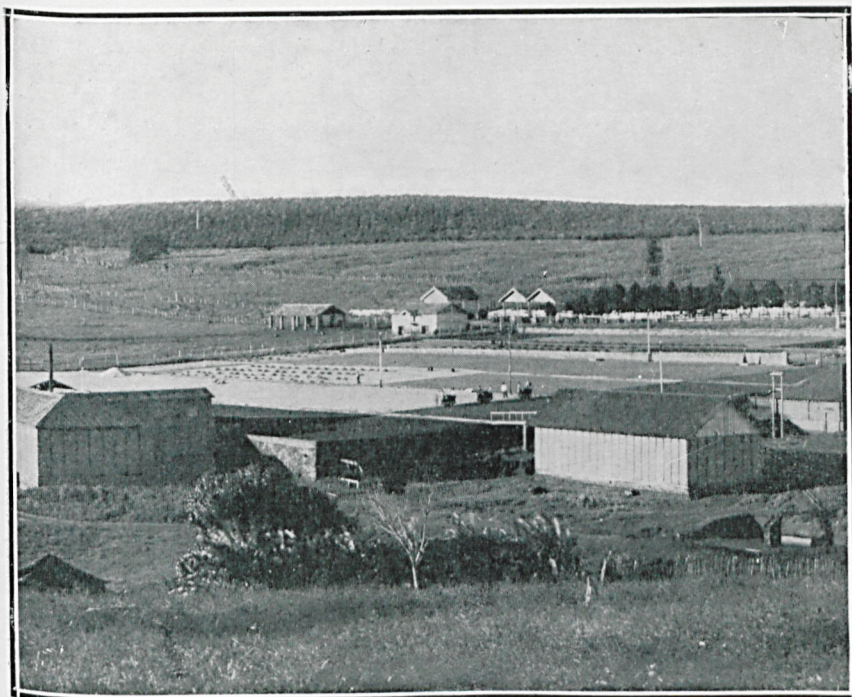
COLONA LIMPANDO UM CAFEZAL



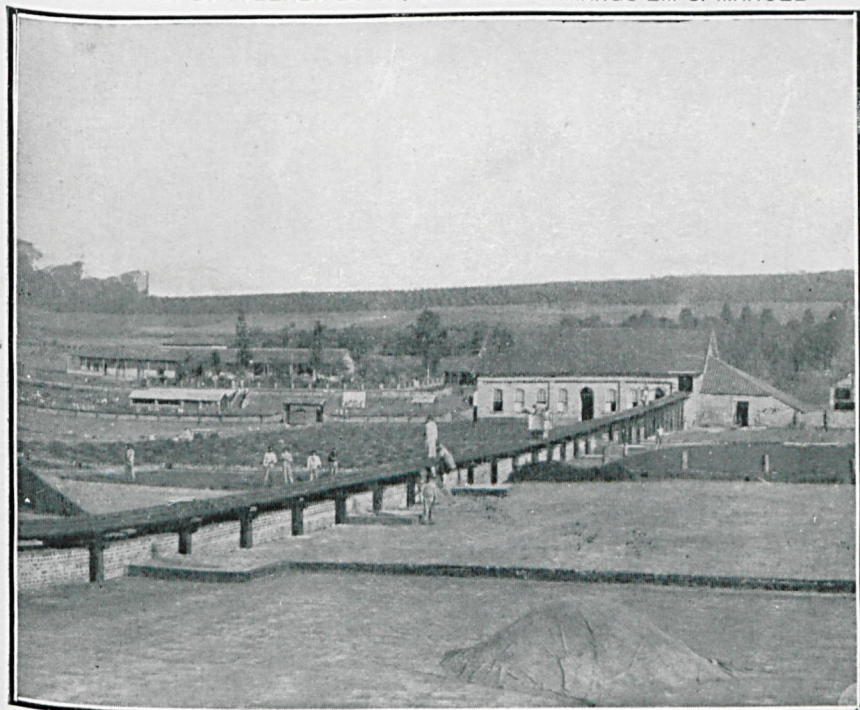
SECCAGEM DO CAFÉ NUMA FAZENDA DE ARRAIAL DOS SOUZAS
(MUNICÍPIO DE CAMPINAS)



FAZENDA DE CAFÉ EM S. JOÃO DA BOA VISTA



TERREIROS DA FAZENDA DO SR. LUPERCIO CAMARGO EM S. MANOEL



VISTA GERAL DE UMA FAZENDA EM SANTA SILVERIA (PALMEIRAS)

novos municípios, fizeram com que sua produção total se conserve ao redor de milhão e meio de arrobas nas safras fortes.

No ultimo quinquennio, a lavoura cafeeira se estendeu para a zona aberta á civilização com o prolongamento das estradas de ferro Paulista, Sorocabana e Norceste do Brasil. Bebedouro, Barretos, Bauru' e outros municípios de largos trechos de terras incultas povoaram-se de milhões de cafeeiros, que agora começam a produzir.

Neste ponto, levanta-se um grave problema para o povo paulista. Devemos continuar a cobrir nosso territorio com a preciosa rubiacea que fez a nossa fortuna em meio seculo? Seria arriscado opinar pela affirmativa. O augmento das safras desequilibraria nossa economia. Porque o consumo provavelmente não crescerá no proximo quinquennio, tendo de recahir sobre o café boa parte do peso dos onerosos compromissos trazidos á Europa pelo formidavel conflicto que a devasta de extremo a extremo.

Descobrir esta face da questão é o sufficiente para despertar nossa prudencia. Que ella não durma despreoccupada, sem cogitar das fataes consequencias da crise maxima da Humanidade.

PAULO R. PESTANA



A ORGANIZAÇÃO DO MEIO CIRCULANTE

A solução racional e integral do problema da circulação fiduciaria nunca foi objecto entre nós senão de medidas esporádicas e transitorias, nunca foi alvo de uma politica constante e permanente, através dos governos successivos. Ha mistér organizar a nossa moeda e o nosso systema bancario segundo os principios deduzidos da experiencia das nações civilisadas.

O conhecimento das leis inflexiveis que condemnam a nota não conversivel a uma baixa certa e a uma oscillação constante, os males proteiformes provenientes do papel moeda, que se manifestam com uma regularidade permanente em toda a historia, fizeram com que os povos modernos, instruidos pelas repetidas experiencias, procurassem em outros meios, que não na multiplicação desse papel, os recursos necessarios.

Graças ao desenvolvimento dos systemas de pagamento por meio de cheques, contas e compensações de banco, cheques postaes e outros, cada vez a moeda metallica entra em mais fraca proporção nas transacções commerciaes.

Com relação ao papel moeda um paiz civilisado tem a escolher entre os dois extremos — ou o bilhete do Banco da Inglaterra, reembolsavel em ouro a todo tempo, ou o bilhete da Republica da Colombia, que chega a perder 99 centesimos do seu valor nominal, em relação ao metal, não existindo probabilidade alguma de que venha jámais a ser reembolsado ao par do seu valor, variando a sua cotação diariamente em proporções inverosimeis.

Si pretendemos, pois, inscrevermo-nos no rol das nações civilisadas, é essencial e basico que organizemos um conjuncto de medidas, uma série de providencias que, em prazo mais ou menos



dilatado, constituam a reserva ouro indispensavel á conversão de todo o papel moeda existente.

Todos os passos da nossa vida economica estão subordinados a esse problema da conversibilidade do papel moeda.

Não ha paiz culto cuja politica não tenha constantemente em vista o tornar uma realidade monetaria o papel circulante, porque todos vêm nisso a ancora segura de todo o seu desenvolvimento.

O aparelho do fundo de resgate e fundo de garantia instituido entre nós e entregue á gestão administrativa fracassou completamente espatifado pela delapidação.

Aliás a experiencia de todos os velhos paizes prova superabundantemente que a solução de tal problema não pode ser entregue aos Governos.

A conclusão a tirar-se da historia de todos os paizes é sempre essa — que se resume na phrase do Presidente Grover Cleveland proclamando a necessidade de divorcio entre o Thesouro Publico e o Banco. Effectivamente si nos Estados Unidos as notas circulantes são fornecidas pelo Thesouro, este só lhes dá a garantia do Governo, mas não as lança em circulação por conta propria.

O Thesouro americano não faz senão attender as necessidades provadas das differentes regiões do paiz, fornecendo-lhes as quantidades de meio circulante que só os Bancos distribuem e mobilisam.

Não compete ao Estado a função de distribuir o credito nem regular a moeda fiduciaria. Compete-lhe sim o fiscalisar os estabelecimentos incumbidos dessa função. Compete-lhe determinar as normas a que se deva subordinar a circulação fiduciaria. Mas nenhum paiz civilizado o tem constituido guarda do stock ouro necessario ao funcionamento conveniente de seu sistema de emissão fiduciaria.

O estabelecimento da circulação metallica, a constituição do stock ouro necessario e a organização dos bilhetes conversiveis são, pois, questões que, através de todas as crises, precisam ser objecto de medidas permanentes e estaveis.

Nas tremendas crises monetarias dos Estados Unidos ficou provada a superioridade das organizações puramente commerciaes sobre as instituições administrativas, que em taes conjunc-

ponsavel encarregado de guardar uma reserva sufficiente para responder por todos os reembolsos que possam ser solicitados. Disseminando esta responsabilidade, accrescenta Stuart Mill, sobre outros bancos, chega-se a este resultado que nenhum se considera responsavel ou que si os effeitos da responsabilidade se fazem sentir em relação a um desses bancos, as reservas dos outros ficam constituindo um capital dormente, guardado em pura perda, inconveniente que se pode evitar dando a estes bancos a faculdade de pagar em bilhetes do Banco da Inglaterra.

A experiencia da Austria tambem conduz a egual conclusão. O desaparecimento total das notas de curso forçado marcou para esse paiz uma era nova. Mas para attingir a esse resultado foi indispensavel a organização bancaria, a que se refere Bilinski, quando dizia em 1907: "No curso dos ultimos oito annos uma transformação profunda se realisou na situação monetaria do paiz. Graças ao facto de que o Banco da Austria retirou os bilhetes do Estado e assegura hoje o serviço do reembolso em especie, elle se tornou o centro de todo o movimento monetario da monarchia. O Conselho do Banco acredita poder afirmar que os acontecimentos que se vêm de produzir nos mercados financeiros internacionaes produziram a mais completa demonstração de que só um grande instituto de emissão, poderoso no interior e acreditado no estrangeiro, é capaz de fornecer á Nação o apoio economico de que ella necessita".

Para isso não foi preciso que cada papel bancario tivesse o correspondente em metal no Banco, pois na Austria o encaixe deve representar dois quintos da circulação, proporção que na Allemanha é apenas de um terço.

Na Italia egualmente cada estabelecimento emissor tem um capital ou um patrimonio egual ao terço da circulação autorizada. A circulação pode exceder o limite legal sob a condição de ser coberto integralmente o excesso por moedas de força liberatoria ou metal não amodado. Os encaixes metallicos na Italia deverão consistir na proporção de dois quintos dos bilhetes e 33 por cento ao menos em moeda italiana de força liberatoria ou em moedas de ouro estrangeiras admittidas a circular no Reino.

Os portadores de bilhetes do Banco da Italia têm mais um direito de preferencia: a) sobre os bonus do Thesouro e outros titulos italianos; b) sobre as especies metallicas; c) sobre os ef-



feitos estrangeiros não applicados á reserva metallica; d) sobre os creditos que resultam dos emprestimos sobre titulos; e) sobre os effeitos italianos não immobilizados.

A proposito da reserva metallica observa Vector Bonnet que não se pode fixar um limite á relação da reserva metallica com os bilhetes, como não se póde fixal-o ao proprio credito: tal relação é susceptivel de variar segundo os paizes ou no proprio paiz, segundo as circumstancias. Hoje de 3|4, accrescenta elle, amanhã da metade, depois d'amanhã do terço e mesmo mais baixo o pode ser si o estado geral do credito o comporta. Não é a proporção mais ou menos forte da reserva metallica que constitue propriamente a garantia da circulação fiduciaria, mas a quasi certeza que se tem de que da quantidade fluctuante dos bilhetes ao portador, aquella que pode apresentar-se para reembolso não ultrapassará tal proporção e que uma reserva metallica igual a tal proporção é completamente sufficiente. Esta é a regra fundamental e não ha outras.

De accôrdo com esses principios de observação universal se conclue que a reserva metallica necessaria para a conversibilidade total do papel entre nós seria inferior á necessaria nos outros paizes, dada a extensão territorial do Brasil e a disseminação do seu papel moeda por todo o interior e, por essa forma, seguramente 30 % da reserva metallica seriam sufficientes para garantir a conversibilidade total do meio circulante.

Esses trinta por cento seriam facilmente alcançaveis em poucos annos de gestão financeira sem deficits, alienando o Governo os bens do patrimonio nacional que forem mistér. Esse patrimonio nacional tem bens que, por si sós, garantiriam a conversibilidade total do papel moeda, opportunamente alienados, com a vantagem de cessar o Governo de dar um pessimo exemplo de administração economica, supprimindo factores constantes de desequilibrio orçamentario, não sendo concebível que os interesses individuaes se possam contrapôr aos mais relevantes interesses nacionaes.

A prova de que nunca comprehendemos na sua essencia o mecanismo do bilhete bancario conversivel, de que nunca apprehendemos a efficacia de uma instituição de credito solidamente firmada para esse fim, está em que o proprio Murinho, quando não tinhamos senão 600.000 contos de papel moeda em



circulação, acreditava que para decretarmos a conversibilidade de todo o meio circulante eram precisos 50 milhões de libras ao cambio de 18 e 40 milhões ao cambio de 16, isto é, julgava que para cada bilhete em circulação precisava existir em deposito o valor correspondente em ouro.

A nossa Caixa de Conversão, si não fosse esgotada como foi pelos desperdícios e surpreendida pela conflagração, nos conduziria á accumulção de um stock de ouro sufficiente para garantia de todo o papel moeda. Mas ella nunca nos premuniria contra as catastrophes occasionadas pelas crises que são periodicas e necessarias na vida economica.

Benefica como estabilisadora do cambio e por permittir a vinda de capitaes estrangeiros, entretanto, só um grande banco emissor nacional, solido, estavel e acreditado, pode, em periodos de panico, supprir o paiz com o meio circulante preciso, de elasticidade desejavel.

Si predispuzermos em lei todos os elementos precisos, com todas as garantias contra as facilidades do nosso temperamento, em dez annos, digamos, mediante uma organização bancaria bem concatenada, poderiamos estar com todo o nosso papel moeda reembolsavel em ouro e ampliavel e restringivel de accôrdo com as necessidades da vida economica, isto si nos resolvemos afinal a acabar com o regimen dos deficits normaes, e si, outrosim, nos deliberarmos a sacrificar os bens do patrimonio nacional necessarios á consecução da mais relevante providencia da vida economica.

O paiz onde o meio circulante varia diariamente de valor, não tem moeda, quer dizer vive a vida primitiva da barbarie em que se soffria exactamente da falta de um instrumento estavel, de permutas, porquanto da moeda como bitola de valores não se requer senão fixidez.

A instabilidade do valor da moeda é a defraudação permanente, constante, em todos os negocios, de uma por outra parte, devida a esse elemento aleatorio a perturbar todos os calculos, todos os negocios, toda a vida social e economica.

Os Governos precisam entre nós abandonar a politica da intervenção a todo transe na vida industrial, sob o pretexto de fomento economico, pois que assim agindo elles nos têm sacrificado da maneira mais clamorosa. E' preciso, pois, que optem pe-

la função de assegurar a expansão natural da riqueza, garantindo-nos a actividade mediante a organização de uma sabia lei bancaria onde se concretisem as lições experimentaes do velho mundo, assim como mediante a eliminação dos entraves varios com que a administração vai obstando o desenvolvimento da produção.

E' o que nos impõe a necessidade de uma evolução estavel e segura, não perturbada pelas demasias de uma politica que querendo tudo abarcar tudo compromette.

O preconceito de que o Governo precisa ser o factor do desenvolvimento de todas as industrias, de que tudo a elle devemos pedir para o nosso progresso economico apoderou-se completamente da mentalidade brasileira e tem sido o causador das peores calamidades da nossa historia.

Quando, ao contrario, nos possuirmos da verdade de que o progresso todo do paiz deve ser o producto da intelligencia, da actividade de cada um de nós ou das corporações particulares, então o paiz iniciará a phase de seu desenvolvimento definitivo.

Nós tudo pedimos ao Governo e quando este por nos attender se desmanda em uma actividade proteiforme, anarchica e calamitosa, então passamos a culpá-lo de todas as desgraças provocadas a nossas instancias. E' um eterno circulo vicioso.

Mas si, entretanto, em todas as nações civilisadas, o bilhete bancario é o titulo por excellencia que se substitue á moeda e lhe poupa o uso, si elle supera á moeda com vantagens evidentes, si só elle, em momentos de crise, tem o sufficiente elasterio para impedil-a de alastrar-se, já é tempo, entre nós, de iniciarmos os passos necessarios á organização da instituição bancaria nacional capaz de funcionar em tempo como o regulador do meio circulante.

Organizar a nossa instituição emissora nacional e constituir-lhe o fundo metallico para a conversão de todo o papel moeda existente deve ser agora um dos intuitos primordiaes da politica constructiva, abstendo-se o Estado da politica de expansão economica para confial-a á actividade privada ou das administrações regionaes.

Realizando a conversibilidade do papel moeda nacional, a administração federal terá cumprido o seu primeiro dever, terá prestado o mais relevante serviço que della se pode esperar. En-



tretanto, é preciso prefixar em lei toda essa série de medidas que conduzam ao fim almejado.

Todos os paizes assim o fizeram. Para sahir do papelismo todos elles fixaram as normas precisas, determinaram os recursos, instituiram a organização precisa. Nós nos deixamos ir ao accaso, decretando para todas as nossas difficuldades expedientes provisórios, incapazes de legislarmos definitivamente para toda a vida nacional.

A superioridade e a necessidade de um instituto de credito e emissor, demonstra-o na situação actual de guerra o Banco da França assim como o Banco da Inglaterra, da Allemanha e da Italia.

E' incontestavel, pois, o dever de cogitarmos desse instituto por meio do qual possamos daqui a tempos retirar os bilhetes inconvertiveis existentes, substituindo-os por uma circulação bancaria san.

A necessidade da unidade nesse assumpto parece já ter sido reconhecida por todos os paizes. Essa tendencia produziu a criação do Banco da França, imprimiu uma nova orientação á circulação fiduciaria ingleza, fez substituir na Belgicã a Sociedade Geral e o Banco da Belgica pelo Banco Nacional, fez prorogar por um novo periodo o privilegio do Banco da Hollanda, dictou as disposições da lei austriaca e poz fim na Allemanha á fragmentação das soberanias em materia de bancos de emissão, como tambem nesse paiz eliminou a concorrência dos Bancos. A regularidade e a segurança da circulação não podem ser convenientemente asseguradas senão conferindo a um estabelecimento unico a faculdade de resgatar e emittir o papel moeda, regulando a sua quantidade de accôrdo com as necessidades do mercado nacional.

Essa instituição devêra ser, como nas melhores organizações conhecidas, um Banco em que o Governo tivesse a interferencia que o interesse publico exige, mas, por outro lado, contrabalança pela participação de interesses commerciaes, financeiros que não permittam os costumados abusos nas instituições subordinadas exclusivamente á administração publica, abusos que entre nós alcançam maior gráu.

Ao começar a funcionar o novo Banco Nacional Suisso, destinado a regular o meio circulante, dizia o Chefe do Departamento



mento das Finanças: "Nós esperamos que o nosso povo o cercará com a sua confiança, na certeza de que a posse de uma tal organização bem dirigida terá sobre a fortuna, sobre o credito, sobre os destinos da nossa patria, uma acção profunda e que ella será, com os seus recursos, com o seu encaixe metallico, com todo o seu mecanismo, o mais poderoso instrumento de defesa de nosso credito, de nossa segurança commum e o recurso supremo do nosso paiz nos tempos de crise e de perigo".

Na organização do Banco Nacional Suisso buscou-se assegurar a plena autonomia da instituição, subscrevendo os cantões e os differentes bancos tres quintos do capital e entregando-se os dois quintos restantes á subscrição publica, ao mesmo tempo que, na gestão interna se assegurava o controle indispensavel do interesse publico, mediante a participação de directores nomeados pelo Governo.

Mesmo a guerra actual veio demonstrar a necessidade para todos os paizes de possuirem uma organização autonoma dessa natureza. Sem o Banco da França, o Governo Francez não poderia financeiramente resistir ao desequilibrio resultante da situação. Hoje pode-se repetir a phrase de Thiers: "La Banque nous a sauvé, parce qu'elle n'était pas une Banque d'Etat".

Em Novembro de 1914 dizia uma circular do Banco da França: "O credito do Banco superou a crise terrível que a declaração da guerra e a mobilisação geral deviam provocar. A nossa emissão continua indiscutivel e plenamente garantida, é bem sabido, por uma reserva metallica intacta e por operações de credito sinceras e medidas".

Assim o Banco da França no primeiro periodo da guerra já tinha feito adeantamentos ao Estado no valor de 4.600 milhões de francos, podendo eleva-los posteriormente á somma de 6.000 milhões. O encaixe em ouro era na vespera da guerra de frs. 4.141.341.000 e servia de garantia a uma circulação de bilhetes no valor de 6.683.175.000. Em consequencia da guerra a lei bancaria foi suspensa, cessando transitoriamente a convertibilidade das notas e ampliando-se a emissão além do limite anteriormente fixado. Até Março de 1915 tinha sido elevada a circulação a frs. 11.109.468.000 ou quasi o dobro do encaixe, que por seu lado tinha augmentado de frs. 103.000.000, ficando elevado ao total de frs. 4.244.350.000.



Apezar de uma circulação superior em quasi o dobro do encaixe, os bilhetes do Banco da França, em vez de se depreciarem, chegaram a ganhar agio. Por isso dizia o Governador do Banco: "O que constitue a força desse credito é que todo mundo sabe que o Banco da França não está nas mãos do Estado".

Não ha paiz civilizado, não se concebe uma nação organizada sem uma instituição dessa natureza.

No nosso paiz infelizmente só temos legislado para o momento, ao sabor das circumstancias fortuitas, sob a pressão de factores urgentes. De 1808 a 1829 tivemos a unidade de emissão, fundando-se o primeiro Banco do Brasil. De 1829 a 1836 o papel moeda passou a ser emittido pelo Governo, que reembolsou o do Banco. De 1836 a 1853 tivemos a emissão simultanea pelo Thesouro e 10 Bancos, entre os quaes um novo Banco do Brasil. De 1853 a 1857 tivemos o monopolio conferido a um terceiro Banco do Brasil e suas succursaes. De 1857 a 1866 voltamos á pluralidade. De 1866 a 1889 novo systema de emissão pelo Thesouro, cujas notas substituiram as dos Bancos. De 1889 a 1892 novamente reaparece a pluralidade das emissões, outorgada a concessão a differentes Bancos, mediante garantia em parte metallica em parte de titulos. Em 1892 a emissão é restituida ao Banco da Republica. Finalmente em 1898 o Thesouro reivindica a função emissora. Não ha paiz que em assumpto de tão fundamental importancia tenha agido tão anarchicamente, chaoticamente.

A Caixa de Conversão não satisfaz a necessidade de regular e distribuir o meio circulante — é um aparelho automatico. Por outro lado não devemos insistir na experiencia original que fizemos de criar o fundo de resgate e de conversão do papel moeda, entregando-o ao Governo.

Já é tempo, pois, de iniciarmos o estudo, de lançarmos as bases da organização que virá substituir o papel fiduciario do Estado por um papel bancario estavel, garantido e honesto, capaz de gerar o credito e de permittir a ampla expansão da actividade nacional, evitando-lhe os cyclones que successivamente vêm destruindo o trabalho de tantas gerações. Nada edificaremos de estavel no dominio economico sem essa base indispensavel, embora leve annos a ser lançada.



Em varios paizes, como na Dinamarca, o Banco Nacional foi criado exactamente para retirar o papel moeda emittido pelo Governo. No paiz referido a lei de 12 de Julho de 1907, que renovou ao Banco o monopolio da emissão, por trinta annos, elevou ao mesmo tempo a proporção minima do encaixe á metade da circulação, estabelecendo como regra da emissão que a parte do papel moeda que não é representada pelo ouro ou por creditos em ouro enumerados na lei, deve ser coberta, á razão de 125 %; por um activo facilmente realisavel, devendo tres quintos do encaixe consistir em moedas de ouro ou em ouro em barras.

Na Belgica o Banco Nacional foi fundado graças á energica vontade de Frère Orban, com o intuito, como declarava elle, de "separar dos negocios industriaes o desconto e a emissão, estabelecer a unidade na circulação do papel moeda e *atingir o mais cedo possivel a conversibilidade do papel moeda*".

Assim a faculdade de emittir o papel moeda, que vem em parte substituir o numerario metallico e augmentar a circulação, foi entregue só ao Banco Nacional.

Na Belgica foram bem comprehendidas na organização do Banco Nacional as intervenções respectivas do Governo e do interesse particular. Dizia um dos relatores do projecto convertido em lei: "E' preciso subtrahir o credito privado, tanto quanto possivel, aos abalos que soffrem os governos; não se pode contar muito com a sabedoria dos homens de Estado para acreditar que, nos momentos de difficuldade, elles não disporão de recursos que estariam á sua completa discrição. E' preciso reconhecer, como condições de uma solução completa do problema não só a necessidade da intervenção do Estado como a necessidade da intervenção do interesse privado. O Estado intervem para criar a instituição, impôr-lhe condições de solidez acima de qualquer perigo; confia-lhe seu serviço financeiro, entrega-lhe seus fundos disponiveis e determina as regras da emissão da moeda fiduciaria, de maneira a dar uma segurança completa aos que a aceitam, segurança de que elle dá o exemplo recebendo essa moeda em seus guichets. A autoridade privada intervem sob a forma de uma sociedade de que um capital sufficiente garante as operações; esta sociedade assume o serviço financeiro do Estado e se incumbem, nos limites que lhe são traçados, concomitantemente com o emprego do seu capital e outros fundos que lhe

são confiados, da collocação tanto dos fundos disponiveis do Estado como dos que resultam da emissão fiduciaria”.

Os resultados obtidos com a organização do Banco Nacional da Belgica são os mais notaveis, tanto nas suas relações com o Thesouro como na mobilisação da riqueza publica.

Não obstante tem sido criticada a fraqueza do encaixe metallico do Banco Nacional da Belgica. Assim em 1910, por exemplo, era consideravel a differença da cobertura dos bilhetes belgas em relação aos dos outros grandes institutos de emissão. Ao passo que na Inglaterra o metal representava 145 % da circulação, na França 82 %, na Austria 79 %, na Italia, na Hespanha, na Allemanha 69 %, na Suissa 66 %, na Rumania e na Hollanda 50 %, entretanto, na Belgica, o numerario em especie se limitava a um quinto dos bilhetes. Addicionando-se-lhe, porém, os valores em titulos estrangeiros, a garantia do papel moeda se elevava a 38 %. Assim como esse, os outros elementos do activo do Banco Belga eram tão solidos, que não offereciam perigo algum. Eis como a perfeição da circulação bancaria demonstra que os bilhetes podem deixar de ser simples titulos de deposito, para representarem tambem valores de carteira commercial, dada a solidez e o credito da instituição.

No nosso paiz já é sufficiente a experiencia feita entregando a realisação da conversibilidade do papel moeda ao Governo.

Da demonstração da conta dos fundos de garantia e de resgate no Thesouro, segundo a mensagem de 1911, consta que a receita do de garantia, de 1900 a 1911, accusa um activo de.... 111.214:372\$000, equivalente a L. 12.511.616-17-47, e de resgate um activo de 47.567:997\$543. Addicionado isso aos depositos da Caixa de Conversão era o bastante para já termos a circulação conversivel integralmente no paiz.

Entretanto, tudo isso foi espatifado. Deduzindo-se 30.000 contos applicados em incineração, todo o restante e o mais que tem sido arrecadado da renda com applicação especial, desapareceu no vortice dos desperdicios, só tendo representação na escripturação do Thesouro.

Ora, com semelhante mechanismo assim funcionando á disposição dos desmandos politicos nunca realizaremos na vida nacional a conversibilidade do papel moeda, conhecida através de toda a historia do nosso paiz, a influencia deleteria do partida-



rismo militante, a facilidade com que se desvia e falsêa a aplicação das leis mais bem concebidas.

O Congresso Federal bem andaria nomeando uma Comissão especial para estudar o assumpto que, mesmo através das peores crises, não pode deixar de ser elucidado e encaminhado.

MARIO PINTO SERVA



A RIMA E O RYTHMO

LIÇÕES PROFESSADAS
NA ESCOLA DRAMÁTICA

(Conclusão)

O rythmo, sim, é que é indispensavel ao verso, e é quasi todo o verso. Sem rima ou sôltos, nossa lingua admite versos, e ás vezes excellentes, como nos passos citados; sem rythmo os que se imaginarem, não passarão de prosa e mal ordenada e chilra. Assim que os do exordio do *Uruguay*:

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos e impuros,
Em que ondêam cadaveres despídos,
Pasto de corvos. Dura ainda nos valles
O rouco som da irada artilharia,

nem versos serão nem soffrivel prosa se lhes alterarmos o rythmo ou deslocarmos as pausas ou accentos musicaes, dizendo:

Nas praias desertas fumam ainda
Lagos tepidos e impuros de sangue,
Em que ondêam despídos cadaveres,

e nesta ordem, ou desordem, os mais que se seguem.

Mas que é o rythmo?

Aristides Quintiliano define-o “um systema ou reunião de tempos, dispostos de accôrdo com certa ordem”, o que em mecnica ou em acustica se póde traduzir, segundo R. de Souza, como “a regularisação mais ou menos absoluta do movimento.”



Para André Bello, em sentido geral é “uma symetria de tempos, assignalada por accidentes perceptíveis ao nosso ouvido”.

O autor dos *Problemas de Esthetica Contemporanea* fal-o originar-se da emoção, e apoiado em Tyndall e Spencer, busca explical-o, lembrando a lei da *diffusão nervosa*, devido á qual, a excitação produzida no cerebro se propaga aos membros, como a agitação em aguas onde cahiu um projectil.

“Nos casos de simples impaciencia ou inquietação, diz M. Guyau, ou vamos e vimos andando compassadamente, ou se estamos sentados, bambaleamos a perna em cadencia, ou com os dedos tamborilamos numa superficie.

No soffrimento physico, e não raro no moral, o corpo inteiro se agita, e se a dôr ou a emoção não é assaz violenta, adquire um balanço regular, procurando regularizar a propria agitação. Grandes jubilos impellem-nos a saltar e dansar.”

Observa o mesmo auctor que iguaes phenomenos occorrem nos orgãos da palavra. Esta, em virtude da excitação nervosa, adquire suas melhores qualidades de força e rythmo. E’ o que se nota desde as praticas simples ou a simples conversação até aos discursos ou sermões proferidos na tribuna ou no pulpito. Na especie ou ponto especial que nos occupa, a noção de rythmo é inseparavel da de accentuação. O accento é elemento essencial ao vocabulo. A syllaba accentuada em relação ás atonicas exerce uma especie de suserania; entre estas — o simile é de Mendez Bejarano — ella resalta como o castello feudal em meio ás vivendas pobres dos vassallos. Por via de regra duas syllabas igualmente accentuadas representam dois vocabulos distinctos. Se ao pronunciar a palavra *enormidade*, accentuarmos igualmente a segunda e a penultima syllabas, resultarão dois vocabulos distinctos: *enorme* e *idade*.

Para que sôe como uma só palavra, é indispensavel que uma das syllabas se accentue mais do que as outras. E’ mais ou menos o conceito de Coll y Vehi, que exemplifica no hespanhol com vocabulo semelhante. Se ao tocar um tambor, diz o auctor dos *Dialogos Literarios*, eu dou igual intensidade a todos os sons, cada um destes sons constitue uma unidade independente; mas se dou um golpe forte e outro fraco, e assim successivamente, os sons se agruparão de dois em dois; se dou um golpe forte e dois fracos, agrupar-se-ão de tres em tres; se um forte e tres



fracos, o agrupamento será de quatro em quatro. Se em vez dos sons inarticulados do tambor, tratar-se de sons articulados ou syllabas, no primeiro caso as palavras serão monosyllabas, no segundo disyllabas, no terceiro trisyllabas, no quarto tetrasyllabas. E' caso elementar de prosodia. Duas ou mais letras se fundem em um unico som e constituem uma syllaba, e duas ou mais syllabas, ligadas pelo accento prosodico, constituem um vocabulo. Com os vocabulos se formam expressões, phrases, clausulas; com as clausulas grupos maiores, e com estes outros maiores ainda. Mas para que dois ou mais vocabulos formem um todo, expressão ou phrase; para que duas ou mais phrases formem um todo superior ou clausula; para que duas ou mais clausulas formem um grupo, e dois ou mais grupos outros grupos superiores, — na phrase, na clausula, no grupo inferior, no grupo superior, e finalmente no discurso ou poema deve haver unidade que enlace as diversas partes, e essa unidade deve manifestar-se exteriormente. Do mesmo modo como estão encadeados os sons de uma syllaba ou vocabulo, devem estar os da phrase, os da clausula e os do discurso ou poema. Os aneis mysteriosos que em uma composição musical entrelaçam as myriades de sons, são, além das proporções melodicas e harmonicis, os *rythmos de tempo* e *de accento*. Estes mesmos rythmos formam a trama da linguagem."

Não obstante terem todas as palavras um accento prosodico, succede que ao agrupar-se formando expressões ou phrases, alguns desses accentos sobrelevam e adquirem maior valor, outros se attenuam, desmaiam, senão mesmo desaparecem. Em cada uma destas expressões:

a luz magnifica do sol,
o continuo estrépito das vagas,

nota-se um accento predominante, o qual na primeira está em *sol*, e na segunda em *estrépito*. E' de imprescindivel necessidade este accento, que prende os vocabulos ou phrases, ou a *unidade*, a que se refere Vehi, manifestada por meio de um som que prevaleça a todos os mais. E' este o accento chamado rythmico, tanto mais sensivel quanto maior a emoção que anima as palavras.

O rythmo da prosa e o da linguagem versificada se designam por nomes differentes: o da prosa, vago, livre e irregular, chama-se simplesmente *numero* ou *numero oratorio*. (Seu estu-



do é o objecto da arte ou nova sciencia designada por P. Pierson *metrica natural*). Ao da linguagem versificada, regular e preciso, sem que entretanto atinja as rigorosas proporções a que está sujeito no canto, dá-se o nome de *numero poetico*, *metro* ou *medida*.

Varia o rythmo com variarem as especies de versos, e ainda dentro da mesma medida, se se dêr deslocamento de accentuação.

Exemplos de versos do mesmo rythmo:

Ah! roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amôres,
Tuas flôres mal se abriram,
E cahiram de pesar!

(Silva Alvarenga)

Eu soffro, ó anjo, na cruel vigilia
O pensamento ainda redobra a dôr,
E passa louca de meu sonho a filha,
Soltas as tranças, a morrer de amor.

(C. de Abreu)

Exemplo de rythmo variavel, variando a medida dos versos:

Pela vasta noite indolente
Voga um perfume estranho.
Eu sonho... E aspiro o vago aroma ausente
Do teu cabelo castanho.

(Vicente de Carvalho)

Outro exemplo e de maior variedade de rythmos:

A primavera amplo tapete
Luxuriante estende
Pela planura, em torno; e do arvoredo a copa
De corymbos, festões e luz se esmalta...
Tudo percorre, a voar, o indomito ginete;
Como rija rajada, os ares fende;
Barrancos salta
Veloz, e ligeiro
Das savanas através,
Sem freio, escumando, nitrindo, galopa...
Pára! — exclamam em vão — Cavalleiro,
Vê que abysmo se rasga a teus pés!

(Raymundo Corrêa)

Nos seguintes trechos de prosa, o *rythmo* desta, ou *numero oratorio*, é auxiliado por elementos de *numero poetico*, cujos principaes vão em normando:

Não tardou muito que, estando eu assim cuidando, sobre um verde ramo que por cima da agua se estendia, se veio pousar um rouxinol; e começou a cantar tão docemente, que de todo me levou após si o meu sentido de ouvir. E elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que, como cansado, queria acabar, senão quando tornava como que começava então. Triste da avesinha que, estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua.

Cahindo por entre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella.

(Bernardim Ribeiro).

Eu não voltarei mais, sertaneja!

Novos amores me chamam e me chamam novas terras! Pede ao céu, que ampara o jambeiro murcho e dá força á correnteza da agua, um pouco de consolação, minha vida! A gente é como a neblina, anda sempre e some-se depressa com a vinda da primeira chuva.

Não te esqueças de mim, porque se minha bocca está cantando, meu bem, este coração desmaia ralado de saudades!

(Luiz Guimarães Junior).

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnauba; verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda, aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros: serenaes, verdes mares, e deixae que o barco aventureiro manso resvale á flôr das aguas!

(José de Alencar).

.....

ALBERTO DE OLIVEIRA.



A PALMEIRA E O RAIOS

A Alberto de Oliveira

*A Palmeira, entre a plebe hirsuta dos arbustos,
das arvores anãs, moitas de um verde baço,
ásperos taquaraes que o vento encurva e anima,
lá está, calma e feliz, sem temores nem sustos,
— um só traço direito a fender o alto espaço,
com um largo leque aberto a balouçar-se em cima.*

*Da planura, em redor, vê-se-lhe o vulto esguio
sobre a crespa collina, unico descoberto,
remirando-se airoso em solidão tamanha.
Abrindo o seio azul, em baixo, espelha-o o rio.
Voam-lhe á volta, em ronda, as aves do deserto.
E debruça-se além, contemplando-o, a montanha.*

*Só ella põe no horror do quadro, — hispidos montes,
agrestes barrocaes, plainos áridos, valle
sombrio, mato ralo e poento, — só ella
põe no bocejo atroz que enche estes horizontes
o encanto de um sorriso, um sorriso que vale
por tudo, e a graça real de uma ondulante umbella.*

*Quando a manhã repona, á aura leve, que adeja
em torno, o sol disputa a gloria de beijal-a.
Sobre a névoa do valle, onde a agua dorme occulta,
sobre os moitaes que a sombra ainda empasta e negreja,
ella só se desvenda, e incrusta em fluida opala
o verde capitel que o isolamento avulta.*



*Quando o dia esmorece e o occaso se esbrazeia
e uma cinza azul-negra enche as quebradas calmas,
sobre o outeiro o perfil, tinto de sol, se enxerga,
solitario na turba immensa que o rodeia,
erguendo para o céu, no doce arfar das palmas,
o anceo ascencional de uma fé que não verga.*

*Um dia, o sol queimava, em torrentes de chamma.
Tudo prostrado. O rio é uma placa de chumbo:
nem um frémto de ar na agua pregada á borda.
Como vasada em bronze, immota a curva rama,
a Palmeira morreu, talvez... Mas um retumbo,
subito, estruge ao longe e o eco pesado acorda.*

*Uma nuvem se arranca, além, á serra; assoma,
e engrossa. O azul do céu, metallico, se turva.
Um vento brusco açoita o matagal, bulhento.
O caule da Palmeira, emfim, se abala; a côma
dansa e zune, e a oscillar, traça tão larga curva,
que parece fugir, livre e jovial, com o vento.*

*Estala um raio. A escuridão cresce. A tormental!
Outro raio, a raivar, percute o serro bronco,
retalhando-o, talvez, com o inflammado cutello.
Outro mais. Outro ainda... Este, agora, rebenta
sobre o leque esvoaçante, e fere e lasca o tronco
da Palmeira gentil. Dobra-se o amplo flabello.*

Então resôa a voz da alta Palmeira:

— “Basta!

*Acertaste, afinal, Raio ardente. Inimigo,
a haste encontras, emfim, tantas vezes buscada
em vão. Achas, emfim, a fronte erguida e casta,
que jámais se curvou, que se enfrentou contigo
cem vezes, sem terror. E venceste. Obrigada...*

*E' uma gloria morrer na tormenta desfeita,
sob o vento, o granizo e o trovão; morrer quando
sobre mim se despenha o universal assalto;
resistir a cantar, sustentar-me direita
na divina embriaguez do perigo, e, cantando,
cair varada assim de um golpe que vem do alto.*

*E's o inimigo audaz e recto. Desconheces
o gelado rancor que teme a luta e o risco,
o odio atroz que sorri, e sorrindo assassina.
Desconheces a bava e a peçonha, os refeces
ardis, o aculeo surdo, o olhar do basilisco...
Tens o orgulho que explode e a raiva que fulmina.*

*Tu me viste aqui erecta, a rir á luz ridente,
dominando a soidão com a graça do meu vulto,
com o som do meu cantar, com a altivez do meu porte.
Por eu ser assim grande, e por te olhar de frente,
quizeste-me prostrar. E poupaste-me o insulto
da tua compaixão desdenhosa de forte.*

*Vieste, de frente e de alto, e rúbido cahiste
cem vezes sobre mim. E cem vezes erraste
os golpes. E tambem cem vezes, sibilante,
o meu riso resou no espaço escuro e triste.
Mas agora venceste. Eis rôta a umbella; eis a haste,
sempre de pé, mas rôta. Eis-te, emfim, triumphante.*

*Obrigada... O teu odio audaz foi força minha.
Certa da ameaça leal e do assalto galhardo,
vivi no sentimento heroico do meu termo.
Armaste-me guerreira. Ungiste-me rainha.
Desprezei o que é torpe, — o plangente moscardo,
a lesma fria, o cipó frouxo, o sapo enfermo.*



*Que seria de mim sem o teu odio franco?
Teria que empregar minha colera augusta
contra o insecto roaz, contra o batracio, contra
os parasitas vis; e olharia o barranco,
em vez de olhar o céu, e a restinga combusta,
em vez da serra azul que além com o céu se encontra.*

*E teria o inimigo atroz que irrita e enoja,
o que coaxa, o que trila, o que zumba ou cicia...
E a lenta podridão..."*

Emmudece a Palmeira.

*O vento, uivando, avança, e estorce, e envolve, e arroja
a fronde que, a morrer, ainda o desafia...
— O raio estronda, além, rasgando a cordilheira.*

AMADEU AMARAL

Fevereiro, 1916.



A VINGANÇA DA PEROBA

“Onde devo ir. Nas cidades é que já não ha sentimento de originalidade nenhuma. As paixões de lá boas e más, têm tal analogia, que parece haver uma só manivela para todos os corações. Esta identidade é grande parte na monotonia dos meus romances. Ha duas ou tres situações que, mais ou menos, resaeem no enredo de vinte dos meus volumes, cogitados, estudados, e escriptos nas cidades. Quando quero retemperar a imaginação gasta vou caldeal-a á incude do viver campesino. Avoco lembranças da minha infancia e adolescencia, passadas na aldeia, e até a linguagem me sae de outro feitio, singela sem affectação, casquilha sem os quebrados volteios, que lhe dão os invezados estilistas-bucolicos. Assim que descaio em dispor as scenas da vida culta, ahi vem a verbosidade estrondosa, o tom declamatorio, as infladas objurgatorias ao vicio, ou panegyricos, tirados á força da violentada consciencia, a umas innocencias e virtudes, que me tem grangeado descreditos de romancista da lua. Conta-me, pois, uma historia sentimental, meu amigo.

C. C. Branco — “Vinte horas de liteira”.

A cidade duvidará do caso. Não obstante, aquelle monjolo do Dito Nunes, no Varjão, foi durante mezes o palhaço da zona. No bairro da Porungada, sobretudo, onde assistia Pedro Porunga, mestre monjoleiro de bem soada fama, fungavam-se á conta das trapalhices do engenho risos sem fim.



Ambos sitiantes em terras proprias, convizinhavam separados pelo espigão do Nheco, e por uma certa malquerença provinda de uma certa caçada.

Nunes corria uma paca, num domingo, e a bicha, dobrando o morro, dá de frente com um filho do Porunga casualmente a lenhar por alli. Zás! uma foçada na volta da pá deu com ella em terra. Até ahi nada. Mas comeu-a, sem ao menos mandar de presente um quarto ao legitimo dono. Isto foi agravo. Porque afinal era uma paca de nomeada. Sabida como um vigario, dizia o Nunes, nem cachorro mestre, nem mundéo podiam com a vida della. Escapulia sempre. A gente do outro lado não ignorava isto. Paca velha e matreira tem sempre pedaços da biographia na bocca dos caçadores. Ora, justamente no dia em que por uma batida feliz apanhavam-n'a desprevenida, fazer aquillo o Porunguinha? Mas é uma criança. Sim, mas o pae não approvou? Não disse, entre risadas, o Nunes que se afomente? Haviam de pagar.

Veiu dahi a malquerença. O espigão vinha do periodo um pouco mais remoto em que a crosta da terra encoscorou.

Aggravava a dissensão uma rivalidade quasi de casta.

Nunes pertencia á classe dos que decaem por força de muita cachaça na cabeça e muita saia em casa.

“Filho homem” só tinha o José Benedicto, que chamavam o Pernambi, um passarico desta alturinha apesar de bem entrado nos sete annos. O resto era uma “recula” de “filhas mulheres”, Maria Benedicta, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito Mariquinhas de saia comprida.

Tanta mulher em casa amargava o animo de Nunes, que nos dias de cachaça ameaçava afogal-as todas na lagoa, como a ninhada de gatos.

Consolava-se amimando Pernambi, que aquelle ao menos logo estaria a ajudal-o, no cabo da enxada, emquanto o mulherio inutil palermaria por alli a espiolhar-se ao sol.

Pegava então do menino e dava-lhe pinga. A principio com caretas, que muito divertiam o pae, o engrimango pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrno, com ares de quem não é deste mundo. Tambem usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia Nunes.



E o pequira, conscio de que era homem, já batia nas irmans, cuspihava de esguicho, dizia nomes á mãe, além de muitas outras coisas proprias de homem.

Uma serigaita americana, em viagem de descoberta ao Brasil, notou em livro de impressões que os meninos na roça pitavam e usavam grandes facas na cintura. E tinham ares de pequenos facinoras, o que a arripiava toda de medo.

Excellentente senhora! A observação não passou sem rebate. Um padre hespanhol, muito amigo do paiz, publicou no Rio um folheto desaggravando a dignidade nacional, a honra da patria e mais coisas, dos aleives da americana.

Excellentente amigo! Eu, de mim, fico neutro; não juro pela "Miss", nem pelo reverendo. Só affirmo que Pernambi com sete annos pitava, usava "lampana", e bebia cachaça, invencioneice a que se não atreveu a calumniosa detractora.

Do outro lado tudo ia pelo inverso. Commedido na pinga, Pedro Porunga se casára com mulher sensata que lhe deu seis "familias", tudo homem.

Era natural que prosperasse, com tanto gente no eito. Porisso semeava cada anno tres alqueires de milho, tinha dois monjolos, moenda, sua mandioquinha, sua canna, além duma egua cheia e duas porcas de cria.

Caçava com espingarda de dois canos, "imitação de Laporte", boa de chumbo como não se apontava melhor.

Morava em casa nova, bem colmada de sapé de boa lua, aparado a linha, com mestria no beiral; os esteios e portaes eram de madeira lavrada, e as paredes, rebocadas a mão, por dentro coisa muito fina.

Nunes, pobre do Nunes! não punha na terra nem alqueire de semente.

Teve egua, mas barganhou-a por um capadete e uma espingarda velha. Comido o cevado restou da egua o caco da picapau, dum cano só e manhosa de tardar fogo.

A sua casa, de esteios roliços e portas de embau'ba rachada, muito encardida de picumam, prenunciava tapera proxima.

As paredes, de tão rachadinho o barro, dir-se-iam praguejadas duma legião de lagartixas immoveis.

Porco nenhum. Gallinhada escassa. Ao cachorro Brinquinho não lhe valia ser mestre paqueiro de nomeada, andava de bar-



riga ás costas, com bernes no toitço. O pobresinho caminhava dez passos e, mordido, parava, punha-se aos rodopios sobre os quartos trazeiros, tentando inutilmente aboccar o parasita inattin-gível. Que preasse. Cachorro é bicho ladino e o matto anda cheio de preás atolambadas. Nem osso enxergava, depois que penetrou na casa o ferro velho da tarda-fogo.

Tudo mais no Varjão afinava pela mesma corda.

Foi quando contaram ao Nunes que Pedro Porunga andava em negocio duma besta arreada.

Besta arreada! o Porunga! Aquillo doeu-lhe no fundo d'alma. Era atrepar demais.

— Que?! já roncam assim?! bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é João Nunes Eusebio dos Santos, da Ponte-Alta!

E entrou-se, desd'ahi, de grandes atarefamentos.

A mulher pasmava da subitanea reviravolta, duvidando e esperando.

— Durará esse fogo? Quem sabe?!

Nunes planeava grandes coisas, roça de tres alqueires, con-certo de casa monjolo... E a mulher, dubitativa, com muxoxos:

— Até monjolo? Ché, qu'esperança!

O marido, mettido em brios, roncava:

— Bóto, mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moi-nho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vae ver.

Com assombro geral não ficou em palavra fiada a promessa. Nunes remendou, mal e mal, a casa, derrubou um capeirão des-cançado de oito annos, e, num esforço de mouro, mettu na terra nove quartas de milho.

Pedro soube logo da bravata.

— Eh! eh! aquillo é jacá velho em cima de fogueirinha. Ora quem! o pingüço!...

O anno corria bem. Vieram chuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas. Nunes não cabia em si. Corria as roças, contente da vida, unhando os caules polpudos em pleno arreganhamento da dentuça vermelha — isso que a botanica despoetisa chamando raizes adventicias ao axophyto superior. Palpava as bonecas ten-rinhas a madeixarem-se duma cabellugem louro-translucida. Se



gurava então a barbica do mento e sonhava as grandezas futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluía, entrando em casa, para a mulher:

— Este anno quebro um milhão desgramado!

Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros. Não foi o que empolou o Porunga, a farinha? Entretanto, uma resolução de tal vulto não se toma assim do pé para a mão: Era preciso meditar, calcular. E Nunes, 'maginava, 'maginava...

O "chóó-pan" do futuro engenho soava-lhe na cabeça qual um ritornello de musica do céu.

— Hei de mostrar ao Porunga, dizia, que não é elle o unico monjoleiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixeira, da Ponte-Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! pois o compadre nem braço tem...

— Bééé! urrou Nunes estomagado, cale essa bocca! Mulher não entende das coisas!

E ella, nas encolhas:

— 'stá bom. Depois não se queixe...

— Bééé! rematou o marido

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares.

Em roncando o "bééé", mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, tudo se escoava em silencio.

Sabiam por experiencia pessoal que o ponto acima era o porretinho de sapuca. E preferiam ficar no ponto abaixo.

Se a mulher emmudecia, emmudecia com ella a razão, porque o Teixeira Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos. Só a um bebedo como o Nunes bacorejaria a idéa de mettê-lo a monjoleiro, um taramela daquelles, maneta, e inda cego duma vista, por cima. Mas era compadre e acabou-se.

Nunes passou mais uma semana em trabalhos de 'maginação. Coçava lentamente a cabeça, pitava enormes cigarrões, absorto, o olho no milharal e o sentido em coisas futuras. Por fim, decidiu-se.

Rumou á Ponte-Alta, trazendo de lá o velho co' a ferramenta.

Restava solver o problema da madeira. Nas suas terras não havia senão pau de foice. Pau de machado, e capaz de monjolo, só a peroba da divisa, velha arvore morta que servia de marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada de lá e de cá. Nunes viu nella o sonhado despique. Deital-a-ia por terra sem dar contas ao outro lado, como lhe fizeram á sua paca. Boa peça! E gozava-se da picuinha, planeando derrubal-a de noite, a modo que pela madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem S. Antonio remediaría o mal.

Dito e feito. Dois machados roncaram no pau alta noite, e inda não arraiava a manhan quando a peroba estrondeou no chão, tombada em terras do Nunes.

A Porungada advertida pela ronqueira, mal lusco-fuscou o dia já andava a sondar o que foi, o que não foi.

Deram com a marosca. Pedro á frente do bando bradou:

— Com ordem de quem, seu...?

Nunes revida, provocativo:

— Com ordem da paca, ouviu?

— Mas paca é paca e essa peroba é o marco do rumo, meia minha, meia sua.

— Pois eu quero gastar a minha parte, deixo a sua pr'ahi, os cavacos...

Pedro continha-se a custo.

— Ah! cachorro, não sei onde estou, que...

— Pois eu sei que estou na minha casa e que bato fogo na primeira cuia que passar o rumo.

O bate-bocca esquentou. Houve nome feio a valer. O mulherio interveiu com grande descabellamento de palavrões.

E Nunes, radiante, de espingardinha na mão, berrava para o Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que eu sosinho escoro o guampudo.

A Porungada, afinal, abandonou o campo — para não haver sangue.

— Você fica com o pau, cachaceiro — concluiu Pedro — mas deixa estar que ha de chorar muita lagrima p'r'amor disso.

— Bééé! estrugiu Nunes em tom triumphal.

A Porungada desceu, resmoneando, em conciliabulos, seguida do olhar victorioso de Nunes, que a acompanhou té sumirse numa volta.

— Então, compadre? Viu que cuiada atôa? E' só chá de lingua, pé, pé, pé, mas chegar mesmo? quando!

E assombrou o velho com muitos lances heroicos, quebramentos de cara, escóras de tres e quatro, o diabo. E concluiu:

— O dia está ganho, largue disso e vamos molhar a garganta.

A molhadela da garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria.

Nunes, Maneta, e Pernambi, confraternisaram num bolo acachaçado, commemorativo da victoria, babujantes, até que uma sonneira lethargica os derreou como postas de carne inerte espalhadas pelo chão.

A mulher, com a derradeira Maria pendurada ao seio magro, olhava para aquillo, sacudindo a cabeça, scismativa:

— Que monjolo sairá disto, mãe do céu!

Evaporados os fumos do alcool tornaram á peroba, muito acamaradados.

A cachaçada cimentara o compadresco antigo. E a feitura do monjolo foi iniciada com grande quebreira de corpo.

Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbastar a madeira com um braço só. Pasmava daquillo, e do adjutorio que ao braço perfeito dava o toco do aleijado. Entrementes debulhavam historias. O velho sabia coizas, e Nunes respondia com outras, tendenciadas a patentear a ruindade dos Porungas.

Falquejado o toro, correram a linha, empapada num mingáu de carvão. Pegue nesta ponta, compadre, dizia o velho, agora estique; isso. E tomando na ponta do dedo o cordel pelo meio, *plaf*, chicoteava a madeira, riscando um traço negro. Nunes revelou grande vocação para esfria-verruma.

Esfria-verrumas são os empalhadores do carapina. Sentam-se com uma nadega na beira da banca e pasmam-se, durante horas, do cepilho correr na taboa encaracolando fitas, ou do formão ir lentamente abrindo uma fura. Ora pegam da enxó, examinam com muita attenção o cabo, a lamina, e passam o dedo pelo fio. Ou tomam d'um goivo e perguntam: é Grive (Greaves)? Quanto custou? E quando sae a verruma da madeira, quen-



te da fricção, agarram-n'a e se poem a sopral-a, muito serios, até que esfriem.

E' gente que no geral dá optimos empregados publicos.

Emquanto isso, Maneta, desageitadamente, ia escavando o cocho, a machado e enxó. Depois, rasgou as furas da haste, e afeiçãoou a munheca. Promptas estas peças, atacou o pilão. Escava que escava, em tres dias pol-o de lado, conclusivo. Restava sómente apparelhar a virgem.

— O compadre sabe a historia de pau de feitiço? Nunes não sabia. Nunes não sabia coisa nenhuma desta vida, tirante emborcar o gargalo e detrahir Porungas.

Maneta, sem interromper o esquadrejamento da virgem, foi narrando.

Ouvira a lenda ao pae, o Teixeira Serrador, madeireiro afamado.

Em cada eito de matto, dizia elle, — ha um pau vingativo que pune a malfeitoria dos homens. Vivi no matto toda a vida, li-dei toda a casta de arvore, desdobrei desde embaúva velha e embirussú, até balsamo, que é raro por aqui. Dormi no estaleiro quantas noites! Homem, fui um bicho do matto. E de tanto lidar com paus fiquei na supposição de que as arvores tem alma, como gente.

— Tesconjuro! espirrou Nunes.

— Isto dizia o meu velho, eu por mim não dou opinião. E tem alma, dizia, porque sentem a dor e choram.

Não vê como gemem certos paus ao cair? E outros como choram tanta lagrima vermelha, que escorre, e com o sol arrezina? Apois tem alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

— Lá isso...

— Então, dizia elle, ha em cada matto um pau, que ninguem sabe qual é, a modo que peitado para a desforra dos mais. E' o pau de feitiço.

O desgraçado que acerta metter o machado no cerne delle, pode encommendar a alma, que está perdido.

Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho secco que despenca de cima ou mais tarde por artes da obra feita com a madeira delle, de todo o geito, não escapa. Não 'dianta se precatar, a desgraça peala mesmo, mais hoje, mais amenhã, a criatura marcada.



Isto dizia o velho e eu por mim tenho visto muita cousa. Na derrubada do Figueirão lembra-se? morreu o filho do Chico Pires. Estava cortando um guamerim quando de repente soltou um grito. Acode que acode, o moço estava com o peito varado até as costas. Como foi? como não foi? Ninguém entendeu aquillo. Meu pae disse: é feitiço de pau.

Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Sebastião-sinho da Ponte-Alta; fez uma casa, o pau da cumieira elle mesmo derrubou.

Pois não é que a cumieira arreia e estronda a cabeça do rapaz?

Porisso o velho, sabido que era, antes de pegar um serviço especulava se por alli perto não tinha havido desgraça. Era para ver se o feitiço estava solto ou preso, e se precatar.

Com estas e outras ia Maneta florejando de lerias as horas de trabalho, enquanto dava os derradeiros retoques na virgem. Estava prompto o monjolo. Nunes, jubiloso, via o primeiro sonho das futuras grandezas quasi realisado. Faltava o assentamento, que é nada. Batia palmadas amigas na perola vermelha.

— Ah! minha velha, mansinha, hein? Ha de se chamar o Tira-prosa — tira-prosa de Porungas, Cabaças e Cuias, eh! eh!

Recolheram cedo, nesse dia, para solennisar o feito, a custa d'um ancorote de cachaca, que esvasiaram a meio.

Dias depois, bem fincado, bem soccado, o monjolo recebeu agua. Destapada a bica um gorgolão d'enxurro escachou no cocho, encheu-o, desbordou para o "inferno". A engenhoca gemeu na virgem e alçou o pescoço. *Chóóó*, o cocho despejou a aguaceira, *pan*, a munheca bateu firme no pilão.

Nunes pulava d'alegria, e berrava:

— Conheceu Porungada chóca, quem é João Nunes Eusebio, da Ponte Alta? Mas não lhe bastava aquelle barulho nem a grita da meninada a palmear, nem os ladridos do Brinquinho que, espantado da maluqueira, latia no alto d'um comoro, a salvo d'algun ponta-pé. Nunes queria mais. Correu á espingarda, espoletou-a, e erguendo-a para o "outro lado" desfechou. Mas o caco não compartilhava da alegria geral, rebentou a espoleta e calou-se. Nunes inda a manteve uns segundos alçada, esperando o tiro. Como o fogo tardasse demais, remessou com ella p'ra longe, embrulhada em um nome feissimo.

Nisto lembrou-se de tres foguetes sobrados de uma reza. Atacou-os em direcção á Porungada.

— Cheira essa polvora, cuiada! Infelizmente as bombas, mofadas, tambem negaram fogo.

— Tudo nega, compadre, vamos ver se o ancorote nega tambem.

Não negou.

E a prova foi que logo roncavam pr'ali, no chão, como dois gambás.

No outro dia Maneta partiu para a Ponte-Alta, com muito sentimento de Nunes, que perdia um companheiro!

Como não houvesse milho ficou a estréa do monjolo para quando se quebrasse a roça.

Cessaram as chuvas do verão. Entrou o estio, refrescado, limpido. As folhas do milharal amarellaram, as espigas foram pendendo, maduras. Começou a quebra. Nunes, impaciente, debulhou o primeiro jacá recolhido, e atuchou o pilão.

Ai! não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangica, a haste, desproporcionada ao cocho, não dava o jogo da regra. A mão por muito leve e por defeito na esquadria da virgem, ao bater guinava a esquerda, espiçando milho para fóra.

Por mal de peccados, á primeira chuvinha, o pilão entrou a rever agua. Fôra escavado em madeira ventada. Não prestava.

Nunes, de má sombra, represando a colera, mettu-se a reparar tantas torturas. Diminuiu o peso ao macaco, engrossou as aguas, amarrou d'alli, especou d'acolá, calafetou as fendas com saibro. Consumiu dias em luta surda contra as manhas do mal engonçado. E o monstrengo respondia a cada remendo com uma reincidencia de desalentos.

Então o pobre homem explodiu. Da bocca espirravam injurias sem fim contra o patife do Maneta.

— Excommungado do diabo de mal de lazento do inferno de maneta do...

Impossivel metter no papel todas as contas do rosario; as de caiápiá inda cabem, mas as graúdas não podem sair do Varjão.

Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta, que rachava o compadre a foice, que lhe vasava a outra vista, que...

Num desses desabafos a tola da mulher metteu a colher torta pelo meio.

Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o queixo duro...

Ai! Não poudo concluir a phrase. Nunes passando a mão da sapuca incarnou na esposa o odiado Maneta, e deslombou-a n'uma sova digna d'um descante de Homero.

— Toma, cachorro! Toma excommungado do inferno! Aprenda a fazer monjolo, porco sujo! e malhava.

A mulher, urrando, sumiu-se aos pinotes matto a dentro, seguida do mulherio miudo da casa, transidos de pavor, e por oito dias andou em esfregações, salmoura pela polpa avergoada. Nunes é que melhorou consideravelmente com o derivativo. Mundi-ficou-se da bilis, e socegou. Diga-se tudo: o ancorote collaborou per metade naquelle despike de ricochete.

A nova d'aquelles successos chegou á Porungada. Pedro, exultante, não tinha mão de si; queria ver com os olhos a carangueijola, que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e um dia transpoz o espigão, com rumo á casa do Nunes. A familia em ancias o esperou alvorotada. Mal o velho repontou de volta, na divisa, correram todos ao seu encontro. Pedro vinha espremendo risos fungados.

— Eh! eh! minha gente! Vocês nem calculam. Quando quebrei o serrote já ouvi o barulho, *chóó-pan*, uma ronqueira dos diabos. Disse cá commigo:

Roncar, elle ronca, eh! eh! Fui chegando. O Nunes jururu', estava debulhando milho na porta. Quando me viu entreparou, a modo que assombrado. E' de paz, eu disse, e me plantei diante d'elle, dois chefes de familia, inda mais vizinhos, não podem viver assim toda a vida, de focinho torcido um p'ra o outro. O que foi, foi. Acabou-se. Toque!

Elle relanceou os olhos p'ra o lado da ronqueira, eh! eh! e muito desconchavado espichou a mão, sem abrir o bico. Traga um café, gritou p'ra dentro. Enfiei os olhos pela casa: estava assinu de saias na cozinha! E peguei de prosa. Elle foi respondendo. Uma coaversa sem graça, amarrada. Por fim especulei: e o monjolo, vizinho? ficou na ordem? Nunes amarellou como esta folha!

E' bomzinho, disse, rende muito...

Quero ver, eu disse, se não é curiosidade... Pois vá, responda, sem se mexer do lugar.

Eu fui. Nossa Virgem! aquillo nunca foi monjolo nem na casa do diabo!

Só se vê cipó amarrando p'r'aqui, p'r'alli, e espeque, e macaco. A haste tem nove palmos e o cocho a modo que tem dez!

— Quia! quia! quia! cacarejou a roda que em materia de monjolo era muito entendida.

— A mão não pesa, homem não pesa nem arroba e meia! A virgem está errada, e fóra do prumo. Milho está, que está alvejando o chão, A mão pincha duma banda. Nossa Senhora! que mundéo!

Os Porunguinhas babavam.

— Então roncar, ronca?

— Nossa! Ronca que nem uma "trumenta". Mas soccar? o boi socca! Nem tres litros rende por noite. Homem, gentes, aquillo só vendo!

A cara dos Porungas annuveada desd'o incidente da peroba, refloriu d'alli por diante nos saudaveis sorrisos escarninhos do despique. As nuvens foram escurentar os ceus do Varjão.

Foi um nunca se acabar de troças e pilherias. Inventavam novos traços comicos, exaggeravam as trapalhices do mundéo.

Enfeitavam-n'o como se faz ao mastro de S. João. Já viram? O "pintador", mestre pedreiro ou "curioso", sempre um negro chega e cáia o pau nos encruzes. Depois, sob o olhar pasmado, da assistencia, mergulha um furabolo engenhoso no urucu' e, de beico pendurado pela alta concentração de espirito, vae roleteando o mastro de circulos vermelhos; depois, entre os circulos desenha a dedo uma ordem de XX muito igualados; depois, uma de OO verdes com pinta azul ao centro; depois, uma de triangulos roxos; depois uma linha, de "fulores" cor de rosa. Acabada a obra, inda está o mestre enxugando o dedo nos fundilhos, e vem chegando os enfeitadores. Um amarra no tópe uma penca de laranjas, outro um mólhinho de manacás, o terceiro uma fita velha... E o mastro quando sóbe, está lindo, lindo de commover!

Assim, sobre as linhas geraes debuxadas pelo pae os filhos de Pedro Porunga foram atando cada um seu buqué, de modo a tornar o pobre monjolo uma coisa prodigiosamente comica. A palavra Ronqueira entrou em giro pelos bairros vizinhos, sagrada



como termo comparativo de tudo quanto é risível e não tem pé nem cabeça.

Aos ouvidos de Nunes chegavam taes rumores. O orgulho, muito medrado no periodo dos sonhos megalomanicos, murchára-lhe, como fructa verde colhida antes do tempo. Deu de criar um rancor surdo contra a Ronqueira, que, tropega, lá ia malhando, dia e noite, *chóó-pan*, muito lerda, muito parca de rendimento. Nunes, para acalmar a bilis, dobrou as doses de cachaça. A mulher amanhava a casa n'um grande desconsolo da vida, esmulambada, sem mais esperanças d'arranjo p'r'aquelle homem. Pernambi, sempre rentando o pae, sornissimo, parecia um velhinho idiotisado. Não tirava da bocca o pitinho de barro e cada vez batia mais rijo no mulherio míudo. Brinquinho olhava para um, para outro, sem saber que pensar de tudo aquillo. E assim iam indo.

Afinal deu-se a desgraça. Fosse feitiço de pau ou não, o caso é que o innocente pagou o crime do peccador, como é da justiça biblica. Pernambi foi o eleito da vingança.

N'esse dia Nunes soube que o José Cuitelo, da Pedra Branca, seu compadre, puzera nome n'uma egua lazarenta de Ronqueira.

Era demais.

— Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o misero passando a mão na garrafa.

Gargalçou um gole, e:

— Pernambisinho, vem cá, bebe com teu pae, filho.

O menino não esperou novo convite, bebeu um, e dois, e tres goles, estalando a lingua. O resto da garrafa soverteu-se no bucho do caboclo. Pernambi, mal tonteado pelos effluvios do alcool, banzou um bocado pr'alli, e saiu para fóra. Nunes estirou-se ao sol, para dormir.

Era um dia calmo d'Agosto. Ceu toldado de fumarada. Sol vermelho, sem brilho, a modorrar em declinio. Folhinhas carbonisadas desciam do alto, lentamente, a girar.

Transcorreu uma hora. O bebedo acordou, e relanceando os olhos mortos em derredor:

— Que é do Pernambi? perguntou a uma filha, acocorada á soleira. A menina não sabia.



— Chame Pernambi, ordenou o bebado recalhindo em cochilo. A pequena sahiu no encalço do irmão. Os olhos de Nunes a custo se abriam, a cabeça oscillava de um lado para outro, como se lhe houvessem desossado o pescoço. Da bocca escorria baba e, molhadas nella, palavras vagas, mal atadas.

Subito um grito, longe, alvorotou a casa.

— Mamãe, corra.

A mulher estrouvinhada acóde de dentro, orienta-se, e corre para onde a voz. As filhas, assustadas, dispararam, atraz, rumo ao monjolo.

Nunes apruma a cabeça, apura o ouvido.

Redobram os gritos, de dor, de desespero.

— Coitadinho do meu filho! uiva alanceada a mãe.

Nunes soergue-se, tonteando, amparado ao portal.

— Que é isso?

Deu de cara com a mulher, que voltava, estorcegando-se, descabellada, a falar sósinha.

— Que é que foi, mulher?

A pobre mãe, arrostando com o marido, afuzilou nos olhos um raio de cólera incoercível.

— O que é? E' a tua obra, cachaceiro do inferno! E' a tua pinga, homem atôa, esterco immundo! Vá ver! vá ver! vá ver! desgraçado!

Nunes, cambaleante, rumou para lá.

E topou um quadro horrendo.

No meio das filhas em lagrimas, deplorativas, de mãos postas, o corpinho magro de Pernambi emboreado a meio no pilão. Para fóra pendiam duas perninhas franzinas. E o monjolo, indifferente, subia e descia, *chóó-pan*, pilando uma pasta vermelha de farinha, miolos e pellanca...

Esvairam-se-lhe os vapores do alcool e Nunes, em semi-demencia, correu ao machado ringindo os dentes, aos uivos:

— Chegou o dia, desgraçado!

Foi uma scena lugubre aquillo.

O louco remessava, entre rugidos de cólera, golpes tremendos contra o monjolo impassível. Uma pancada na mão — toma Barzabu'! outra na haste — rebenta demonio! outra no pilão — estoura feiticeiro do diabo!



E pan, pan, pan, dez, vinte, cem machadadas como nunca as desferiu derrubador nenhum com tal rijeza de pulso.

Cavacos saltavam para longe, roseos cavacos de peroba assassina. E lascas. E achas.

Durou muito tempo o duello tragico da demencia contra a inercia da materia bruta.

Por fim, do monjolo maldito, só restava uma tranqueira escavada de peças em dismantelo. O caboclo exausto, caiu ao lado della, a arquejar, abraçado ao corpo de Pernambi. E a sua mãe, tremula, remexia o fundo do pilão tentando apanhar a cabecinha que faltava.

MONTEIRO LOBATO



NOS DOMINIOS DE BEETHOVEN

Toda arte é um artifício. Nenhum artifício é arte, se nelle não palpita e se impõe um trecho vivo de humanidade, ou por elle não perpassa um sopro singular de vida superior.

Pouco importa, para a emoção nobilitante dos homens, para os altos fins da universal esthética, que essa arte tenha sido na origem um ingenuo artifício, ou haja apparecido na terra sob uma forma irrisoria. Que o digam as concepções singulares e opulentas de rara emoção poetica de uma Isadora Duncan ou uma Verbist, vasando, no que foi outr'ora um simples artifício decorativo e inexpressivo, uma agitada multidão de symbolos estheticos, beirando nos seus passos de sylphide e nos contornos curvos das suas bellas attitudes pagãs o templo magestoso da arte verdadeira, a elevar o grosseiro tresloucamento da dança á altura deslumbrante de uma philosophia mimica da esthetica, — especie de commentario plastico pelo gesto das nossas mais profundas visões artisticas.

Que philosopho poderia prophetizar no rythmo elementar e rude dos gregos a origem divina de um Beethoven, a genese da polyphonia wagneriana? Que sopro humano transformou o singelo cadenciamento das bacchanaes e dos hymnos dyonisiaeos na orchastração maravilhosa da musica moderna, — a rainha das artes emotivas, a unica em que a suggestão se opera com ar de milagre e encantamento!

Foi, sem duvida, esse sopro a grande religiosidade mystica da idade-média. Foram o vasto sentimento impetuoso de grandeza espiritual e a fé na transcendencia illimitada da alma humana que criaram, no ambito sumptuoso das cathedraes gothi-



cas, a turgidez de rythmos, a tumefacção plethorica de profundas sonoridades hieraticas, unindo-se sagradamente, na arremetida do homem contra o seu destino, para a expressão perturbadora e balsamica da sua presciencia do infinito.

Ahi se conjugaram, — n'um aparente paradoxo religioso, mas no fundo com a tendencia á unidade philosophica tão sonhada e tão fugidia — o espirito da magestade humana, imaginando o dominio sobre o universo de uma unitaria vontade divina, e a nossa consciencia angustiosa da nossa congenita miseria.

Desse alto consorcio espiritual, dessa ancia nunca satisfeita por solucionar o dualismo irreductivel entre os mundos exterior e interior, nasceu, num jacto de fervor reconcentrado, a maior criação do aparelhamento musical, — o organ —, grave e religioso instrumento, mystico á maneira de uma prece, profundo como a desesperança, voluntarioso e forte como a fé, mas evocador e triste como um longo gemido.

Pontifice de todos os instrumentos musicaes, delle se derivaram as vozes multiplas, que por sopro ou por corda compuzeram a riqueza e a amplitude da orchestra moderna. O mais religioso dos aparelhos de sonoridade e harmonia marcou bem e nitidamente o character e a evolução da arte de Mozart e de Beethoven.

Bem que todas as artes hajam revestido, ou na origem ou no percurso, esse caracteristico commum e unificador de religiosidade, nenhuma jámais poude apresentar o profundo aspecto de mysticismo, recolhimento e ascenção para o mundo interior, com que a musica, a mais tardia e surpreendente das artes, comoveu e fecundou magnificamente o sentimento contemporaneo.

O grego, extatico na contemplação da linha harmoniosa e perfeita, do gesto hieratico e magestoso, não podia criar, com o seu maravilhoso poder de synthese objectiva, a mais subjectiva e emotiva das artes: faltava-lhe não tanto o genio inventivo e o conhecimento scientifico da acustica, quanto a complexidade e a plethóra de indefinidos e delicadissimos sentimentos, aspirações meditativas de unidade interior e exterior, ideaes de regeneração collectiva, ancia de resolver as antinomias sociaes e as difficuldades oriundas do advento de novos elementos na existencia humana: — tudo repassado da humildade semeada pelo



christianismo, e da larga effusão social desabrochada no catholicismo.

Sem a idade-média, com todas as suas intimas complexidades e as suas apparencias de simplismo social e esthético, seria impossivel concebermos a musica, tal qual a ouvimos e nos emociona no presente.

O genio que presidiu ao arabesco fervoroso da cathedral gothica, o espirito que evoluiu, espiralando para o céo, a ponto de conceber e executar esse prodigio de arte imponderavel, esse ápice do "*flammejante*" (que já é o extremo evoluir do "*gothico*") representado na igreja de São Maclou de Ruão, antithese quasi de "*Nossa Senhora de Paris*", — esse mesmo genio e esse mesmo espirito, combinados, redistillados, depurados e sublimados, no melhor e mais puro da sua sensibilidade, engendraram, no mesmo impeto de effusão humana e divina, a musica como arte autonoma, especie de sciencia da harmonia da alma pela harmonia externa, arte que participa, na sua singular e audaciosa unidade incomparavel, das duas naturezas antinomicas e irreductiveis que se partilharam o mundo, — a de Deus e a de Satan.

Naturezas antes incompativeis, a musica e a poesia modernas synthetizando-as fundiram-nas na humanidade, com uma sentimentalidade mais complexa e opulenta em valores affectivos. Nada perderam as duas concepções, no avatar inesperado, da sua feitura mystica e da sua profunda e larga religiosidade.

Encontrareis na musica a magestade e a correcção harmonica de contornos que vos dá a contemplação da "*Notre Dame*". Encontrareis a sciencia minuciosa e o labyrintho unitario de pormenores artisticos e sublinhantes da Cathedral de Reims.

E tambem, como em Mozart, — cujo genio parece repousar sobre nada, cuja aérea inspiração parece um Ariel da harmonia, vereis na musica o vaporoso e o rendilhado com que contemplamos a sonhar e a vacillar a incrivel architectura flammejante da Igreja de S. Maclou.

Dir-se-ia nesta construcção, prodigio de ironia mystica contra as regras despoticas da estabilidade, que tudo plana no ar e se sustenta a si mesmo, sem tocar na terra e aspirando ao céo, como azas de um bando de passaros enormes, entrelaçando-se,



emmaranhando-se, desenvencilhando-se para o alto, fugindo do sólo, aéroplanando no espaço.

Na arte superhumana de Beethoven fundiram-se todas as artes: — a poesia ahí se diluiu, e saturou-lhe a harmonia eurythmica com a harmonia intrinseca de um grande sonho, universal e suavissimo, a tal ponto que não sabemos bem, quando os seus poemas symphonicos nos alheiam de nós mesmos, que magia é essa: — se rythmos sobrenaturaes ou a poesia que sentimos phosphorescer dentro de nós.

Na paizagem, embora fatalmente subjectiva e vaga, nunca lhe faltam os estremecimentos e os coloridos dos grandes pintores, e na amplitude e no hieratico da orchestração ha como a indefinivel saudade da estatua grega, a reminiscencia da linha perfeita e imperiosa, para sempre perdida, a evocação de fórmas palpitantes e magestosas, que tornou inatingiveis o nosso percurso dessa para outra civilisação.

O grego absolutamente não poude prevêr a pujança e a magia da musica moderna. O polytheismo era demais objectivo e demasiado plastico para engendrar e tornar perfeita a transcendente subjectividade divina da arte de Beethoven.

Attingiu ao apogeu da estatuaria, e n'esse apice da perfeição do contorno, da linha e da fórma, poz todo o seu pensamento, toda a sua philosophia, toda a sua concepção social e humana. O que estava para além da forma perfeita, o que transcendia a magestade objectiva da belleza visivel, o que se prolongava além da alegria dyonisiaca da vida, estava reservado para avançamentos moraes da especie: — ou para a concentração espiritual da idade-média, subjectiva em excesso, ou para a ancia dolorosa da época moderna, unificadora de ideaes até agora antagonicos, sacerdotisa de fés que sempre se hostilizaram, ampla nos seus affectos, torturada nos seus sonhos complexos, generosa e perplexa no preparo de idéas novas que ainda se não desagregaram de todo das nebulosas do espirito humano.

Com Beethoven, a humanidade entrou na posse do seu grande instrumento moderno de emoção e de ancia affectiva, de grandeza universal e de belleza moral. Foi essa talvez a sua maior conquista artistica, o seu grande achado philosophico affirmativo no meio das negações arrebatadoras da época. D'ahi sahuiu Wagner, e d'ahi sahirá o influxo mais potente que domi-



nará a arte futura, na qual os Byrons, os Goethes, os Baudelaires, os Shelleys ficarão sendo como pallidas reticencias, interrupções dubitativas de uma grande affirmação humana, que se vem confirmando e avultando através das nacionalidades e dos seculos.

OCTAVIO AUGUSTO



FACTOS E IDEAS

1815-1915

DA DEPENDENCIA DA TERRA
Á SUPREMACIA DO ESFORÇO.

E' sempre um acontecimento, mórmente para os engenheiros, a abertura da sessão ordinaria dos trabalhos do Instituto dos Engenheiros Civis, de Londres. Na primeira terça-feira de Novembro, dia em que ha quasi um seculo — em 1818 — o grande Thomas Telford, o competidor de Mac Adam na construcção das estradas de rodagem, assumia a presidencia de um grupo de profissionaes cuja associação devia posteriormente representar tão grande influencia na época de progresso pacifico que se lhe seguiu, é de tradição que um dos luminares da classe, ao sentar-se pela primeira vez na mesma cadeira até o anno seguinte, profira o seu sermão. Distribuido impresso aos socios presentes durante a *conversazione* que tem logar logo depois, nunca deixaram de ler-o no dia immediato os clientes do "Times" e outros grandes órgãos da imprensa metropolitana. Não ha fôlha norte-americana que se respeite que lhe não publique um transumpto telegraphico. Tornou-se, em summa, um dos pratos obrigados do succulento cardapio annual da grande familia Anglo-Saxonica, o que quasi equivale a representar a importancia de uma falla do throno de qualquer potencia de segunda grandeza.

Coube a sorte desta vez a Alexander Ross, sem mais, quer dizer sem o acompanhamento daquellas numerosas maiusculas a que se refere Dickens no seu "Pickwick Papers" e que são o contrapeso, nas nevoentas ilhas, do "petit ruban rouge" e dos "von", "rath" e não sei que mais vaidosos penduricalhos dos

subditos das grandes nações ora engalfinhadas. Pouco importa. O simples facto de o vermos no mesmo posto que foi certamente julgado a maior distincção dos que em vida se chamaram Stephenson, Hawkshaw, Vignoles, Barlow, Lord Armstrong, Bramwell ou Douglas Fox, e dos que hoje são Wolfe Barry, Matthews, Elliott-Cooper ou Unwin, empresta grande valor ás suas palavras. Maior em todo o caso do que o que lhes provem de ter, a famosa aggremação a que preside quem as proferiu, riscado o "kaiser" da já tão diminuida lista dos seus membros honorarios onde, de facto, mal á vontade se deveria encontrar na companhia de parceiros que, como Kitchener, Cromer ou Andrew Noble, o actual director dos celebres estaleiros de Elswick, envidam o melhor dos seus esforços para em momento opportuno lhe passarem a *rasteira* final.

Estabeleceu o novo Presidente um interessante paralelo entre a época em que, na ultima "memoravel" occasião, as tropas britannicas se haviam batido no continente, e o actual momento. Por maior que fosse a batalha, e por mais consideraveis que se apresentassem seus resultados, parecem-lhe mesquinhas as proporções de Waterloo com não importa qual dos combates de todos os dias de que o presente nos faz testemunhas, estupefactos. O contrario é que seria de admirar, tendo em vista os progressos da sciencia industrial de cem annos a esta parte. Em 1815 estava na infancia o conhecimento da energia latente do vapor e a sua applicação á producção do trabalho mecanico. Não havia estradas de ferro e pouco se sabia de electricidade. Não existiam motores de combustão interna, automoveis, velocipedes; nem navegação aerea, nem submarinos, nem arame farpado, nem metralhadoras, nem projecteis de alto poder explosivo. As espingardas usadas contra Napoleão eram de alma lisa, carregavam pela bocca e tinham cão de pederneira. O canhão mais pesado — e tambem não era raiado — mal podia atirar uma bala espherica de ferro, de 8 a 9 arrateis de peso á distancia de poucos centos de braças, ao passo que a artilharia de grande calibre da nossa época vomita projecteis de quasi uma tonelada a mais de quinze milhas.

Claro está que nesse terreno veio cahir direitinho no campo da engenharia, não encontrando difficuldade em mostrar quanto era certa a denominação, hoje corrente, de "guerra dos engenheiros" á tremenda conflagração. E, depois de enumerar todos



os serviços por estes prestados desde as officinas de armas e munições até á trincheira da frente, passando pelas estradas, de ferro e de rodagem, pelos portos de embarque e de chegada, entrou a considerar os que, na rectaguarda, pela idade ou pela especialisação, soffriam das consequencias de uma inactividade forçada. Mereceu-lhe o facto, como a toda a alma normalmente formada, commentarios de sympathia e solidariedade. Não serão sem utilidade, podemos estar seguros, taes manifestações. Tomando a serio, como sabem tomal-o quando é preciso, os seus deveres de associação entre homens livres e conscientes taes como se julgam os individuos de formação "particularista", a publicação do "benevolent's fund" do Instituto mostrará infallivelmente que as palavras do Presidente não cahiram em sacco rôto. Mereceu-lhe ainda, porém, outras considerações, destinadas essas a ter mais ampla repercussão cá fóra e a influir, por sua justeza, para minorar egualmente uma situação angustiosa... e absurda.

Para que, pergunta Alexander Ross, qual a explicação capaz de justificar essa suppressão de actividade que, finda a guerra militar propriamente dita, teremos que reassumir, mais viva e energica do que nunca?... Não será obvio, não será evidente que uma segunda guerra, muito mais importante do que a primeira, vae então travar-se?... Não será o cumulo da imprevidencia deixar desde já de preparal-a ponderada, reflectidamente, do que soffrer daqui a pouco, duplamente, pelo sacrificio inutil imposto e pelo açodamento de soluções precipitadas?... E não fôra elle bom Inglez se não puzera deante dos seus leitores alguns algarismos suggestivos. Tomemos a produção do minereio de ferro em duas épocas não muito distantes:

Paizes productores	1894	1912
	Toneladas	Toneladas
Gran-Bretanha	12.367.000	13.790.000
Allemanha	12.193.000	32.190.000
França	3.711.000	18.744.000
Belgica	306.000	165.000
Estados Unidos	11.880.000	55.150.000

Passemos agora á “guza”, o pão da industria siderurgica, o metal em cuja producção a Inglaterra culminava em 1896 e em que passou a apresentar o seguinte contraste:

Paizes productores	1896	1912
	Toneladas	Toneladas
Gran-Bretanha	8.660.000	8.751.000
Allemanha	6.270.000	17.582.000
França	2.301.000	4.870.000
Belgica	944.000	2.264.000
Estados Unidos	8.623.000	29.727.000

O que, porém, maior alarma lhe provoca é este outro quadro em que se acha representada a producção, por habitante, em quintaes inglezes de 50 kilos, de producto final, acabado:

Paizes productores	1889-93	1894-98	1899-03	1904-08	1911	1912
Gran-Bretanha ..	1.8	2.0	2.4	2.7	2.9	3.0
Canadá	—	0.1	0.3	1.5	2.2	2.3
Russia	0.1	0.2	0.3	0.3	0.5	0.5
Suecia	0.7	0.9	1.1	1.4	1.7	1.8
Allemanha	—	—	—	3.4	4.5	5.1
Belgica	0.8	1.7	2.2	3.6	5.7	6.5
França	0.4	0.6	0.8	1.2	1.9	2.2
Austria-Hungria .	0.2	0.4	0.4	0.7	0.9	1.1
Estados Unidos ..	1.3	1.8	3.3	4.4	5.1	6.6

“Resumindo a situação, não temos realizado o mesmo rapido progresso do que os nossos rivaes, e torna-se necessario que por meio de extremados esforços e pela adopção dos mais aperfeçoados methodos reassumamos a posição que d’antes occupávamos e, sobretudo, acabemos com a necessidade de importar ferro, o que fizemos, só em 1913, no valor de 15 milhões esterlinos. O caso é de desapontar e espero que seja tomado em consideração por todos a quem elle affecta.

“E’ exacto que os nossos fabricantes se acham expostos á concorrência estrangeira a mais severa, achando-se á mercê do que se denomina “dumping” (venda abaixo do preço de producção, para a exportação, á custa de alta nos productos de consumo interno); é evi-



dente que devem ser collocados ao abrigo de tão desleal processo de ataque.

“Se nos conforta o poder verificar que o ferro e o aço inglezes occupam o primeiro lugar quanto á qualidade e que lhes pertence ainda a supremacia universal no que toca ás marcas superiores, é não obstante indispensavel que augmentemos a nossa fabricação e, para conseguil-o, o primeiro passo é obter que a materia prima nos chegue barata. O que nos falta no territorio patrio abunda em outras regiões do Imperio; esforcemo-nos para diminuir-lhe as despesas de transporte.

“A prosperidade da industria siderurgica é a medida da prosperidade do paiz. Dahi se infere o que nos resta fazer.”

Ora, não é sómente em Westminster, sob o tecto da bellissima construcção de Great George Street, ainda hoje occupada provisoriamente por algumas das repartições do Ministerio da Guerra fronteiro, que se ouvem taes palavras. De toda a parte os écos nos vão repetindo a mesma toada, traz-nos o vento sons semelhantes. “Pourvu que nous soyons préparés pour la paix...” escrevia com felicidade um humorista francez. Fez carreira a phrase e temos provas de que já começou a frutificar. De um amigo, engenheiro distincto que se bate na Argonne desde o segundo mez de guerra e que é muito conhecido entre nós, recebemos uma carta de negocio, como em tempo de paz, escripta durante a convalescença do typho que, mais sorrateiro que as balas, lhe minára a saúde. “Nossos collegas, officiaes de artilharia na linha de frente, empregam os lazêres da campanha de inverno calculando projectos. Prevemos actividade consideravel logo depois da guerra.” E, em Inglaterra, o movimento irrompeu e alastrou, diffunde e propaga-se com uma continuidade e caracter que nos não podem deixar indifferentes. Abramos um parentese á “address” de Alexander Ross e deitemos os olhos para outro campo.

*
* *

Quem primeiro se mexeu foi a “Royal Society”, não a mais antiga mas a mais respeitavel e de maior pezo das academias da nação. As duas famosas maiusculas *R. S.* imprimem, ao nome que acompanham, cunho inconfundivel no espirito de qualquer subdito de sua Graciosa Magestade.



“Representantes da sciencia deste paiz, diz o memorial apresentado ao Governo, insistimos em mostrar que as principaes causas que produziram uma situação relativamente má para muitos industriaes, são as seguintes:

1.^a — a falta da sua organização na base da investigação scientifica, a qual é indubitavelmente condição necessaria de prosperidade;

2.^a — a falta de associação intima entre o fabricante e o obreiro de laboratorio.

“Convidou o ministerio do commercio, é verdade, os fabricantes, os commerciantes e os consumidores a reunirem-se; tambem é certo que o Thesouro estatuiu uma secção de commercio militar para alguns ramos especiaes da industria. Mas é essencial, se quizermos que a nação prospere de futuro e que as industrias que nella se houverem implantado por motivo da guerra continuem vivendo, que se crie uma organização central permanente. E'-nos grato esperar que sejam dados os passos para isso; se submettemos o caso ao exame do Governo é porque se trata de assumpto urgente e porque sabemos, nós que trabalhamos no campo scientifico, que o momento exige coisa differente de commissões temporarias.

“A causa das industrias estrangeiras terem passado adeante das nossas, e de que estas se achem ameaçadas por rivaes poderosos, é geralmente admittida não ser outra senão o principio por elles seguido durante meio seculo: “a base do exito da usina é a pesquisa scientifica”. Esse axioma foi por nós negligenciado; a crise actual está indicando entretanto a sua veracidade; temos confiança que se ali nos inspirarmos para nova orientação, exerceremos a mais assignalada influencia no desenvolvimento industrial.”

Não quiz esse memorial, onde entretanto é considerado desenvolvidamente o aspecto de muitas das faces da questão, formular projecto que consubstanciasse praticamente a solução pedida. Fel-o, porém a “Chemical Society” cuja autoridade não é muito menor. Em longo estudo que representa exposição completa desse ramo da industria, sem receio de proferir verdades que nada têm de assucaradas, conclúe o memorial que tambem apresentou ao governo por pôr em destaque os tres pontos seguintes:

- a) necessidade de subvencionar amplamente os laboratorios de pesquisa scientifica;
- b) constituição de um comité nacional, composto de professores e de industriaes;
- c) rapidez de acção.

E, a respeito deste ultimo, faz ver a representação que seria impossivel assegurar um fabrico completo de materias có-



rantes, de productos pharmaceuticos e outros productos chimicos, que sahiam até agora principalmente da Allemanha, emquanto não se achasse adeantado um trabalho preparatorio consideravel a respeito dos methodos manufactureiros, não só dos productos acabados, como dos intermediarios exigidos pelos processos escolhidos. Representa isso grande dispendio de tempo, donde a premencia de se pôr em campo quanto antes, tanto mais que ao lado dos serviços dos mais eminentes especialistas e seus assistentes, se torna necesario recorrer aos de numerosos alumnos das universidades que, partindo sem cessar para a linha de frente, vêm desfalcar o quadro dos auxiliares indispensaveis.

Convocou o Governo os Presidentes e os membros de maior nomeada de ambas as corporações. Em reunião que teve logar a 6 de Maio expozeram as suas idéas proprias William Crookes, Perkin, Tilden, Pope e Forster. Guardamos para o fim Percy Frankland que não ha quem não conheça, e que, com a sua lucidez habitual, apontou de relance o aspecto do terreno em que é tão grande autoridade.

Disse este em resumo que a chimica não excitava interesse na Inglaterra; que a profissão de chimico nem mesmo até se achava perfeitamente estabelecida. Veiu a guerra desvendar os olhos de todos.

“Não poderíamos ter passado por humilhação comparavel á de vêr o maior imperio do mundo lutar com falta de materias primas as mais communs e mais importantes, não ser possivel tingir os uniformes dos nossos valorosos soldados de modo conveniente, quasi ter de parar com o trabalho dos laboratorios por falta de reagentes e materiaes, e o fabrico dos explosivos debatendo-se no meio das maiores difficuldades á mingua tambem de materia prima. Perdemos certas industrias não só por causa do pouco caso que dêmos á chimica, mas porque os nossos industriaes abandonaram as pesquisas nesse ramo da sciencia. Não tomámos parte nos grandes progressos taes como a fixação do azote athmospherico, a synthese do ammoniaco e dos nitratos, progressos recentes talhados para revolucionar a economia do planeta.

“E esse declinio das nossas industrias chimicas é profundamente lastimavel sob outro ponto de vista ainda, porque se algumas das nossas industrias se acham sempre prosperas, é por dependerem do que se pôde denominar a chimica em grande, a qual exige menores conhecimentos de que outros fabricos mais recentes que exigem operadores particularmente habeis. Não possuirmos esses

fabricos é pois para nós fonte de enfraquecimento, não só por nos tornar tributarios do estrangeiro em numerosos productos, mas tambem pela diminuição de chimicos de valor a cuja sciencia possamos recorrer em qualquer momento."

Uma semana depois, a 13 de Maio, expunha o governo a questão ao Parlamento. Mostrára a guerra que se estava na dependencia do estrangeiro para numerosas fabricações e materias. Para manter a posição da Inglaterra no mundo, era essencial utilizar melhor os que possuiam instrução scientifica. Era preciso augmentar o seu numero; dever-se-ia tentar realizar a sua associação intima com os industriaes; era indispensavel egualmente sustentar por meio de subsidios e recompensas as pesquisas, sobretudo nas universidades. Falhára-se por não se ter pensado até então em abrir carreira aos homens de sciencia; haviam falhado as universidades por não terem mostrado sufficientemente a importancia da sciencia applicada e não se conservarem em contacto intimo com a industria; esta, por sua vez, não reconhecera a influencia que isso poderia ter para os seus interesses. Finalmente, os contribuintes haviam dado provas de avareza perante os institutos e collegios technicos.

Proporcionou o secretario da instrução nesse momento, aos seus collegas alguns dados para lhes mostrar como "quantias relativamente modicas podem produzir consequencias surprehendedentes". E começará a encontrar o leitor n'alguns delles, tambem, os motivos da demora no preparo militar dos alliados.

"Eramos tributarios da Allemanha para os tubos em porcelana dura dos pyrometros empregados na medida das temperaturas altas; são utilizados esses pyrometros, entre outras applicações, na confecção das agulhas necessarias á costura do calçado dos soldados. Posso com satisfação communicar que, graças a trabalhos recentes, estamos aptos agora a fornecer esses tubos tão bons como os allemães, e, por consequencia, poderemos nós mesmos obter as agulhas de que precisamos. Talvez seja surpresa para a casa o saber que ao passo que quatro firmas allemans empregam, só essas, mil chimicos, a totalidade dos nossos industriaes não se servem de mais de quinhentos. Mesmo nas actuaes circumstancias, podem contar-se ali mais de 3.000 estudantes que proseguem em investigações de laboratorio simultaneamente com os seus estudos universitarios; difficilmente se alcançaria m Inglaterra o numero de 350.

"Outro exemplo, este, dos resultados que podem ser alcançados em mecanica pelos mesmos meios. As victorias dos Ingлезes sobre o



inimigo em materia de aviação são devidas em grande parte aos estudos de um moço sobre a estabilisação automatica. Sahido de uma escola elementar, conseguiu entrar no Collegio Imperial e finalmente no Laboratorio Nacional de Physica onde inventou o biplano B. E.

“Veja-se agora o lado pecuniario. No principio da guerra, a lydite era fabricada partindo do phenol; subiu o seu preço rapidamente de 6 pence a 5 shillings. Graças a experiencias de laboratorio dirigidas pelo professor Green, de Leeds, o preço cahiu de novo até um shilling, extrahindo-se esse explosivo do benzol. Ora, se taes resultados podem ser alcançados em tempo de guerra, que não será licito esperar durante a paz, de um numero sufficiente de investigadores e sabios dedicando seus conhecimentos á pratica industrial?”.

Votou a assembléa por unanimidade os creditos pedidos, não sem ter tido occasião de ouvir citar mais factos interessantes como o da fabricação do vidro para optica, estabelecida em Iena graças aos trabalhos do physico Abbe e ao apoio que o governo allemão acabou por lhe dar para a construcção das officinas. Referiu-o o deputado Lynch que terminou fazendo notar que, nas fabricas allemans de productos chimicos, podia encontrar-se, em cada quinze operarios um especialista ou um verdadeiro chimico. “Todas as industrias se acham mobilisadas para fabricar munições de guerra. Criemos igualmente uma machina que permita mobilisar os cerebros e a sciencia, pondo-os ao serviço da industria e do desenvolvimento da nação”.

O plano do governo para a constituição de tal machina comporta:

1.º — O estabelecimento de um imposto sobre os differentes ramos da industria com o intuito de custear os estudos necessarios ao seu progresso;

2.º — Organisação de uma repartição de informações para os industriaes;

3.º — Creação de uma commissão encarregada de provocar pesquisas scientificas referentes á industria, dispondo das dotações correspondentes a esse programma.

As funcções dessa commissão são proximamente as indicadas no memorial da “Chemical Society”. Por esse motivo as não indicámos quando a elle nos referimos. E’ chegado o momento de assignalarmos as principaes. Competir-lhe-á abrir inqueritos systematicos sobre as industrias e suas relações reciprocas, parti-

cularmente com as que dependerem entre si directamente, averiguar a proveniencia das materias primas empregadas, verificar se essa proveniencia não é monopolizada — bem como a dos outros productos necessarios—por estrangeiros. Por outro lado pertence-lhe o provocar os estudos e pesquisas sobre todas as faces do trabalho industrial—materias primas, processos, substancias ou machinismos auxiliares — que possam ser consideradas de interesse nacional, de modo a collocar os poderes publicos ao corrente dos meios mais adequados para levar o paiz a supprir as suas proprias necessidades.

Trata-se, como se vê, de um subito e coordenado movimento que — já o dissemos — a ninguem pode deixar indifferente. A Inglaterra, paiz essencialmente particularista, “organisa-se”. Segue o exemplo da Allemanha; é a doutrina alleman que regista mais um triumpho, não deixarão de dizer alguns que se impressionam apenas com a apparencia das coisas. Porque será, então, que tantos dos homens, e até os que melhor conhecem a evolução da Confederação Imperial, se encontram hoje do lado de cá do Atlantico, no intuito confessado de se inspirarem nos methodos norte-americanos?...

*
* *

Acha-se entre elles Victor Cambon, o autor da “*Allemagne d’aujourd’hui*”, dos “*Derniers Progrès de l’Allemagne*”, o insigne patriota que um anno antes de rebentar a guerra levava aos mais importantes orgams de Paris o aviso documentado da proxima aggressão, inevitavel, e que delles recebia, como acolhimento, o pedido de doze francos por linha... “Essas leituras não interessavam o publico”, foi-lhe então respondido, conforme referiu mais tarde, depois da invasão, em plenario da Sociedade dos Engenheiros Civis de França, em conferencia que foi, ella, por todos esses mesmos jornaes reproduzida... com excepção do incidente citado que ficou, aliás, sem contestação. Foi mesmo um dos primeiros a seguir para a America do Norte, segundo affirmou recentemente Besson, o joven e já eminente radiographista que a Academia das Sciencias — o Instituto — ainda não ha muito laureava.



Esta illustre corporação repetiu, por sua vez, logo depois dos primeiros dias de guerra, o que já fizera um seculo antes, iniciando o precioso concurso á defesa dos interesses patrios a que se acham para sempre ligados os nomes de Monge, Carnot e Berthollet. E sir William Ramsay, no celebre discurso a respeito da organização nacional da sciencia, em que pedia ao governo a declaração do algodão como contrabando de guerra, depois de haver bosquejado o papel dos sabios da nação alliada, quer para a solução do conflicto armado, quer na obra de reconstituição e de concorrência que se lhe prepara a seguir e de antemão, não se esqueceu tambem de apontar para o modo pratico como nos Estados Unidos tal concurso foi sempre aproveitado.

Fazendo correr o risco de diminuir, no conceito de alguns dos leitores, a apregoada philantropia de certos — não todos — millionarios norte-americanos, permittimo-nos transcrever nas linhas que seguem um bom modelo para “generosidades” dessa natureza, na autorizada opinião do professor Kennedy Duncan:

“Contracto de associação industrial — Com o intuito de favorecer o desenvolvimento dos conhecimentos uteis, aceita a Universidade de Kansas do Sr. . . a fundação de uma collaboração para . . .

“Fica mutuamente entendido e convencionado que as condições serão as seguintes:

“O objecto exclusivo dessa collaboração é...; o seu ou seus beneficiarios deverão consagrar a esses estudos todo o seu tempo e attenção, com excepção de... horas por semana que serão destinadas ao ensino da Universidade.

“O collaborador será nomeado pelo Reitor da Universidade e pelo director dos estudos industriaes. Será posto á sua disposição um laboratorio com todos os recursos, reagentes, etc., que correspondam ao material corrente de um grande estabelecimento de ensino. As lições que elle dêr na Universidade serão a remuneração de taes despesas. O doador, por seu lado, compromette-se a cooperar com a Universidade nas investigações a realisar, concedendo ao collaborador o seu auxilio, e a permissão de effectuar uma experiencia em grande escala na sua fabrica. O collaborador trabalhará de accôrdo com os conselhos e sob a direcção do director dos estudos industriaes e deve entregar periodicamente ao doador, por intermedio do mesmo director, relatorios ácerca do progresso dos trabalhos.

“Para as despesas desta fundação que se estenderá durante um periodo de... annos, o doador compromette-se a pagar por anno á Universidade a quantia de..., de uma só vez e adeantadamente, e



a Universidade entregará ao collaborador os respectivos honorarios mensaes.

“Todas as descobertas realizadas pelo collaborador durante o prazo do contracto ficarão sendo propriedade do doador, sob reserva da remuneração devida ao collaborador. Dependerá essa remuneração dos serviços prestados e não será superior a... (numerario, gratificações, acções). As épocas de pagamento serão determinadas por um conselho de arbitragem constituído para esse fim. Em qualquer época durante a vigência do contracto poderá o collaborador, de accôrdo com o doador, requerer privilegios á custa deste, sob a condição de serem a este reservados todos os direitos.

“A’ expiração do contracto ou mesmo antes, será licito ao doador contractar os serviços do collaborador durante um periodo de tres annos, devendo as respectivas condições serem acertadas pelas partes interessadas. Em caso de divergencia, será esta resolvida por meio de um conselho de arbitragem, comprehendendo um representante da Universidade, outro do doador e um terceiro escolhido pelos dois primeiros. As decisões desse conselho são obrigatorias para qualquer das partes.

“Fica egualmente entendido que durante o prazo do contracto, o collaborador pode publicar os resultados das suas pesquisas desde que o doador julgue que tal publicação não lhe lésa os interesses; findo o contracto, redigirá o collaborador uma monographia completa a respeito do assumpto das suas investigações, contendo tudo quanto descobriu e aprendeu. Um exemplar dessa monographia fica pertencendo ao doador; outro será assignado e archivado na propria Universidade. Ao cabo de tres annos fica esta com direito a publicar-a para uso e proveito do publico. Se o doador é de opinião que essa publicação, ao cabo de tres annos, é de natureza a prejudicial-o, póde appellar para prorogação de prazo a um conselho de arbitragem, podendo este decidir qual o periodo a observar para conciliar todos os interesses em presença.”

Durante quatro annos foram assignados 18 contractos desta natureza na Universidade de Kansas; a de Pittsburg está em negociações para vinte, dos quaes cerca de quarta parte se refere a assumptos interessando a agricultura. E Pittsburg é um centro de industria metallurgica... Na Universidade de Kansas a maior parte das doações existentes tem sido renovada. Algumas exigem multiplos collaboradores para o mesmo fim.

Essa estreita cooperação entre o industrial e o obreiro scientifico, essa maneira de comprehender o exercicio das profissões ditas “liberaes” foi um dos factores mais importantes, senão o do-



minante, no progresso que patenteiam os Estados Unidos. Allí se seguiu processo não differente do da Allemanha. No quadro que atraz publicámos referente á producção do aço, um dos factos que mais se destaca é a alta brusca da tonelagem de ambas essas potencias industriaes. Pois bem, em estudo publicado em 1912 na "Revista Economica", o grande industrial Thyssen, cujo nome vem constantemente á baila depois de irromper a guerra, mostra em diagramma bem significativo que esse surto foi devido á descoberta fundamental, franceza, de Pierre Martin. Facto analogo regista Iweins na America. E' mesmo de impressionar que os paizes que mais se distinguem modernamente no progresso industrial não apresentem manifestações excepçoes de qualidades inventivas; a razão do seu exito está nesta muito mais modesta mas constante conjuncção de esforços, que se auxiliam e dão a mão.

Bem razão têm, pois, os inglezes em procurarem agora refazer-se das faltas passadas partindo do ensino. E' o primeiro passo para chegar a semelhante resultado. Na Sociedade de Chimica Industrial de Londres alguém accentuou a tendencia da instrucção alleman, dizendo que dentro em pouco talvez não se encontrasse mais quem allí se occupasse de chimica pura. E' evidentemente uma maneira de fazer espirito. Mas o fundo exprime bem o principal da idéa. E' o contrapeso do que se póde dizer do ensino francez. A certa lacuna deste ultimo attribuem as suas primeiras mentalidades a falha que hoje se procura supprir. A influencia preponderante da Escola Polytechnica abriu ás mathematicas e ás sciencias abstractas logar exaggerado. Cada vez mais e mais a physica e até a chimica tenderam a reduzir-se a meros exercicios de calculo. "O ensino na pedra da aula é o unico considerado entre nós; o ensino do laboratorio, muito desenvolvido pelo contrario nas universidades allemans, é-nos por assim dizer desconhecido".

As repercussões a que dá logar esta outra maneira de vêr constituem um verdadeiro reverso da medalha em cuja frente fosse esculpido um "térmo de *industrial fellowship*" norte-americano como o que ha pouco vimos. Foram os casos que vão ser narrados, citados por Le Chatellier perante a "Société d'Encouragement" ha um anno mais ou menos. Podemos, pois, tel-os como exactos. Conversava elle com um grande industrial do seu paiz, fabricante, nas horas vagas, tambem, de massa para as fabricas de



porcelana. "Tenho agora um novo concorrente, bem incommodo, recentemente installado em Limoges. E' um charlatão de nome F... Conseguiu convencer os louceiros a pagarem-lhe 2 francos mais por cem kilos de massa, só porque ella é analysada chimicamente. Não vêm os imbecis que a massa conserva sempre as suas propriedades, seja ou não seja analysada." Ignorancia ou esquecimento de que, em uma sobre cinco vezes, os outros fabricantes — entre os quaes o critico — forneciam materia prima imprestavel por motivo de composição irregular. Outro caso: uma fabrica de productos refractarios, situada em B... desconhecia a utilidade das analyses. Um bello dia, confundiu, no barreiro, um banco de marga calcarea com a argila. Resultado: um lago de vidro solidificado no lugar em que d'antes existia um forno; os tijolos haviam fundido... Terceiro e ultimo: uma fabrica de cimento fornecera material para a escada de honra de um edificio publico em C... O cimento empolou e a escada estava em ruina ao cabo de poucos mezes.

Não julgue o leitor que isso se daria com todas as grandes marcas inglezas ou francezas, de reputação universal, que nos exportam materiaes refractarios ou cimento. Possui a maioria dessas os seus laboratorios proprios perfeitamente aparelhados e sob as vistas de pessoal apto, zeloso e competente. A differença entre essas duas nações, hoje alliadas, e as que lhe desenvolvem tão aspera concorrência está em que, nas primeiras, os industriaes nessas condições são excepção, e nas segundas constituem a regra.

Na Allemanha e nos Estados Unidos, além disso, o papel desses laboratorios vae mais longe dos serviços communs de expediente que garantem a boa qualidade dos productos; constituem um verdadeiro emprego de capital á *fonds-perdu* destinado a ser fonte de futuros progressos; os resultados obtidos provam que se trata de facto de excellente operação financeira.

Nem todos têm porém a capacidade, em capital e sciencia, para se saberem munir desses meios de aperfeiçoamento e pesquisa, que requisitam de facto conhecimentos acima do vulgar. E' o caso dos pequenos fabricantes. Que fizeram esses? Syndicaram-se e constituíram laboratorios communs na Allemanha; seguiram a tendencia communitaria do typo social a que se filiam e que por todas as partes do mundo constitue os seus "vereine". O norteamericano, por caminho diverso, por diverso ser o seu typo especial, procurou chegar ao mesmo resultado. A universidade e o



consultor em materia industrial permittiram-lh'o com equal pro-
veito. Já vimos como a respeito da primeira; outra vez consagra-
remos algumas reflexões ao segundo. De momento, o que interessa
accentuar é que uns e outros devem o exito, que os retardatarios
procuram por sua vez alcançar, seguindo-lhes o exemplo: 1.º —
associando o methodo scientifico á orientação dos seus negocios;
2.º — conjugando os esforços de todos, onde o de cada um era
impotente para chegar ao fim desejado. Mas, porque será que
falam todos em organização alleman e ninguem na norte-americana
que não deixa, entretanto, de ser uma realidade? Acreditamos
encontrar a explicação no facto desta ultima começar agora, ape-
nas, a entrever a serio a conquista dos mercados estrangeiros.

* * *

Dedica Alexander Ross a ultima parte das suas reflexões á
agricultura ingleza, servindo-lhe de ponte entre a construcção
mecanica e o emprego do arado o descuido a que a falta de pre-
videncia deixou levar a riqueza florestal do seu paiz. Como seria
de esperar, não aprofunda o assumpto. “Não tenho a intenção de
discutir questões de lavoura perante os membros do Instituto —
comquanto essa materia releve em importancia a qualquer outra
das nossas industrias.” Palavras essas a que não pode ficar in-
differente ninguem que entre nós pense um pouco na situação do
Brasil, maxime cahindo dos labios do filho de um paiz essencia-
mente traficante e manufactureiro. Dirigem-se as suas locubra-
ções para a questão “transportes” que não menos bolem comnos-
co. Mas, não é para o aspecto tarifario, como não era para o da
reconstituição das mattas que desejaríamos chamar hoje a atten-
ção. Bem conhecido é o primeiro; está o segundo intimamente li-
gado ao nosso futuro. Para alcançar esse futuro, porém, faz-se
mercê pensar no presente, para começar.

“Enterremos portanto os mortos, cuidemos dos vivos”, como
dizia o grande Marquez em 1755. São outras as expressões de
Ross, de interesse immediato, que aqui vamos por em relevo.

“Com respeito ao amanho das terras é singularmente anomala a
situação que occupamos. E' nos dado apresentar o que ha de melhor
em qualidade, e nesse particular a nossa superioridade em geral é
incontestada, mas em volume temos declinado em vez de ir para a
frente. Vejam-se as nossas colheitas. Em muitos casos obtemos ma-
gnificos rendimentos, mas os numeros medios não representam mais
de dois terços do maximo, e no total conservamo-nos abaixo da maior



parte das outras nações. O que está claramente indicando que, se contamos com um grupo de lavradores de primeira ordem, deve existir entre os outros quantidade muito mais consideravel obedecendo a orientação fóra de tempo.”

Depois de percorrer as consequencias” de toda a especie nesse estado de coisas, e sobretudo na emigração — interna para as cidades, e para o exterior, mostra a sua falta de excusa em uma época essencialmente caracterizada pela celebre phrase do Professor Long: “não ha romance ou lenda que alcance em maravilhoso ao que se obtem com o emprego dos adubos adequados de um lado, ou pela selecção das sementes e methods de cultura do outro; está sempre nas mãos do homem vestir hoje de rica vegetação o mais arido rochedo, a mais safara das terras”

Pena foi que não descesse a exemplos ou parallelos. Nenhuns encontraria que mais impressionassem seus ouvintes do que os fornecidos pela Allemanha, uma vez mais ainda. Quando se examinam as condições desfavoraveis das dunas de areia, interrompidas de pantanos, que cobrem a Prussia norte-oriental, do immenso e sombrio manto de turfa de vae do Rheno ao Elba, mesmo tendo em linha de conta os ferteis valles dos rios e as ricas planicies do centro, não é possivel deixar de admirar os resultados arrancados, á força de trabalhos perseverantes, sob a direcção dos chefes das estações agronomicas, de tão ingrato sólo. Se compararmos a producção media alleman de 1883-87 á de 1908-12 com relação ás principaes colheitas da grande cultura, deparam-se nos numeros que subiram: para o centeio, de 59 milhões de quintaes metricos a 110 milhões; para o grão, de 25 milhões 800 mil a 40 milhões; para as forragens de 168 milhões a 250; para a batata, de 255 milhões a 442! E o rendimento por hectare, que é o indicador da melhoria realisada, passa, para o centeio, de 10 a 18 quintaes metricos; para o grão, de 13,4 a 20,7; para as forragens, de 28,5 a 42,1; e para a batata, de 87,4 a 133! Comparemolo com os dos outros paizes productores. Que vemos?

PAIZES	Grão	Centeio	Batata
Allemanha	22,6	18,5	150,3
Austria-Hungria	13,8	13,0	92,3
Argentina	9,3	—	—
Canadá	13,7	12,0	115,8
Estados Unidos	10,7	10,6	76,2
França	13,8	14,3	74,2
Russia	6,9	8,7	81,7



Nas industrias agricolas, os progressos são talvez mais surprehendedentes. Caso semelhante ao da producção de ferro e aço é o que nos offerece a industria assucareira, a qual se apresenta, convem notar, mais que qualquer outra, do maior alcance para uma nação. Dá não somente a beterraba enormes receitas ao fisco, como todos os seus residuos e sub-productos, taes o melago, os saes de potassa, as aguas de lavagem, constituem elementos preciosos de fertilisação. Foi esse conjuncto de circumstancias que lhe deu na Europa o primeiro logar nas culturas industriaes. Franceza de origem, já pela descoberta do assucar na planta, effectuada por Olivier de Serres, já pelo primeiro industrial que emprehendeu a fabricação — Achard, que com o auxilio de Napoleão montava em 1812 a primeira usina nas visinhanças de Paris — a industria da extracção do assucar confere hoje ao Imperio Germanico a supremacia, quer como rendimento, de 15,5 a 16 por cento, proporção de que os outros mal se approximam, quer como volume. Quanto a este, tinhamos em 1912

Allemanha	2.750.000 toneladas
Austria-Hungria	1.900.000 "
Russia	1.380.000 "
França	963.000 "
Estados Unidos	624.000 "

Não se trata, porém, o que é mais serio, de caso isolado. Todos os generos de cultura tomaram na Allemanha desenvolvimento analogo. Os methodos, as experiencias, os resultados são registados em uma alluvião de obras scientificas ou praticas, de revistas e jornaes. Sabem todos que o kaiser é um dos mais activos propagandistas da agricultura. Assiste todos os annos á reunião solenne dos agricultores do paiz e toma a palavra, expondo os resultados obtidos nas suas propriedades e estimulando vigorosamente o caminho para a frente. Esses progressos são imitados e acompanhados com ininterrupta attenção pelos paizes vizinhos taes como a Dinamarca, a Suissa, a Hollanda, a Escandinavia. Seria illusão mesmo não vêr nessa influencia a genese da germanophilia latente que nelles não tem sido difficil descortinar no decorrer do conflicto actual. Nenhum outro paiz os segue, porém, com maior zelo do que os Estados Unidos.



Estabeleceram-se as mais intimas relações entre as grandes associações agricolas dos dois paizes. As revistas americanas dão resenhas regulares dos esforços da agronomia alleman, ali considerados como o modelo a ser applicado ás gigantescas "farms" do Far-West. E se a Europa é em grande parte tributaria da grande Republica para o maquinario rural, reciprocamente as grandes industrias agricolas dos Estados Unidos são aparelhadas quasi que exclusivamente por firmas allemans.

"Estamos bem longe em França, commenta Cambon na obra que atraz citámos e donde extrahimos os numeros acima, de seguir esses bons exemplos. A população agricola quasi ignora entre nós os novos methodos allemães de cultura. Não se acham traduzidas as obras mais fundamentaes; fica-se surprehendido de topar a cada passo com importantes proprietarios que ignoram até a existencia de processos modernos que são corriqueiros no paiz vizinho. Quando foi publicado, na minha "Allemagne au travail", que existiam alli 155 installações para dissecação de batatas (são hoje mais de 300) fui assaltado por todos os lados com cartas que me pediam informações acerca dessa operação **desconhecida**. Quanto é profundamente para lamentar essa ignorancia da evolução das novas trilhas da agricultura, inutil é mostral-o, pois que seria igualmente ocioso dissimular quão numerosas são as nossas industrias ameaçadas de morte perante a irresistivel concorrência alleman".

E, depois de estudar as condições particulares á França, condições que só esperam o esforço de direcção que a época actual reclama, assim conclue: "eis porque é de importancia capital ensinar aos nossos cultivadores os processos que empregaram os agricultores allemães para ficarem sendo os primeiros do mundo".

Não são differentes as conclusões do lado inglez. Annos atraz Nugent Harris, secretario da Agricultural Organisation Society, em publicação que provocou amplo debate, sustentava exactamente a mesma these. Batia mais insistentemente em outra tecla, mas a afinação e a melodia eram as mesmas. Insistia esse autor na nefasta influencia do isolamento em que se encontrava o homem do campo no Reino Unido para se pôr ao corrente dos novos methodos, e, uma vez aprendidos, poder pôr-os em execução. Mal tinha quem o assistisse, por seus conselhos e auxilios, na compra das materias primas — plantas e correctivos do solo — não possuia

senão meios restrictos para beneficiar do aluguel das machinas de custo acima dos proprios recursos, encontrava-se abandonado no mercado dos productos, frente a frente com os açambarcadores e intermediarios. Citava a esse proposito numeros de impressionar. Ao passo que o Reino Unido não attingia a mil associações de agricultores syndicados, com pouco mais de 120.000 membros, os paizes visinhos mais pequenos, mas mais adeantados, punham-n'o no chinello. Assim, sómente a Dinamarca consignava na mesma época a seguinte estatistica:

1.057 leiterias cooperativas	com	150.000	socios
30 matadouros cooperativos	"	67.000	"
17 sociedades de compra	"	35.000	"
<hr/>			
exportação de ovos	"	65.000	"
<hr/>			
Total		317.000	

O commercio de exportação de ovos attingia a importancia de 3.400.000 duzias, o de suinos abatidos 928.850 cabeças, representando — graças á associação entre os interessados — um valor superior a tres milhões esterlinos, mais de cincoenta mil contos...

Melhor não será fallar nas estatisticas allemans. Houve, entretanto, época, lembrava esse autor, que quem dava sentenças na materia eramos "nós".

"Entre 1798 e 1804, Albrecht Thaer publicava a sua celebre **Introdução ao Estudo da Agricultura Ingleza**, em tres volumes, e fazia-o seguir de outra obra em quatro, **Principios Fundamentais da Agricultura**, que era tambem baseado na observação das nossas industrias ruraes. Tornaram-se esses livros os Evangelhos dos Agricultores Allemães; Thaer foi cumulado de distincções em vida e podem ver-se ainda hoje as estatuas em marmore e bronze que foram erigidas em Celle, Leipzig e Berlim ao homem que propagou na Allemanha os methodos da lavoura ingleza. Mais tarde mesmo, até 1845, época em que sahiu do prelo o livro de Wilhelm Hamme **Processos e machinas agricolas da Inglaterra**, a nossa influencia pode ser encontrada em todas as phases do amanho dado ás suas terras"!... pelos hoje adversarios irreconciliaveis.

Esquece-se Nugent Harris que tambem nesse tempo pontificava M. de Gasparin em França e que suas obras se acham traduzidas em quasi todas as linguas...



* * *

Tempora mutantur... — Em começos de 1815 ainda reinava Napoleão; em 1915 era Guilherme Imperador da Allemanha... Bem pouco influuiu isso, porém, nos destinos do mundo. A outra porta teremos de ir bater. Dois annos depois de Waterloo, em 1817, vinha a lume a obra principal de David Ricardo, o celebre judeu, sobre os “principios de economia politica e taxação”. Era ahi esboçada a famosa theoria a que emprestou o seu nome, a da “renda da terra”, classificada por um dos luminares contemporaneos como o mais acabado “quebra-cabeças” da sciencia dos valores. Nascia essa “renda”, segundo elle, pelo que via passar-se sob seus olhos. A influencia do inicio da applicação das propriedades mecanicas do vapor de que, no começo deste artigo, nos falou Ross, tivera como consequencia um surto de população operaria urbana que era causa das peores apprehensões. O numero de boccas a alimentar crescia, por toda a parte, mais depressa do que os vagarosos progressos da agricultura e o encarecimento constante dos productos de alimentação a todos se affigurava dever ser a regra perpetua. Havia mesmo quem se apavorasse á idéa de ver a especie humana, em proximo futuro, mal podendo arrancar á terra com labor penosamente crescente a quantidade de fructos necessarios; de maneira que o trabalho e o capital, reduzidos a empregar-se em condições cada vez menos vantajosas, seja para cultivar as regiões mais ingratas do solo, quer para elevar o rendimento das terras cansadas a maximos difficeis de realisar, não conseguiriam por fim senão irrisoria remuneração.

A contrapor-se a essa dolorosa perspectiva, divisava-se a do proprietario da “terra”, melhorando sem interrupção, crescendo-lhe os rendimentos á medida que subiam os preços, pelo jogo unico do augmento das necessidades, e da impossibilidade de satisfazer-as a não ser passando pelas forcas caudinas dos sacrificios os mais pezados. A impressão era de que o unico privilegiado no mundo economico era elle; elle o unico beneficiario do esforço colossal que tão prodigiosamente dilatava a capacidade de produção da sociedade. Privilegiado, sim; privilegiado como, entre os privilegiados, aquelle cuja terra produzia cinco por sua fertilidade natural ficava acima dos que possuiam leiras que não da-

vam mais de dois ou tres, e que, portanto mais privilegiado era ainda. E como, egualmente, aquelle que em duas horas collocava no mercado o seu producto, gozava de privilegio sobre o que necessitava de um dia. E' a época dos privilegios naturaes; vemos então, de nação a nação, a mesma distincção que entre individuos relativamente a certos productos, a determinados mercados. Natural é então que aquelle que tem em suas mãos um desses privilegios naturaes, delle tire o maior proveito na quietação do futuro tranquillo que lhe garante o celeste maná depositado pela Providencia em suas mãos... E, em torno dessa concepção, nascida da observação dos proprios factos, estabelece-se uma formula de equilibrio á qual se adaptam os paizes que, pelas condições do seu solo ou da sua situação geographica, assumem o primeiro plano. Está nesse caso a Inglaterra com o seu carvão, o seu ferro. Está-o egualmente, com outros productos, a França.

E' a dependencia da terra no seu apogeu.

A meio do seculo, começa a ruptura de equilibrio. Discutindo o trabalho de Harris a que antes nos reportámos, alguém dizia: "Ha uns cincoenta annos atraz pensava a nação ingleza, e talvez tivesse razão, que o grande e unico objectivo a ser alcançado era o de baratear a alimentação para o seu proprio povo. Tinha naquelle tempo o "farmer" Britannico o seu quinhão mais que redondo das boas coisas da vida terrena, e dispunha como queria do seu mercado. Foi então que mudou o scenario; a abertura das colonias, o abaixamento dos fretes e a importação consequente de comestiveis baratos vindos de fóra veio alterar por completo o sistema". Entra em scena em primeiro lugar o barateamento de transporte. O Oceano, de obstaculo e protecção natural que constituia nas condições anteriores, passa a ser meio de penetração e junção. Faz o resto o progresso mecanico, associando á helice a locomotiva. Em 1860, o frete de um hectolitro de grão custava, de Chicago a Nova-York — 4,50 frs., e 2,30 frs. de Nova-York a Liverpool ou cerca de 4\$000 do logar de produção ao mercado de venda. Paga-se hoje, quando muito, \$400 de Chicago a Nova-York e \$600 deste porto a Liverpool. Os preços de venda de todos os productos agricolas passaram a ter, em consequencia dessa redução nos transportes, tendencia cada vez mais accentuada a nivelar-se em toda a superficie do globo. E, contra a baixa que



acompanhou esse movimento, grande difficuldade tiveram em sua lucta os obstaculos aduaneiros que lhe foram oppostos.

A seguir entrou o factor scientifico cujo papel transpira por toda a parte nas paginas precedentes, da primeira á ultima. Como era natural, na lucta e empenho destacaram-se os que primitivamente se achavam em condições inferiores, quer pela deficiencia em volume ou qualidade dos recursos naturaes, quer pela falta de mercados proprios. A Allemanha, a America do Norte, encontraram-se nessas condições. E o quadro que neste momento tão nitido se nos desenha, nada mais é do que a consequencia natural e logica dos esforços tentados por esses dois paizes em frente á inercia, perfeitamente humana e explicavel, tão certa e positiva em mecanica como em sociologia, dos que anteriormente beneficiavam das vantagens de uma situação differente.

E' a supremacia do esforço esclarecido, relegando para segundo plano a superioridade das condições naturaes pela melhora do rendimento.

Teremos por sua vez de contar, de hoje em deante, como resultado e reacção, com a appareição de um novo estado de equilibrio cuja formação bosquejámos. Em que sentido?.. Não é difficil prevel-o. Claramente o encontramos expresso no final do discurso de Alexander Ross ao Instituto dos Engenheiros Civis: "Comecemos o mais cedo possivel a corrigir as muitas faltas que praticámos e a favorecermo-nos mutuamente "no mercado interno", ainda que sejam necessarios annos e annos para que possamos colher o fructo maduro. Parece-nos, porém, ser fóra de duvida que mais tarde ou mais cedo o Reino Unido estará em situação de provêr ás suas mais urgentes necessidades; se, em vez do Reino, dissermos o Imperio, proveremos seguramente a todas as nossas necessidades." Quaes os meios?... Tambem é facil descobril-os depois do que mostrámos. George Langridge, o presidente da "Surveyor's Institution", teve o merecimento de definil-os com concisão: "A lição que nos está sendo dada é que devemos olhar para a "cooperação" e para a "educação" afim de chegarmos ao nosso fim."

Para os que, como nós, nos achamos de fóra, se assim é possível dizel-o com rigor e que tanto nos abandonamos á confiança nos nossos recursos naturaes não haverá egualmente ali uma advertencia e um programma a nunca perder de vista e a desenvol-



ver? Parece que sim. A menos que, deliberadamente, nos decidamos ao suicídio ou á vassalagem. Que, se fossemos capazes de querer, o conseguiríamos, não padece a menor duvida. Mas, á primeira vista, os symptomas não são dos mais animadores, devemos confessal-o. Onde iremos buscar os liames para uma união intima entre os elementos que constituem a communi-
dade?... Cada vez se nol-os apresentam elles mais frouxos e precarios. A diffusão da instrucção technica em todos os graus, com caracter de applicação immediata aos recursos peculiares da terra, poderia contribuir para uma mais perfeita comprehensão do problema; a solução, coroada pelo exito, de uma qualquer das suas multiplas faces dar-nos-ia a confiança ponderada em nós mesmos, que de facto nos falta. Será, porém, com a leviandade e pouca sisudez que consagramos ás questões de ensino, que lá chegaremos?... E' duvidoso, é mesmo certo que não. Seja como fôr, a obrigação de cada um neste momento grave é a de, cumprindo o seu dever qualquer que seja a funecção social que exerce, desenvolver o maximo esforço com os meios de que dispõe, pela imprensa ou na esphera da sua intimidade, chamando a attenção de todos para questões mais serias do que as que em geral constituem o fundo dos nossos debates, o thema das nossas conversas. E' o processo de alcançar a educação civica, sem cujo alicerce nada será realizado.

Março, 1916.

VICTOR DA SILVA FREIRE.



RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

A produção literaria feminina vai crescendo notavelmente, no Brasil. Este é mesmo um dos phenomenos mais interessantes da nossa evolução intellectual, nos ultimos tempos. O que não impede que ainda não tenha merecido a minima attenção á critica indigena, mais preocupada sempre com repetir idéas francezas chegadas pelo ultimo paquete, ou com levantar improficuos debates sobre questiunculas sem alcance, do que com olhar desprevenidamente, e simplesmente, o que se passa em redor de si. Ha menos de vinte annos, apontavam-se a dedo, como criaturas vagamente teratologicas, as mulheres literatas. Teria o Brasil inteiro, quando muito, meia duzia de nomes femininos conhecidos, e, desses mesmos, nem todos talvez merecessem devéras ser conhecidos: exceptuando-se dd. Julia Lopes, Francisca Julia e Julia Cortines, as outras damas literatas, — ainda que fossem Julias, já que esse nome parecia privilegiado, — talvez fossem excellentes mães de familia. Hoje, ha pelo paiz todo uma florescencia de espiritos femininos dignos de attenção. Não faremos aqui a respectiva estatistica, e uma das razões disso é

acreditarmol-a dispensavel, tão evidente é o facto, e tão flagrante o contraste. Só no Rio, actualmente, e quasi ao mesmo tempo, tres ou quatro senhoras apparecem ao grande publico, ao publico brasileiro, por meio de livros: entre ellas, d. Albertina Bertha, com um romance — *Exaltação*; d. Gilka Costa Machado, com um volume de versos. O facto é bem significativo. E o que lhe augmenta a significação e o interesse, e o torna inquietante para a nossa curiosidade, é que esses livros são ambos relativamente fortes — relativamente á média apreciavel da produção masculina actual: têm mais relevo, mais individualidade, mais alma, mais força do que a maior parte do que por ahi tem apparecido. O romance de d. Albertina Bertha é uma obra audaciosa — audaciosa como concepção e como execução, sobretudo no estylo; e accrescentando-se que essa concepção, e essa execução, e esse estylo, por muito discutiveis que sejam, trazem as innumeraveis marcas de um talento literario cheio de um viço novo, transbordante de um ardor dyonisiaco de vida e de criação, temos dito que talvez nada de melhor, nem de mais energico, com certeza, tem sahido dos prelos desta terra nos ultimos

cinco annos. No livro de versos de d. Gilka, é forçoso notar, não só talento, como naquelle, mas tambem, como naquelle, a mesma independencia corajosa, a mesma affirmação intrepida da individualidade. Baste citar um traço, bem expressivo: a audacia com que exprime as emoções mais ligadas ao instincto e á vida physiologica, uma audacia innocente, uma especie de cynismo original de nymphá nua... não, antes o despudor heroico de lady Godiva passeando o esplendor do seu corpo ao dorso de um asno, pelas ruas do burgo, — em qualquer caso uma temeridade, uma forte marca de independencia espiritual, sem a qual, aliás não ha grandes poetas, nem grandes artistas. Mas é preciso notar como tudo isto é altamente interessante! Interessantissima esta abundancia e esta força das letras femininas, irrompendo, como por uma revolução, sem que nada, ha poucos annos, parecesse annuncial-as. Interessantissimas, sobretudo, as características geraes que nessa produção seprehendem, e que a differenciam da produção masculina pelo que ha, numa e noutra, de mais interior: é ella a que tende ou parece tender a maior originalidade, a maior vida, a aspirações mais ousadas, a revoltas mais energicas. Não ha, talvez ahi um simples fracasso de louças agitadas por senhoras nervosas, nem se trata apenas, talvez, de expansões exaggeradas mas passageiras de quem sae de repente da prisão, conquistando uma liberdade longamente sonhada, e se entrega a todas as sollicitações dos sentidos soffregos de ar, de luz, de ruido, de perspectivas e de céus. E' possivel mesmo que esse vigor nos impressione mais, não porque

seja em si muito forte, mas porque a tonalidade da produção masculina tenha baixado, e vá baixando. E' possivel que, por uma concorrência de causas sociaes, difficeis de deslindar satisfactoriamente, esteja passando para as mulheres, como já se observou na America do Norte, a preponderancia nas funções desinteressadas e superiores da literatura e da arte. E' possivel que os homens, cada vez menos capazes de coragem e de independencia, mais accomodatícios, mais interesseiros, e por tudo isso menos originaes, vão abandonando o campo da actividade criadora ao outro sexo — para lá tornar daqui a tres ou quatro decadas, quando estiver economicamente utilisavel. — *Yorik.*

AFFONSO ARINOS

Em Barcelona, num quarto do hotel Colon, ás 8 horas do dia 19 de Fevereiro ultimo, falleceu Affonso Arinos, que poucos dias antes deixara o Brasil em demanda de Paris, onde residia. Nestas curtas linhas, que o telegrapho rapidamente espalhou por todo o paiz com a sua fria e habitual impassibilidade, está condensada a noticia de uma verdadeira catastrophe, cuja dolorosa extensão só pode ser devidamente apreciada por quem teve a ventura de conhecer o morto illustre e de se familiarisar com as bellezas da sua obra.

Nós tivemos essa dita invejavel. Conhecemos Affonso Arinos. Ouvimos-lhe a palavra chã e persuasiva, illuminada, não raro, pelos lampejos de uma ingenua e espontanea eloquencia, e aspiramos todo o discreto e delicioso perfume que dos seus escriptos se desprende. Pudemos admi-

rar no homem o *gentleman* perfeito, de finas maneiras e captivante trato, cujos nativos dons de sociabilidade as longas e constantes viagens alargaram e aprimoraram, e no escriptor o artista de eleição, de grande emotividade patriótica, possuidor de um estylo claro, simples, original, como outro egual não ha na literatura brasileira.

Affonso Arinos nasceu em Paracatú, cidade mineira, no primeiro de



Maio de 1868. Feitas as suas humanidades, que estudara com um clérigo, na sua terra natal, veio para São Paulo cursar a Faculdade de Direito, pela qual se bacharelou em 1889. Nessa época, era já um escriptor. Nelle madrugou a vocação artistica. Muitos dos contos de *Pelo Sertão*, a sua obra principal, das publicadas, que conquistaram a admiração de homens como Taunay e Joaquim Na-

bucó, quando appareceram na *Revista Brasileira*, foram escriptos aos dezoito annos de idade. Pouco escrevia, porém. Espectador contristado, pois era monarchista, do inesperado golpe que deu com o throno em terra, não tinha então a tranquillidade de espirito que requer a composição artistica. De modo que, de posse do seu diploma, abalou para o Estado natal, onde se fez professor.

Professor de historia. O passado era o seu culto. Vivia nelle, esquecido, como um monge na sua cella, sem dar pelas tristes realidades do presente, que tanto o amarguravam. Nesses annos de Ouro Preto, em que preleccionou aos alumnos do gymnasio dessa cidade, adquiriu a sua grande erudição sobre as tradições historicas da nossa terra e do mundo, erudição que dia a dia se robustecia, pois Arinos, embora nos ultimos annos de vida, não fosse excessivamente dado á leitura, era todavia dotado de um tão extraordinario poder de assimilação e possuia uma tão forte retentiva, que por pouco que lesse sempre recolhia copiosa messe de saber ao celleiro inexgotavel da sua memoria fidelissima.

De Ouro Preto tira-o Eduardo Prado, que lhe confia, sem o conhecer pessoalmente, a direcção do *Commercio de S. Paulo*. Eil-o entre nós, de novo, mas agora numa posição de combate, que elle sustenta com intrepidez e galhardia, desferindo as setas de ouro do seu estylo contra os flancos da republica adolescente. Assim se passam alguns annos. Nesse periodo dá o seu livro *Pelo Sertão* e escreve, sob o pseudonymo de Olivio Barros, a narrativa *Os Jagunços*, que o *Commercio* publicou

em folhetins e foi depois estampada em livro. Escreve tambem parte dos seus romances *Ouro! Ouro!* e *O Mestre de Campo*, ambos ineditos, bem como varios contos e ensaios, que andam esparcos por jornaes e revistas.

Morto Eduardo Prado, em 1901, a quem succede na Academia Brasileira, deixa o *Commercio* e se retira para o Rio, onde abre escriptorio de advocacia. Pouco se demora no Rio.

para visitar o Brasil. A imagem da patria não o deixava. A cada passo lhe extendia os braços através do oceano e o attrahia ao seu regaço. Arinos acudia pressuroso, pois nelle o patriotismo era um sentimento real e vivo, que a todo instante se expandia com ternura e abundancia. As visitas á terra natal, porém, duravam pouco. A maior foi a ultima, que permittiu a Arinos retomar

AFFONSO ARINOS (1)

A Afranio de Mello Franco

Affonso Arinos já não vive!... Jorre o pranto
Pela vasta extensão da Patria Brasileira.
Como Elle quiz, não ha ninguem que tanto queira
A' nossa Terra e á nossa gente e a exalce tanto.

Minas! Do teu sertão no esmeraldino manto
Dá-lhe o leito final á sombra alma e fagueira
Do "burity perdido", a rustica palmeira
Que Elle fez immortal num lapidario canto.

E no leito final, emquanto durma e emquanto
Sonhe, como sonhou contigo a vida inteira,
Povôa-lhe a sóidão feral do Campo Santo.

E, ao prantivo clamor de uma viola tropeira,
Das cantigas nataes ao morbido quebranto,
Embalem-no o "Barqueiro", o "Mironga" e a "Esteireira"...

ARDUINO BOLIVAR.

Parte logo para Paris, que o retem definitivamente, pois Arinos ahi se fixa, á frente de um grande escriptorio bancario. Antes de deixar o Brasil, dá ainda um volume: *Notas do Dia*. São alguns dos seus artigos e ensaios publicados no *Commercio de S. Paulo* e alhures.

Residente em Paris, Arinos frequentemente abandona a Cidade Luz para viajar pelo mundo e, sobretudo,

a penna com que escrevera o seu então verdadeiro trabalho, *O Contractador dos Diamantes*, um bello drama historico, tambem ainda inedito, para traçar essas magnificas conferencias sobre *Lendas e tradições*

(1) Esta poesia chegou-nos um pouco tarde. Sae por isso, em lugar diverso daquelle em que devia sair.

brasileiras, professadas na Sociedade de Cultura Artistica desta cidade.

Eis ahi, em rapido escorço, a biographia desse grande brasileiro que se chamou Affonso Arinos de Mello Franco. A sua vida é simples como a sua obra e a sua alma. Nella existe a suprema belleza da harmonia entre as idéas e os actos, entre o sentimento e a producção. Arinos ficará pela sinceridade da sua arte, pela pureza do seu coração, que o seu estylo fielmente retrata, pela elegancia, limpidez da sua fórma e pelo fundo brasileiro da sua imaginação. Elle conheceu o Brasil, comprehendeu-o, amou-o. Soube, por isso, desrevel-o com verdade e perfeição, com tanta perfeição e com tanta verdade que não ha brasileiro que o leia, sem sentir um aperto no coração... — R. M.

AS ACADEMIAS DE PORTUGAL

Devendo interessar ao meio intellectual do Brasil o que se passa nas academias de Portugal que são o expoente da intellectualidade deste paiz, faremos para os leitores da *Revista do Brasil* uma resenha das suas manifestações contemporaneas.

Da Academia de Sciencias de Lisboa — E' a classica academia fundada no reinado de D. Maria I pelo 2.º duque de Lafões e o Padre Corréa da Serra, em 1779, e destinada a uma vasta acção social "consagrada á gloria e felicidade publica, para adiantamento da Instrucção Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e augmento da Industria". Foi constituida pelos homens mais emi-

nentes nas Letras, Artes e Sciencias em Portugal durante todo o seculo XIX. Para demonstrar publicamente a quantidade e valia dos seus trabalhos realisou no mez de Janeiro passado uma exposição bibliographica que abrange os 137 annos de sua existencia.

Começando pelos primitivos *Estadutos* (1779) seguem-se as seguintes principaes publicações: *O Dictionario da lingua* (1793); *As Memorias Economicas*, 5 vols; *Memorias da Literatura Portugueza*, 9 vols; *Historia e Memorias da Academia*, 33 vols.; *Livros Ineditos de Historia Portugueza*, 5 vols.; *Collecção de principaes auctores da Historia Portugueza*, 8 vols.; *O precioso Almanaque de Lisboa* (1782-1826), 29 volumes; *Efemerides Nauticas* (1788-1862), 54 vols.; *Opusculos reimpressos relativos a historias da Navegação, viagem e conquistas dos portuguezes* (1844-1878); *O corpo diplomatico, Dissertações chronologicas*, de J. Pedro Ribeiro, 31 vols. de annaes das classes de sciencias *Mathematicas, Physicas e Naturaes, Moraes, Politicas e Bellas-Lettras*. Muitas outras publicações que importariam em demasiado longa citação, e a obra monumental iniciada por Herculano, *Portugalia Monumenta Historica*, que é um verdadeiro tombo dos primordios historicos da nacionalidade portugueza. Esta exposição teve em Lisboa o merecido successo e manifestou a importancia social da velha academia ulyssiponense.

Das suas sessões ordinarias do anno corrente temos a destacar uma communicacão de Candido de Figueiredo sobre a orthographia a adoptar no Dictionario da Academia, que se pretendia pôr de accordo com a com-

missão da Academia Brasileira. Esta deliberou eliminar as divergências entre as duas graphias officiaes em sua sessão de 11 de Novembro, tendo apenas um voto contrario, sendo identificada com a orthographia official portugueza a da Academia Brasileira; este instituto está elaborando as instrucções para serem distribuidas aos estabelecimentos publicos de ensino do Brasil.

Tem realisado varias reuniões a Comissão do Centenario de Ceuta e de Albuquerque, contando com valiosos trabalhos de investigação historica e geographica sobre esta grande epocha da historia dos descobrimentos portuguezes.

Em outra sessão da Academia, Candido de Figueiredo discute e censura a formação da technologia scientifica moderna, no maior numero de vezes erronea. Consoante sentença Cicero "é licito criar nomes novos para explicar coisas novas", mas cumpre combater o hybridismo da formação de muitos vocabulos, compostos de fragmentos de idiomas diversos, sem observancia do character da lingua e dos processos morphologicos. Commenta os termos *bigamia*, *sociologia*, *monóculo*, *heliogravura*, *apidologia*, etc. Cumprirá tomar em conta estes erros na organização da necessaria technologia das sciencias, artes e industrias.

Na ultima sessão da 2. classe foi levantada a interessante questão historica de reivindicacão, iniciada pelo Conde Villas Boas a favor do seu antepassado Fernão de Magalhães quanto á gloria da primeira viagem de circumnavegacão. Em Hespanha tenta-se sobrepôr a Magalhães o navegador Sebastião del

Cano. O academico Antonio Baião requer o patrocínio da Academia para esta causa. Sabido é que Fernão de Magalhães era bom portuguez assim como a maioria da equipagem da sua frota; por um desvairo se offereceu ao serviço do rei de Hespanha, tendo sido pela traiçoeira acção bastante castigado; foi destruido o seu brazão no solar de Trazos-Montes, e os parentes foram alvo de insultuoso desprezo; só quatro seculos passados a historia nacional recompoz esta figura de heróe que pertence á epopéia maritima dos portuguezes.

Da Academia de Sciencias de Portugal — E' uma associacão de literatos e cientistas portuguezes de recente criaçãõ, constituindo um grupo de dissidencia em relação á velha Academia de Lisboa; é presidida por Theophilo Braga. Tem já produzido trabalhos de valor, e vê accrescido successivamente o seu prestigio entre nacionaes e estrangeiros.

Na sua sessão de 13 de Janeiro, Theophilo Braga fez uma curiosa communicacão sobre um poema heroi-comico que foi motivo de escandalo no seculo XVIII. Foi o caso que após a queda do Marquez de Pombal a reacção clerical começou a manifestar-se atacando a obra politica e social do grande reformador; a Universidade de Coimbra não resistiu á insidiosa influencia dos escolasticos, e ali foram perseguidos os talentosos cultores das sciencias modernas tidos como pombalistas. Neste momento surge um poema satirico em quatro canticos: "O Reino da Estupidéz", valente troça ao boçal reaccionarismo de que era instrumento o reitor Mendonça. Em vir-

tude do escandalo inquiriu-se do incognito autor. Attribuiu-se ao poeta Antonio Ribeiro dos Santos, a Ricardo Raimun e Nogueira, ao poeta brasileiro Antonio Pereira e Souza Caldas que por enciclopedista estivera na inquisição de Coimbra, a um dos dois poetas Malhães ou ao medico Almeida. Enquanto proseguia a devassa, o autor escreveu o quinto canto sobre este mysterio, que ficou inedito. O auctor foi o celebre hygienista Francisco de Mello Franco, brasileiro, que esteve encarcerado na inquisição em 1730, e que escreveu o poema de collaboração com José Bonifacio de Andrada e Silva. O poema foi publicado em Paris de 1819 a 21 e em Lisboa de 1822 a 23. Espera-se uma edição critica do trabalho, publicado na integra, o que deve alegrar os bibliophilos da litteratura portugueza e brasileira. Esta academia occupa-se com elogio dos apparelhos inventados por A. Schiappa de Carvalho que, pela acção das ondas electro-magneticas permitem a perfeita direcção a distancia dos torpedos, e cujas experiencias foram de resultado decisivo.

Toma conhecimento do relatorio apresentado por Oscar de Pratt dos trabalhos realizados sobre a investigação vocabular promovida pela Academia, do qual se conclue que o inquerito á linguagem de todo o continente e ilhas adjacentes prosegue com efficacia, obtendo uma vantajada contribuição de novos vocabulos para o léxico da nossa lingua.

Theophilo Braga communica tambem que descobriu o filão historico que D. Francisco Manuel de Mello aproveitou para termo da sua obra "o fidalgo aprendiz", assumpto que

Molière tratou posteriormente no "Gentilhomme bourgeois", e que envolve Beatriz, filha do conde de Villa-Nova e da criada Helena da Cunha, e Francisco Cardoso, o criado feito mordomo.

O dr. Antonio Ferrão tratou das lutas liberaes e do movimento setembrista em 1846 e referindo-se á intervenção armada solicitada pela rainha D. Maria II ás potencias que assignaram o protocollo da quadrupla alliança, de 1834, para subjugar o movimento setembrista, levado a effeito pela Junta do Porto, cita as principaes obras e peças diplomaticas sobre o assumpto e mostra diversas passagens do *Livro Azul* sobre taes negociações, onde figura a correspondencia trocada entre Palmerston, Seymons e Conthers. Fala da acção politica e diplomatica desenhada pelo ministro de Portugal em Londres, o barão da Torre de Moncorvo, junto de Palmerston, lendo a esse respeito alguns trechos interessantissimos dos relatorios desse diplomata aos ministros portuguezes, conde do Lavradio e Manuel de Portugal e Castro. Mostra como esses relatorios esclarecem, em absoluto, as negociações com a Inglaterra, Hespanha e França sobre a intervenção armada de 1847, e, comparando os pontos de vista de Canning, Aberdeen e Palmerston ácerca da politica de Portugal, salienta quanto as ideias deste ultimo, por liberaes e anti-intervencionistas, contrastavam grandemente com os intuitos anti-patrioticos e os planos de traição levados a effeito por D. Maria II e as camarilhas dominantes. Terminando, mostra quanto conviria que esses documentos fossem em breve publicados, fazendo-os acompa-



nar dos convenientes prefacios e notas explicativas.

São estes e similares factos que fizeram perder á monarchia em Portugal o seu prestigio historico e permitiram que se manifestasse o fundo tradicional da democracia popular hoje victoriosa. — *R. S.*

EDUARDO PRADO

A publicação de algumas cartas de Eduardo Prado, feita no fasciculo anterior desta Revista, trouxe, além da utilidade de tornar conhecidas varias produções curiosas daquelle espirito, a vantagem de abrir para o publico escriptos intimos onde se guardam outras joias do mesmo quilate.

E' assim que o conhecido homem de letras, sr. José Vicente Sobrinho, com a gentileza discreta que põe sempre nos seus actos, se apressou em nos offerecer duas cartas que lhe dirigiu Eduardo Prado e que são devéras interessantes.

Publicando-as com o maior prazer, esperamos que o exemplo do sr. José Vicente Sobrinho seja imitado. Quanta riqueza litteraria não haverá por ahi, em archivos particulares, perdida para o publico e para os que a produziram!

São estas as cartas:

“Fazenda do Brejão — 6 de Janeiro de 1899. — Desejava que esta carta fosse para lhes dar as boas festas, mas como pôde alguém dar o que não tem? E se alguém ficou sem boas festas foi decerto este seu creado que passou o Natal e o Anno Bom com muita febre de que só a chuva sedativa e calmante do Brejão me tem curado nestes ultimos dias.

Em todo o caso ahi vão os nossos

bons desejos de prosperidade com os nossos agradecimentos pelos amáveis cartões que recebemos.

Estou ha muitos dias mergulhado em theologia, estudando o Jansenismo. Não imagina como fazem bem ao espirito estas digressões para tão longe do meio habitual. Se é verdade que as viagens são uteis estas viagens que todos podemos fazer sem as massádas dos hotéis e dos caminhos de ferro, são decerto as melhores. Abre-se um livro e muda a gente de seculo, tornando-se contemporaneo de quem se quer ser, ao menos por algumas horas. Estou, por exemplo, agora a assistir atravez de Sainte-Beuve as peripecias do Abbé de St. Cyran, ao assumir a direcção espiritual de Port-Royal e asseguro que vou seguindo essa historia com mais interesse do que me inspiram o C. S. e os seus ministros.

Estou tão firmemente convencido de que o interesse pelas cousas intellectuaes é o maior goso da vida, que vendo alguém dotado pela Natureza com tudo quanto é preciso para ser alguém no mundo da Intelligencia, e se esse homem é moço, tremo pensando que é talvez capaz de por circumstancias de meio, por preguiça quem sabe? de dissipar esse patrimonio que nada pôde substituir. Se vir nestas palavras uma indirecta a si, affirmo que está enganado. Não é uma indirecta, mas sim uma directa.

Quem tem o dom de pensar com independencia, de dizer com elegancia, quem tem o amor dos livros e da arte e sobretudo o dom de artista de externar tudo isto, pela escripta, não tem pelo que deve a si proprio, o direito de se esterilisar. E por isso meu caro amigo, os meus desejos de

prosperidade para estes ultimos 365 dias que vae acabar de pingar um seculo, não são mais do que desejos de o ver trabalhar e produzir. Lembre-se que é muito triste dizer alguém da gente, aos quarenta annos:

— Fulano! teve muito talento e promettia...

Sei que a maior difficuldade do trabalho intellectual está em vencer a gente os primeiros dias de solidão. A humanidade das cidades vive, em grande parte, atormentada por esse terrivel problema: Onde passar a noite? — Aqui na roça o problema está resolvido por si mesmo. Mas mesmo fóra da roça ha a possibilidade de ficar em casa e de lér e de trabalhar. A difficuldade primeira está nos primeiros tempos; vencidos os primeiros dias tudo entra na normalidade da vida.

Dirá que a chuva e a convalescença tornaram-me massador e terá talvez razão. E como não quero que essa minha exhortação não seja completa, peço-lhe que a transmita, na parte que lhe possa tocar, á exma. sra. D. Christina. Quem teve a desgraça de casar com um homem de talento deve ter resignação e não é sem espinhos a missão de *Femme d'Artiste* que Mme. Alphonse Daudet tão bem descreveu. Mas a parte nós triumphos, essa tambem é preciso não esquecer e essa é muitas vezes muito grande para a mulher e muito merecida porque ella pôde tudo quando quer que o talento do marido cresça e fructifique.

* * *

Creio que ha annos que não escrevo uma carta tão longa. Vejo porém que ha ainda papel para nelle lhe pedir que apresente as minhas ho-

menagens a Madame e dizer-lhe meu caro amigo quão sincera e affectuosamente sou seu amigo — EDUARDO PRADO.”

“Fazenda do Brejão, 4 de Julho de 1899. — Pelo portador será entregue em sua casa, meu caro amigo, um joven e inexperiente cão, filho legitimo de Cavar e de Cora, ambos naturaes de Toeplitz-Scho-nau (Bohemia — Imperio Austro-Hungaro) e nascido no Brejão (Sta. Cruz das Palmeiras) a 25 de Dezembro de 1898, imperando C. S. e sendo consul G. P. Tem o nome de Brejão.

Brejão é arriseo, ainda feio, mas crescendo ha de ser formoso, como os paes. Precisa ser bem tratado e acariciado, dormir em lugar bem sêcco, sobre palha secca. Come de tudo que lhe derem ou que puder furtar. Não lhe devem dar outra carne além da pouca que fôr adherente aos ossos da cozinha cujos restos serão a sua melhor alimentação, sobretudo se lhe addicionarem algum fubá cosido com algum sal. Toma banho duas vezes por semana, mas não deve entrar n'agua. E' primeiro lavado com sabão preto e depois com agua limpa addicionada de um pouquinho de creolina, producto que se acha no Baruel ou em qualquer drogaria. Depois de enxuto, passa-se-lhe uma escova e deixa-se para enxugar, num terraço ou sobre a gramma, ao sol, em lugar em que não se possa sujar de novo, esponjando-se na poeira, exercicio este inconveniente e pelo qual tem especial predilecção.

Faço votos para que, ao entrar na vida pratica, Brejão se compenetre dos seus deveres, seja docil e terno para a sua dona, obediente e suave



para o seu dono, não ataque os amigos e as visitas agradáveis ou que querem bem á casa e não se esqueça de tirar o seu tributo das pernas dos gatunos.

Com estes conselhos paternaes confio-o, de todo o coração, á bondade e ás almas generosas de Mr. e de Mme. José Vicente. — EDUARDO PRADO." — P.

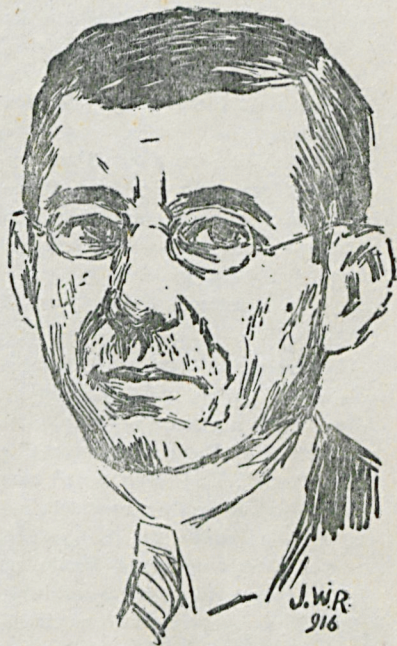
BELLAS ARTES

PINTURA

Entre o actual numero da *Revista do Brasil* e o que o precedeu, nada menos do que cinco pintores se apresentaram ao publico de S. Paulo, simultaneamente, em tres exposições: Lucilio e Georgina de Albuquerque, Dario e Mario Barbosa e Levino Franzeres.

Lucilio de Albuquerque, professor da Escola Nacional de Bellas Artes, é um dos mais reputados pintores brasileiros. Antigo alumno e premio de viagem daquella Escola, ao regressar da Europa ha cerca de dez annos, fez em S. Paulo uma bella exposição, em que figurava o seu grande quadro "O despertar de Icaro", hoje pertencente á Galeria Nacional. Depois compareceu tambem ás nossas Exposições de Bellas-Artes, infelizmente interrompidas pela má situação economico-financeira do paiz. O seu reaparecimento foi um brilhante triumpho artistico. Lucilio, de então para cá, progrediu bastante e chegou a um apuro tal de technica, que o pincel é, nas suas mãos, um instrumento geralmente docil e obediente ao seu pensamento. Por isso, os seus ultimos trabalhos reflectem admiravelmente todas as

nuanças da sua fina sensibilidade artistica; assim, as suas mais recentes paizagens accusam uma factura de mestre e possuem um forte poder emotivo, graças á variedade e riqueza dos meios de expressão do artista, que consegue transmittir-lhes toda a intensidade do seu temperamento poetico. Têm, em geral, uma feição melancolica, porque as tendencias do pintor levam-no a escolher assumptos



dessa natureza, sitios isolados e tranquillos, trechos da matta silenciosa e cheia de mysterio, cantos de rio de aguas espelhantes, curvas de caminhos pouco frequentados, etc.; mas, ás vezes, como no "Parthenon" (paisagem do Rio Grande) o sol brilha forte sobre o casario da cidade, o céu é luminoso e uma viva nota de alegria envolve toda a paizagem. Estes aspectos não são communs na sua

obra; em toda ella, porém, as mesmas qualidades apparecem denunciando o artista no corte da paisagem, na escolha da hora, na intensa côr local e na expressão geral do quadro. Tanto na paisagem como na figura, a obra deste talentoso artista tem a solidez das construcções bem alicerçadas, porque Lucilio desenha magistralmente. Não fosse elle o autor do "Perfil" e "Ternura", os dois excellentes desenhos da exposição de que tratamos, reveladores ambos da ductilidade do seu traço. O primeiro, em que a elegancia do modelo rivalisa com a da factura, agil, de uma gracilidade aristocratica e senhoril na simplicidade das suas linhas nervosas e finas, mas vigorosas. O outro, uma joven mãe que aconchega ao seio o filho adormecido, tem nos traços flexuosos, envolventes e largos, toda a ternura de uma caricia materna.

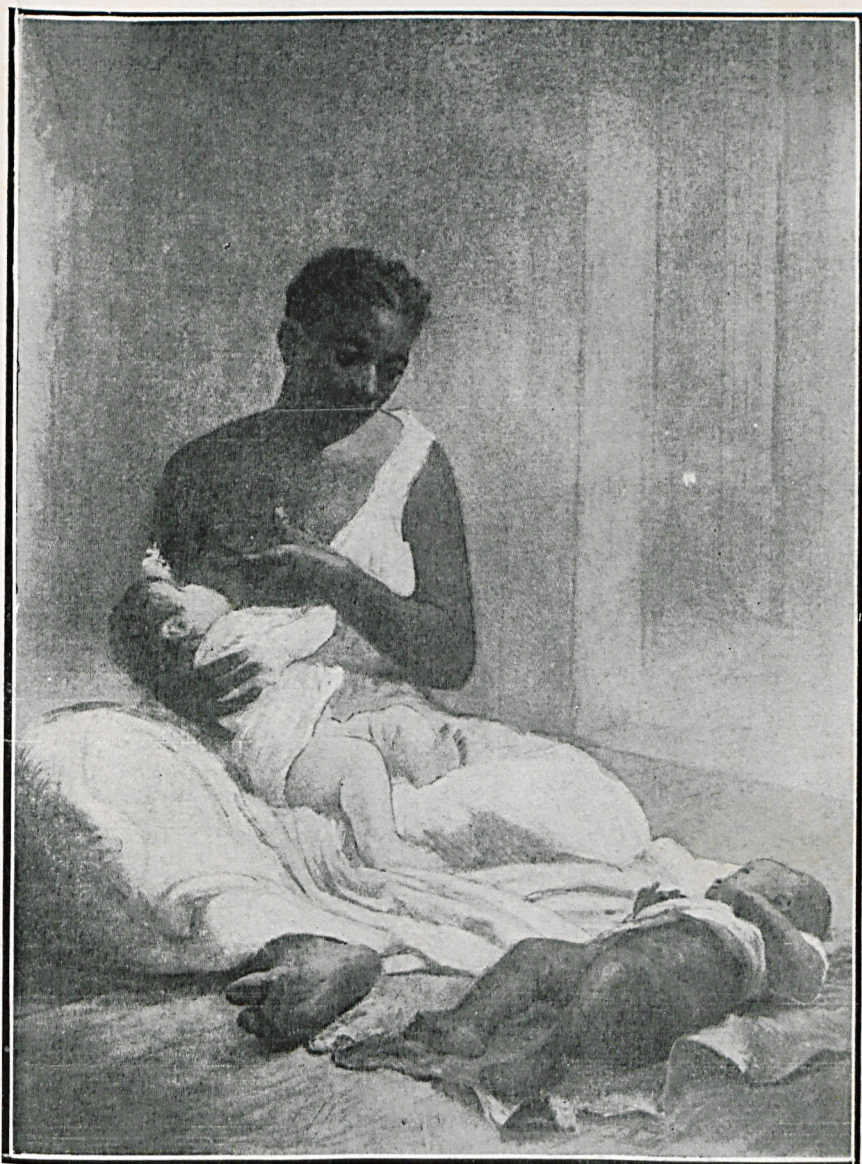
Dois trabalhos desta exposição conquistaram, porém, para Lucilio de Albuquerque a grande admiração dos amadores de S. Paulo: "Seismares" e "Mãe Preta". Em "Seismares" uma bella figura de mulher, reclinada numa rêde, ao canto de um jardim, apoia a cabeça no braço direito em flexão, emquanto o braço esquerdo estendido se balouça com o movimento da rêde; o corpo da mulher, no abandono de quem projecta muito longe o pensamento que os olhos procuram acompanhar, verga a rêde fortemente esticada nos ganchos. Deste assumpto tão simples fez Lucilio um quadro encantador pelo sentimento, pela harmonia das linhas e das côres, numa factura excellente em que a atmospheria do ar livre está perfeitamente caracterizada. "Mãe Preta", de que estampamos em outro logar

uma reproducção, é um quadro do museu. Uma preta, assentada ao chão, amamenta uma creança branca, e emquanto esta lhe suga o seio tumido, o filho está ao lado, deitado, e recebe da mãe um olhar prolongado e compassivo. Nesta scena, perfeitamente natural, quasi um aspecto trivial da nossa vida, soube Lucilio pôr uma tal simplicidade de execução, uma tão intensa expressão de pensamento, e um tão forte espirito de synthese, que a transformou num quadro symbolico da dedicação da raça negra, na feliz evocação do tocante sacrificio das nossas "mamans-pretas", cujo affecto materno conseguia dividir-se entre o filho do branco e a sua criatura. Para isso muito contribuiu a sobriedade quasi austera que distingue a sua maneira, sobriedade que vamos encontrar ainda no excellentre retrato de senhora, mas aqui temperada por uma nota de elegancia e vivacidade exigidas pelo genero e que o artista conseguiu dar-lhe, revelando assim a malleabilidade do seu talento e da sua technica.

D. Georgina de Albuquerque expoz, conjunctamente com seu illustre esposo, diversos trabalhos de sua lavra. E' uma pintora que progride sempre e embora convivendo com um mestre, mantem a sua individualidade. Nesta exposição apresenta algumas cabeças de estudo muito felizes, um excellentre estudo de ar livre, um "interior" muito interessante, quer como composição, quer como factura, e uma soberba paisagem "Canto de rio", que lhe dá o direito de figurar entre os nossos melhores paisagistas.

Dario e Mario Barbosa, dois moços paulistas, apresentaram cerca de tresentas telas. Muitas podiam ser excluidas da exposição com vanta-





"MÃE PRETA"

QUADRO DE LUCILIO DE ALBUQUERQUE

UNESP



gem para os artistas. Nas que ficassem reconhecer-se-iam, sem favor, qualidades muito apreciáveis de technica — segurança, largueza—dignas de servir a concepções menos banaes e de transmittir as vibrações de temperamentos mais emotivos. E' de esperar que os dois pintores, tão dedicados á sua arte, nos dêem ainda e em breve, alguns trabalhos em que o sentimento esteja ao par da technica. Talvez o contacto com a terra da Patria, de que andam ha tanto tempo arredados, lhes desperte a faculdade emotiva e lhes afine a sensibilidade, dando á obra de ambos uma expressão mais vigorosa da individualidade de cada um. O conhecimento que ambos demonstram do "métier", já foi consagrado pelo "Salon des Artistes Français", que lhes abriu as portas a alguns trabalhos, e nesta mesma exposição está amplamente documentado em varias telas originaes e nas magnificas copias de Murillo e Troyon.

O quinto expositor é um premio de viagem da Escola Nacional de Bellas Artes — Levino Fanzeres, com um anno de estagio em Paris. Temperamento incontestavelmente artistico, dotado de uma grande riqueza de côr, não attingiu, porém, a completa libertação da influencia da escola.

Os seus melhores trabalhos participam ainda da natureza de estudos e os que procuram escapar a essa categoria, apresentam deficiencias de factura e de composição. Classificados por aquella forma, merecem louvores e animação. Aliás, outra classificação não lhes deu o jury do nosso "salon" quando conferiu ao autor o "premio de viagem", que é evidentemente um premio de animação e aperfeiçoamento. — N.

MUSICA

A Sociedade de Cultura Artistica, que tão nobremente se vem esforçando por despertar no nosso meio o real interesse pelas coisas de arte, offereceu aos seus associados neste mez mais um magnifico concerto em que tomaram parte dois artistas de merecimento — a sra. Botelho e o sr. Figueras.

A distincta e applaudida pianista deu de novo provas inconcussas do seu brilhante e variado talento.

Ao lado de trechos da literatura, para piano, romantica e moderna, executou a concertista a grandiosa obra classica de Bach, a "Fantasia chromatica".

Si á primeira parte — a fantasia — faltou a precisa serenidade, e a amplitude do estylo, tivemos, em compensação, na "Fuga" motivos para admirar-lhe a precisão rythmica, a plasticidade polyphonica dos themas, a fineza da execução.

Notaremos, de passagem, que não comprehendemos qual o motivo que levou a distincta artista a executar, immediatamente em seguida á obra de Bach, como se della fizesse parte integrante, a sonata de Scarlatti.

A grandiosidade da "Flautina" é tal que não permite se lhe ponha ao lado para execução immediata, qualquer outra peça, muito embora seja ella da autoria de um Scarlatti.

Foi nas peças de Rubenstein, de Chopin e de Liszt, porém, em que melhor se evidenciaram as fulgurantes qualidades de temperamento e de execução da sra. Botelho e o auditorio, que enchia litteralmente o vasto salão do Club Germania, tambem assim o comprehendeu, ap-

plaudindo a excellente pianista com enthusiasmo após as mazurkas de Chopin, a Mephisto Valse, de Liszt, e o nocturno, de Rubenstein.

Figueras, o festejado violoncellista que já tão gratas recordações havia deixado entre nós da ultima vez que aqui esteve, deu-nos, entre outras, uma bella execução da sonata de Valentini (1690-1758), a que soube realçar com brilho e ardor os attributos tão caracteristicos do estylo da época em que foi composta, a graça, o espirito fino, a elegancia de rara distincção, encantou-nos na deliciosa "romanza" de Henrique Oswald, e brilhou com os seus recursos de sonoridade e de technica no concerto de Saint-Saens e na peça de acrobacia mechanica, — a tarantella de Fischer.

O numeroso auditorio manifestou-se em francos e prolongados applausos aos dois excellentes artistas.

* * *

Tivemos ainda neste mez, tres dias após o concerto da Sociedade de Cultura Artistica, um bello "recital", o do violinista russo, Mischa Violin.

Quando, ha mezes, aqui se fez ouvir, pela primeira vez, obteve o joven virtuose o mais absoluto successo artistico, tal o enthusiasmo que os seus concertos despertaram na assistencia e, agora, que elle nos volta da sua excursão pelas republicas do Prata, pudemos de novo constatar no seu concerto, realisado a 16 do corrente, que a sua acção fascinadora sobre o auditorio é sempre a mesma.

Não nos lembramos de nenhum concertista haver provocado aqui no nosso meio, geralmente tão parcimonioso nas suas expansões de agrado, manifestações tão espontaneas,

ruidosas mesmo, como as que consegue Mischa Violin. E' que o temperamento extraordinariamente vibratil e ardente do joven virtuose fascina e arrasta o seu auditorio.

Imagine-se o que será Mischa quando, com a idade, tiver attingido ao completo desabrochar das suas faculdades artisticas. Cremos firmemente que, então, será cotado entre os primeiros mestres do violino, pois que já hoje elle leva vantagem a varios dos concertistas applaudidos nos grandes centros musicas.

Haja vista como elle executou o bello concerto de Beethoven, essa obra prima da litteratura do violino, e que não muitos artistas conseguem interpretar com tal vigor de expressão e tal simplicidade de effeitos como elle o faz.

Observando rigorosamente a linha classica da obra em questão, Mischa sabe, todavia, comunicar-lhe o calor do seu exuberante temperamento e colloca-se assim ao lado dos que comprehendem não ser a obra classica apenas admiravel pela exterioridade das suas linhas correctas, mas sim e, muito, pela intensa expressão do profundo sentimento que a vivifica. — F.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

VISCONDE DE PORTO SÉGURO

Graças aos amigos e facilidades que lhe proporcionava a carreira diplomatica para a qual entrou cedo, Varnhagen poude consagrar-se desde muito moço aos estudos necessarios á realisação da sua tarefa de historiador. Especialmente em Lisboa, Madrid, Haya, Amsterdam, Vienna

e Londres dispoz de lugares para frequentar bibliothecas, archivos e museus, consultando livros, mappas, autographos, inscripções, medalhas, moedas, gravuras, pinturas e toda especie de documentos.

Do seu longo e trabalhoso preparo para a missão que se impoz dão-nos noticias, além dos seus raros biographos, os numerosissimos estudos que deixou. Não são estudos de grande tomo mas seria um contrasenso exigir estudos dessa natureza de quem tomou sobre os hombros o arduo empreendimento de ser o primeiro a escrever a historia do seu paiz, mais de tres seculos depois de haver começado o tecido dos factos que ella devia reflectir.

Esses estudos abrangem trabalhos assim de caracter estriktamente historico como de caracter literario. Publicou, por exemplo, o *Florilegio da Poesia Brasileira*, a que reuniu sob a forma de introdução o *Ensaio Historico sobre as letras no Brazil*, primordio da historia da nossa litteratura que ainda hoje provoca entusiasticos encomios de homens como o nosso grande poeta Alberto de Oliveira.

Varnhagen tentou tambem o drama, e a poesia, mas foi infeliz. A sua peça, *Amador Bueno*, e o seu poemeto, *Caramurú*, servem unicamente para attestar que ao seu grande amor ás letras não se casava a menor aptidão litteraria ou artistica. O poema, então, é uma falta que não é possível sequer attenuar, dizendo que foi um peccadilho da mocidade. Trata-se de um crime horrendo, perpetrado aos quarenta e tres annos de idade, e para o qual todas as penas divinas e humanas seriam levissimas. O preparo do historiador não se podia fazer, na época e no ambiente que o cercaram, com uma regular observancia dos preceitos da historiographia. Mas é força reconhecer que, por uma necessidade logica do seu espirito, feito de exactidão e severidade, de amor á verdade e á justiça, elle se esforçou por observar os ca-

nonas da heuristica, procurando penetrar o sentido dos livros e de todos os documentos relativos ao nosso passado, conhecer os idiomas sem os quaes não podia estudar as fontes da nossa historia, adquirir idéas exactas a respeito da nossa arte rudimentar e de todas as nossas antiguidades e estudar a nossa geographia e a nossa ethnographia. Nas polemicas, sobretudo com João Francisco Lisboa e com José Ignacio de Abreu e Lima, é que melhor se externaram as boas e as más qualidades do seu espirito: o constante amor á verdade e á justiça, a aspera franqueza, uma evidente ingenuidade e um temperamento violento, de envolta com um escrupuloso cuidado, e não raro meticulosa minuciosidade, no expor os factos e no manifestar os seus juizos. Os proprios descuidos de forma, que algumas vezes o tornaram monotono e pesado, ahí bem se reflectem e patenteiam.

E' facil imaginar as desaffeições que devia provocar com a sua aspera combatividade, com as suas immarcesciveis tendencias aggressivas, com o seu espirito feito unicamente para a rude luta da vida, este descendente de saxão, orgulhoso, bruto, duro, irritante.

Ao metter hombros á sua empreza, não tinha Varnhagen no Brasil nenhum modelo, nenhum antecessor, nenhum guia. Nenhum brasileiro ou portuguez escrevera antes um só livro a que quadrasse o titulo de historia do Brasil. A unica historia do Brasil que havia antes de Varnhagen escrever a sua, fôra composta por um estrangeiro: era a historia de Robert Southey, poeta lakista inglez.

Mas Southey não poderia escrever com exactidão e segurança a historia geral do Brasil. Na verdade, se exceptuarmos a forma, a arte de exposiçào de Southey, é uma injustiça tirar de Varnhagen para conferir ao poeta inglez o titulo de primeiro historiador do Brasil.

Não só mais ou tanto do que da nossa se occupou Southey da histo-

ria das nações vizinhas como a quem lê certos capitulos do seu livro as noções que ficam da geographia do Brasil são tão exactas como as adquiridas por quem converse com um francez contemporaneo ácerca do mesmo assumpto.

Ha quem censure Varnhagen por não ter seguido os conselhos de Martius sobre o modo como se deva escrever a *Historia do Brasil*. Ora, Varnhagen seguiu-os no que elles tinham de razoavel e acceptavel. Para que os seguisse á risca necessario fôra que se provasse a exactidão, a incontestavel verdade de todas as asserções e advertencias do naturalista bavaro. O mais curioso, porém, é que os maiores accusadores de Varnhagen, como, por exemplo, Eduardo Prado, são os que mais se afastam, e com indiscutíveis razões, do roteiro de von Martius.

Em 1858, quando publicou a sua historia do Brasil não era possivel a um espirito serio e instruido conceber a historia do paiz como um poema heroico qual o aconselhava von Martius. A primeira qualidade do historiador é a fidelidade nas descrições, a verdade, a exactidão. O epos que recommenda von Martius só se comprehende em livros destinados á instrucção da infancia e da juventude e em que unicamente se exhibem aquelles quadros e factos historicos aptos e proprios para gerar o amor da patria e suggerir a aspiração de a bem servir e concorrer para a sua felicidade e engrandecimento. O que acima de tudo nos impressiona, quando lemos a *Historia Geral do Brasil* é a verdade, a exactidão, a fidelidade na descripção dos factos. Capistrano de Abreu, que tem passado a sua vida a frequentar bibliothecas e archivos, a ler chronicas, memorias e documentos historicos de toda a especie e que nunca peccou pela benevolencia de sua critica, nem pelo desamor ás particularidades e ás minucias, editou vinte e tres capitulos dos cincoenta e quatro em que se divide a obra para o fim de

corrigir e explicar-lhe o texto. Pois bem: se exceptuarmos as explicações e desenvolvimentos, que não escasseiam na referida edição, raros escolios se hão de deparar-nos em que se emende um erro, ou um equivooco, ou uma apreciação inaceitavel...

O segundo notavel predicado da obra de Varnhagen é o desenvolvimento por elle dado á reconstrucção historica dos seculos 16 a 18. E' preciso confrontar a *Historia Geral do Brasil* com a obra de Southey, tendo em attenção os factos passados nesses dois seculos, para bem se ver a deficiencia do trabalho do eminente literato, poeta e historiador inglez, e o precioso, o grande concurso que devemos ao nosso compatriota na reconstituição do nosso passado. Das varias increpações que se fazem a Varnhagen algumas precisam ser analysadas.

Eduardo Prado, por exemplo, affirmou que elle é "o homem que em nossa historia menoscaba de todas as heroicidades, da de Anchieta a da de Tiradentes e diz que os jesuitas foram outros orpheus que souberam humanisar as novas feras humanas."

A increpação não tem base. Varnhagen, tratando de Anchieta, foi laconico, mas não foi depreciador. Aliás um espirito de tão solida cultura, e tão fundamentalmente severo e grave, como Varnhagen, nunca poderia reproduzir, sem de qualquer modo as refutar, as infantis obsessões celebradas pelo padre Simão de Vasconcellos na *Chronica da Companhia de Jesus* e especialmente na *Vida do Veneravel Joseph de Anchieta da Companhia de Jesus, Thaumaturgo do Novo Mundo na Provincia do Brasil* e por outros membros da mesma companhia.

Quanto ás paginas ácerca de Tiradentes ainda mais duro, para não dizer injusto, é o conceito de Eduardo Prado sobre Varnhagen.

Confrontando-se o que elle escreveu a respeito da *Inconfidencia* com o que escreveu Southey este, e não elle, é que pôde ser increpado de me-

nosecabar a heroicidade de Tiradentes.

Outro critico severo, mas tambem injusto, de Varnhagen, é o sr. barão Homem de Mello, que o accusou de haver amesquinhado Colombo e *lhe arrancado da frente os louros immarcesciveis*.

Mas o que Varnhagen disse de Colombo é um resumo do que está nos historiadores que se occupam dos descobrimentos do celebre genovez.

Não é essa, porém, a unica censura que lhe fez o sr. Homem de Mello. Nega-lhe tambem o titulo de historiador, rebaixando-o á categoria de "um mediocre chronista".

Chronica de mais de tres seculos da vida de uma nação, feita methodicamente, com a reconstrucção meticulosa, e tão documentada quanto possivel, de todos os factos de ordem historica: chronica escripta depois de muitos annos de ininterruptas pesquisas e da acquisição de abundantes conhecimentos das sciencias — auxiliares da historia, e com o intento, confessado, de prestar subsidios "ao estadista, ao juriscultor, ao publicista, ao administrador, ao diplomata, ao estrategico, ao naturalista, ao financeiro e aos varios artistas", e "tambem para fortificar os vinculos da unidade nacional, e orientar e exaltar o patriotismo, e ennobrecer o espirito publico, augmentando a fé no futuro e na gloria das letras", não é chronica; é historia.

Pelas paginas dessa historia nunca perpassou um grande sopro philosophico e nellas não predomina uma elevada tonalidade literaria. Bem facil fôra redarguir que não são historiadores unicamente os Buckles, os Momsen, os Taine, o primeiro inspirado no conceito fundamental da historia de Kant, e os outros dois eriadores de uma doutrina filiada á idéa primordial da concepção historica do Hegel. Na galeria dos historiadores não ha lugar sómente para espiritos de igual envergadura, nem estes se engendraram jámais em pai-

zes de cultura incipiente, e sem os muitos seculos de evolução que têm atraz de si a França, a Allemanha e a Inglaterra.

Tremenda carga ainda faz o sr. Homem de Mello a Varnhagen por ter escripto a proposito do invento do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão uma pagina ácerca da navegação aerea que é verdadeiramente prophetica e em que a Varnhagen nem escapou o papel, ainda hoje para nós estupendo, que devia ter na guerra, como verificamos actualmentemente, o invento que realisou a navegação aerea, de accordo com a concepção geral que della formava o nosso historiador.

O delicto maximo que imputam a Varnhagen é, porém, o seu juizo sobre a escravisação dos indios e o tratamento a estes ministrado. João Francisco Lisboa articulou o libello que pôde ser resumido nestes dois periodos: "a mesma humanidade para com os indios, nossos irmãos, nos está aconselhando que recorramos aos meios fortes, franca e nobremente sem tergiversações, para acudir-lhes e salvar-os, emquanto elles de todo se não destroem uns aos outros. Os seus quilombos devem ser assaltados e rendidos, e elles arrancados do centro dos bosques para as nossas cidades, distribuidos no serviço domestico, postos a bordo dos navios, ou aldeados, quando menos, junto ás grandes povoações".

Para responder a esta asserção é necessario que remontemos á época em que Varnhagen estudou e escreveu a sua historia.

A respeito dos nossos indigenas duas correntes de idéas, profundamente oppostas, se espalharam entre nós. De um lado, Gonçalves Dias "confundindo a historia com a poesia" e a sciencia dos factos e os juizos severos da razão com os devaneios da imaginação, quiz identificar a actual nação brasileira com as tribus ferozes, e pôr a nossa prosperidade dependente da sua completa rehabilitação. Do outro lado havia os que pensavam como von Martius o qual, muito embora tivesse acon-

melhado que se tratassem bem os nossos aborígenes, lhes deferira a já conhecida sentença condemnatoria declarando-os uma raça infima, destinada a muito proximo desaparecimento.

Contra os nossos autóctones ainda não se haviam enfileirado os argumentos que mais tarde forneceram a anthropologia, e a ethnologia, e a anthropo-sociologia. Ainda não tinham os Gobineau e os Lapouge composto, com uma precipitada e extranha mescla de phantasia e de maravilhas e retalhos scientificos, essa theoria da desigualdade das raças, com a supremacia incontestavel da que revela certos caracteres e a irremediavel inferioridade de todas as outras, tão saboreada e aproveitada pelos allemães, e tão repellida pela historia e pela mesologia. Mas, predominava então na grande maioria dos brasileiros a convicção meramente empirica e grosseira da irremessivel inferioridade dos indios e dos africanos, natural revivescencia de idéas ancestraes desse periodo a que allude Lisboa, e no qual "os selvagens eram havidos em conta de brutos, extranhos ao gremio da humanidade e effectivamente tratados como taes, sendo mister para rebater estas odiosas pretensões que por bula do Papa fossem elles declarados verdadeiramente descendentes de Adão e Eva, e com igual direito aos feros dos mais homens".

Eis o ambiente em que se deram os factos narrados por Varnhagen, e que ainda influiu no espirito deste ao escrever a primeira edição da *Historia Geral do Brasil*. Na segunda edição Varnhagen modificou um pouco os seus conceitos, o que aliás se dá também com Lisboa, tão severo para com o nosso historiador neste assumpto.

As idéas definitivas do nosso historiador a respeito dos indigenas constam da ultima edição da *Historia Geral* e do folheto — *Os indios bravos* e o dr. Lisboa. Em primeiro lugar, nota-se que elle não era extranho á preocupação da vida, da saúde e do proprio bem estar dos indios. Nota-se depois a sua revolta

contra a desigualdade de tratamento que para si pretendiam os jesuitas. Também o seu espirito justo não podia soffrer esta outra desigualdade consistente em condemnar a escravisação dos indios, e justificar ou attenuar a dos africanos.

Neste ponto, notoria e incontestavel é a superioridade de Varnhagen relativamente a todos os seus criticos; porquanto, estes só viram a injustiça menor, a menos grave crueldade, e não tiveram intelligencia para ver, ou sensibilidade para condemnar com a mesma indignação o crime mais hediondo, que foi a escravisação dos africanos.

As idéas de Varnhagen acerca dos nossos autóctones não eram de... Varnhagen. Faziam parte integrante do ambiente da época. A necessidade do recurso á força e a inutilidade em muitos casos da catechese e dos meios suasorios eram affirmadas em documentos officiaes, em que Varnhagen se apoia para justificar as suas asserções.

Varnhagen podia ser algumas vezes arrastado por suas convicções profundas e sinceras a alguma exaggeração nos juizos criticos. Mas, nos seus conceitos havia sempre um fundo de verdade e de justiça, e era justamente a sua constante preocupação com a verdade e a justiça que o fazia exaltar-se em certas apreciações.

Dois senões se nos deparam na obra do historiador brasileiro, uma de pensamento e outra de expressão.

O primeiro era quasi inevitavel, e consiste num peccado venial, tão commum entre os historiadores, que descabida é a severidade com que alguns o julgam e condemnam. Quando Varnhagen começou a preparar-se esforçosamente para compôr a historia do Brasil, sem um só modelo, sem um só guia dentro no paiz, que apenas podia offerrecer-lhe algumas memorias, chronicas parciaes, notas genealogicas, materiaes para a historia, muito deficientes e desordenadamente accumulados fóra do Brasil, e em meio da nação que em assumptos scientificos e litterarios, como em tudo o mais, ditava despoti-



camente aos povos latinos as leis da moda, na França, a maxima e quasi exclusiva preocupação dos historiadôres era a "caçada aos documentos". De tal arte se absorviam os espiritos na investigação da verdade historica pela pesquisa e estudo meticoloso das fontes, que Victor Hugo, como membro da *commissão de litteratura*, uma das incumbidas de preparar os elementos de uma completa historia da França, propunha insistentemente, e com uma exaggeração só desculpavel num poeta, que se consultassem "todos os livros de contas e todos os registros de despesas". Em meio dessa absorvente preocupação, a que um ministro do Estado, que era tambem um historiador, Guizot, imprimiu o cunho official, não havia logar para as cogitações philosophicas, para a formação das generalizações assentadas nos factos historicos, para as concepções superiores da historia, que appareceram mais tarde com Renan, com Taine, com Fustel de Coulanges; pois, as bellas syntheses de Michelet foram antes productos de uma fulgurante imaginação do que de uma intelligencia servida por methodos severos e proveitosos no dominio da sciencia.

Não é acreditavel, como alguem já imaginou, que tivemos um historiador de maior envergadura, e que superior teria sido a historia do Brasil, se, em vez de Varnhagen, a tivesse escripto João Francisco Lisboa.

Varios capitulos esparsos da nossa historia nos legou Lisboa. Em qual delles se revelou jámais um conceito mais profundo da historia, um criterio philosophico superior ao de Varnhagen?

No que Varnhagen era inferior a Lisboa, e aqui está o defeito capital do nosso historiador, era na forma, na arte da composição, na exposição. Não é essencial que ao estylo do historiador se imprima aquillo que a singular concepção da historia de Martius denominou, o fôgo poetico proprio da juventude". Mas, excluidos inuteis atavios, não é permittido — tambem eliminar a precieção, a simplicidade, a nitidez,

a transparencia e a firmeza da phrase, e não se pôde ser indulgente com Varnhagen; neste ponto é impossivel esconder o desgosto que causa a leitura de tantos periodos descuidados, frouxos, pesados e monotonos, sem nervos e sem lustre. A *Historia Geral do Brasil* bem merecia um pouco mais de cuidado na exposição.

O que attenua as faltas de Varnhagen, é a lembrança do peso immenso da tarefa do criador da nossa historia, tarefa que nem sequer podia cifrar-se no trabalho continuo e tranquillo num só logar, mas que teve de ser desempenhada do modo mais penoso em épocas diversas e em muitos logares differentes, da America e da Europa.

"Quando estudamos no conjuneto essa obra difficil e fecunda, sobretudo — quando syntheticamente reflectimos nos resultados de tão longo e ingente esforço, não podemos reprimir um justo impulso de patriotismo, que nos leva ao sentimento da mais pura gratidão diante da construcção monumental, que, examinada sob faces diversas, é um indestructivel monolitho, que constituirá para sempre o suppedaneo, sobre o qual ha de repousar toda a historia do Brasil, e um grande fôco de luz, a illuminar simultaneamente o nosso passado e o nosso futuro vinculados com fuzis indissolveis: o passado, porquanto mostra com segurança e exactidão a longa esteira de progresso lento e firme, desde a mais humilde origem da colonia, iniciada com graves erros, maculas e estygmas, através de todos os obstaculos creados pelo meio physico, e pela insufficiencia de uma direcção politica que só a espaços tem estado na altura dos seus deveres, para culminar em admiraveis periodos de bem-estar, de progresso, de liberdade politica e de moralidade administrativa; o futuro, porquanto o conhecimento verdadeiro do passado e a consequente convicção de que os factos sociaes se reproduzem com uma evidente constancia e uniformidade, ou estão sujeitos a leis, nos infundem confiança e coragem, para atravessarmos os momentos anor-

maes de perturbações, de depressões e de recuos passageiros e moderação e prudencia para nos refrearmos e contermos nos instantes de extraordinaria prosperidade, que tambem sabemos serem transitorios.

Por vezes, chega a parecer-me que, para melhor fixar a nossa attenção nos factos e no succo ideal que delles reguma, o que mais quadra ao nosso espirito, tão facilmente desviavel — pelas diversões estheticas — dos esforços de uma detida observação, ou de um prolongado raciocinio, é exactamente essa historia arida e secca, com os seus já conhecidos defeitos da exposição. Sim: talvez por abstrair um pouco de taes imperfeições, vou até me convencer de que essa historia, verdadeira e severa, despida de ornatos mais singelos, que sómente dos factos expostos em toda a sua nudez faz uma eloquente e fecunda lição moral, social ou politica, é a historia que nos convém, a que nos ministra os mais uteis ensinamentos. Cumpre lè-la e medital-a. Por ella ficamos sabendo que a nossa raça e o nosso meio physico não são obstaculos ás nações de maior valor, e aos feitos que demandam longa perseverança, espirito de sequencia e demorada submissão a provações. A guerra hollandeza, em que durante trinta annos combatemos um inimigo valoroso e pervicaz, vencendo-o afinal e expulsando-o definitivamente do paiz, pôz em evidencia o valor das raças que concorreram para a formação da sociedade brasileira, e patenteou que o nosso meio cosmico e o cruzamento desses varios factores ethnicos não produziram uma nacionalidade de somenos energia.

Voltado o espirito para essa ordem de pensamentos, iniciada essa série de induções, quantas verdades consoladoras se nos descortinam! Quantas lições proveitosas! Quantos ensinamentos decisivos!

Dois seculos mais tarde, a longa e penosa campanha que pelejámos com o Paraguay (e que aos successores de Varnhagen coube descrever), serviu para revelar que o de-

curso do tempo e a continuação da obra de caldeamento das raças não nos haviam enfraquecido.

Outra bella experiencia, e esta sob uma paz duradoura e por uma boa parte do reinado de Pedro II, tornou bem manifesta, e acina de qualquer duvida, a nossa capacidade para organizar e manter um governo que á maior liberdade politica reuna uma exemplar moralidade administrativa. Por muitos annos não tivemos que invejar a politica e administração das mais cultas nações do globo.

Ahi estão provas da nossa potencialidade ethnica, que anniquilam todas as objecções do pessimismo, absentadas nos argumentos anthropologicos e na influencia do ambiente material.

Que é que nos falta neste momento de prementes difficuldades, em que o desanimo e a consequente inercia avassallam tantos espiritos? Não temos que lutar com uma só das tremendas calamidades que a guerra assoprou entre as nações da Europa. Não nos affligem factos superiores á vontade de homens regularmente educados e medianamente energeticos.

Do que precisamos para vencer a presente crise (e ainda é o conhecimento da historia, a comparação do presente com o passado, que nol-o revela), é de predicados que já tivemos, e facilmente podemos readquirir, de qualidades que se formam com algum esforço de comprehensão e um pouco de boa vontade, de trabalhar com tenacidade, de economisar intelligentemente, de viver com a coragem de todo homem digno, de respeitar as leis e as autoridades, de eleger autoridades e representantes que se imponham ao respeito do povo por seu procedimento escorreito e exemplar, de disciplina e cohesão, de libertar-nos das ambições criminosas, illegitimas ou excessivas, de um pouco de patriotismo e de alguns pequenos sacrificios.

Reflectindo-se, vê-se bem claramente que o remedio para os nossos males está na observancia dos preceitos rudimentares da moral, que desde os tempos mais remotos até



hoje têm sido aconselhados pelos sacerdotes, pelos apóstolos, pelos educadores, pelos philosophos e pelos estadistas. Não é necessario fazer nenhum milagre, nem revelar nenhum heroismo raro, nem descobrir nenhuma original solução, nem emprender nenhuma acção extraordinaria. Basta praticar aquellas virtudes triviaes e cumprir aquelles deveres corriqueiros, que nos velhos paes, de velhas tradições, foram sempre ensinados á infancia e á adolescencia pelos espiritos affectuosos e amaveis de um Epicteto, de um Seneca, de uma Sevigné, de uma Maintenon, de um Fénelon, de um Silvio Pellico, de um Julio Simons de um Legouvé, de um Samuel Smiles.

Muito facil nos é o remedio. Nada justificaria, o nosso perecimento, que fôra o mais vil de todos os crimes que pôde cometer uma nação.

Em periodos como este, que ora atravessamos, mais claramente se patenteia a incontestavel utilidade do conhecimento exacto do passado. A medicação para as nossas enfermidades sociaes ha de vir forçosamente das indicações engendradas no estudo da sciencia social fundamental e das sciencias especiaes, a economia politica, a moral social, o direito e a politica, e todas essas sciencias só nos podem ministrar verdades que sirvam de base a preceitos uteis e efficazes, que se tornem idéas — forças capazes de impulsionar proveitosamente o mecanismo da nossa vontade, quando fundadas na observação e na comparação meticulosa dos factos narrados com exactidão e segurança pelo historiador. Hoje só ha nações prosperas e fortes com o amparo da sciencia.

Varnhagen, mais de uma vez, e especialmente no prefacio da primeira edição da *Historia Geral do Brasil*, revelou uma intuição dessa verdade, e, portanto, do bem que nos legou com seu exemplo memoravel e com sua obra impercível, o que não nos deve maravilhar; pois, já muitos annos antes, o "genio religioso e melancolico de Vico" tinha lançado na *Scienza Nuova*, em meio dos preconceitos e dos erros do seu tem-

po, de que os mais altos espiritos nem sempre se libertam, o grande aphorismo, que está no fundo de todas as concepções sérias e elevadas da historia, e que sobretudo hoje deve ser adoptado como nosso lema cardeal: em grande parte o homem se faz a si proprio e as nações são obras de si mesmas. — (Pedro Lessa — Conferencia no Instituto Historico Brasileiro—*Jornal do Commercio, Rio.*)

CIDADES MORTAS

O progresso entre nós — attestam-no certas zonas, vivas outr'ora, hoje mortas, ou em via disso — é nomade e sujeito a paralsias subitas. E' um progresso de cigano — vive acampado. Quando emigra, deixa atraz de si um rastilho de taperas.

Um dos factores que o arrastam comsigo é a uberidade nativa do solo. A nossa gente não vinga prosperar senão onde depara uma vitalidade prodigiosa do humus negro da terra virgem como o fumegar quente de uma rez carneada de fresco.

Exemplo perfeito ha disso, em nosso Estado, na depressão profunda que aperreia o muito bom leste chamado norte. Alli tudo foi, nada é.

Um grupo de cidades moribundas arrasta um viver decrepito, gasto em chorar na mesquinhez actual as saudosas grandezas de outr'ora.

Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de ha muito em materia de rodas se voltou ao rodizio macisso desse rechinante symbolo do ronceirismo colonial, o carro de boi. Erguem-se nellas soberbos casarões apalaçados, de um e dois andares, solidos como mosteiros, tudo pedra, cal e cabiuna, figurando desconformes ossaturas de megaterios, de onde as carnes, o sangue, a vida hão desertado.

Vivem dentro, mesquinamente, vergonteadas estioladas de familias fidalgas, de boa prosapia entronca-

da na nobiliarchia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem de patina, e cujo estuque, lagarteado de fendas, esboroa a força de goteiras, erra o bafio da morte. Ha nas paredes velhos quadros, "crayons", moldurando effigies de capitães-móres de barba em collar; ha candelabros de dezoito velas, esverdecidos de azinavre; mas nem se accendem as velas, nem se guardam mais os nomes dos enquadrados.

E por tudo se agruma o bolor rancido da velhice. São palacios mortos, da cidade morta.

Avultam em numero casas sem janellas, só portas, tres e quatro: antigos armazens de commercio, fechados, que o commercio desertou tambem.

Numa praça vazia, vestigios vagos de um edificio de vulto. Que é? O antigo theatro... um theatro onde já resoou a voz do Tamagno, da Rosina Stoltz, da Candiani...

Não ha na cidade morta nem pedreiros nem carapinas; fizeram-se estes remendões, aquelles meros demolidores, tanto vae da ultima construcção. A tarefa se lhes resume em especar muros que deitam ventres, escorar paredes rachadas, remendal-as mal e mal. Um dia mettem abaixo as telhas: sempre vale trinta mil réis o milheiro — e fica á inclemencia do tempo o encargo de aluir o casarão.

Os ricos são dois ou tres Eusebios Macarios aposentados, com cem apolices a render no Rio; e os sinecuristas *apenduricalhados* ao orçamento.

O resto é a "mob"; velhos negros de miseravel descendencia roida de preguiça e alcool; familias decahidas, a viver mysteriosamente umas, outras á custa de parco auxilio enviado de fóra por um filho mais audacioso que emigrou; mestiços ataraxicos, "boa gente" que vivem de aparas.

Da geração nova os rapazes emigram cedo, aos 16 annos; a próle feminina fica, finecada de cotovellos

á janella, negaceando um marido, que é um mytho, numa terra donde os casadouros fogem.

Pescam as vezes as mais geitosas, um promotor, um delegado — e é o caso um acontecimento historico e criador de lendas.

Toda a ligação com o mundo se resume no cordão umbelical do correio — magro estafeta bifurcado — em ponteagudas eguas pisadas, em eterno ir e vir com duas malas postaes na garupa, murchas como figos seccos.

Até o ar é proprio; não vibram nelle sereias de auto, nem cornetas de bicycletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem ten-tens de sorveteiros, nem plá-plás de bufarinheiro turco. Só o estremecem os velhos sons coloniaes, o sino, o chilreio das andorinhas que moram na egreja, o rechino dos carros de boi, o sincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam a cidade, bem alto.

Terá poesia — mas os annos são de prosa, hoje em dia.

Nos campos não é menor a desolação.

Raro é o casebre de palha que fumea e entremostra em redor a rocinha de mandioca, o quartel de canna. Na maioria, os raros existentes, descolmados pelas ventanias, esburaquentos, afestoam-se do melão de S. Caetano — a hera rustica das nossas ruinas.

As fazendas são conventos, de soberbo aspecto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Rodeiam a morada senhorial extensas senzalas vazias, terreiros de pedra com viçosas guaxumas nos intersticios. O dono está ausente. Mora no Rio, no Oeste. Os cafezaes, extinctos. Os aggregados, dispersos. Subsiste, como largatixa na pedra, um pugilo de caboclos amarellos, ictericos, de esclerotica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querençia, verdadeiros vegetaes de carne, que não florescem nem fructificam; fauna cadaaverica de ultima phase, roem

os derradeiros capões de café escondidos nas grotas.

— Aqui foi o Breves; colhia oitenta mil arrobas...

A gente olha assombrada na direcção que aponta o dedo cicerone: nada mais! a mesma morraria nua, a mesma sauva, o mesmo sapé de sempre; de banda a banda o deserto, o tremendo deserto, por onde Attila passou.

Outras vezes o viajante lobra ao longe marginal á estrada, uma ave branca pousada no topo dum espeque.

Approxima-se lentamente, ao chouto rythmico do cavallo; a ave extranha não dá signaes de vida, permanece immovel.

Chega-se ainda mais, franze a testa, apura a vista: não é ave, é um objecto de louça... O progresso cigano, quando um dia levantou acampamento dalli, rumo do Oeste, esqueceu de levar comsigo aquelle isolador de fios telephonicos...

E elle, immovel, lá ficará, attestando mudamente uma grandeza morta, até que decorram os muitos decennios necessarios para que o lento consuma o rijo poste de "candeia", ao qual o amarraram um dia, no tempo feliz em que Ribeirão Preto era lá... — (Monteiro Lobato, *O Estado de S. Paulo*).

ASPECTOS DO NORTE

No Norte os Estados se reduzem ás capitaes. O Espirito Santo é apenas Victoria, aliás pouco attrahente. Desapparece Sergipe na sua modesta Aracaju', enquanto a Bahia, a despeito de sua ancianidade, se resume ao peso colonial de S. Salvador. Macaé com os seus bustos e estatuas é o que Alagoas tem de melhor. Vasta, rica, mal construida, mal calçada, suja, mas extraordinariamente movimentada e com disposições para ser uma linda cidade, constitue Recife a expressão maxima de Pernambuco. Também a Parahyba, o Rio Grande do Norte, o Ceará, o Mara-

nhão, o Pará e o Amazonas, não têm senão as suas capitaes.

De resto, confrontando-se o Sul e o Norte do paiz, não se pode deixar de chegar á conclusão de que do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro está o Brasil do progresso e dali por diante o Brasil historico, depositario do typo autóchtone mais definido na zona septentrional, e de que o homem do Sul differe bastante, sobretudo nas camadas populares.

A zona meridional do Brasil foi muito favorecida pelo trabalho intelligente de uma immigração mais ou menos adeantada, que para alli se encaminhou sequiosa de fortuna. As cidades do Sul apresentam muitas vezes verdadeiros saltos na realisação dos melhoramentos.

No Norte uma atmospherá pesada, de estacionamento e dureza, envolve e entenebrece as suas capitaes. Dir-se-ia, encarando o Norte de um modo geral, que todas as suas cidades tiveram outr'ora algum desenvolvimento, e depois se deixaram ficar paradas na soturnidade das suas velharias, incapazes de acção, vivendo do limo dos casarões vetustos, mortas para a gloria da luz e do bello.

No Norte, a breve distancia das estradas de ferro, milhares e milhares de brasileiros, feitos de simplicidade e capazes para todas as actividades, vivem atirados para o fundo do deserto que começa na orla das cidades e dos povoados, inteiramente inuteis, mettidos em ranchos de palha, numa horripilante confusão de negros e caboclos, molles, immoraes, seccos, anti-hygienicos, entregues á cachaça, aos descantes da vida e nos dengues luxuriosos da cafua desgredhada. Um horror. Uma enorme vergonha nacional.

Nas margens do Parahyba, no Alagoas, por exemplo, os cereaes vicejam com o simples trabalho de jogar a semente á terra e por todo o valle Itapicuru', no Maranhão, o tabaco se desenvolve de uma maneira espantosa. Os moradores desses sitios vivem, porém, na maior indi-

gencia. Não serão fundamentalmente refractarios ao trabalho, mas como ninguem os ensinou sobretudo a trabalhar por conta propria permanecem inteiramente ociosos fóra do mando do feitor.

A intuição da economia e da previdencia no Norte é rarissima. A primeira lembrança da quem disponha de algum dinheiro é adquirir brilhantes. Os proprios pretos os ostentam, sempre que podem, nos grandes dedos de azeviche. Mas a nota dominante é a ineuria na sua mais dilatada da manifestação.

O comboio que faz o percurso de Maceió a Natal, com passagem pelo Recife, Parahyba e muitas cidades e villas intermediarias, é assaltado, em cada estação, por mendigos horrendos. Uns são tuberculosos, outros paralyticos, outros trazem cancos na bocca, nos olhos, nas faces. Ha os que são dos pés á cabeça uma chaga nauseabunda. Ha os que tremem, os que se sacodem interminavelmente, atirando a cabeça para um e para outro lado, batendo os maxilares, gaguejando, acetovelando-se, grunhindo, gemendo, implorando, estendendo o chapéo esfrangalhado pela portinhola do vagão. Um impressionante, um doloroso cortejo de victimas da syphilis, da tuberculose e do alcool.

Felizmente esses tremendos aspectos do Norte não diminuem o merecimento das notaveis qualidades dos seus filhos, em geral intelligentissimos, hospitaleiros, insinuantes e destemidos. A familia nortista é a simplicidade, a união e a alegria. Ha sempre alli, para o forasteiro, a mesa posta e a cama feita. São generosos á moda antiga. O sulista é differente. E' menos unido e mais mercantilizado. E' tambem mais formalistico e menos audacioso.

Em todo o Brasil ha a realizar com coragem e perseverança, ininterruptamente, batendo, martelando, uma grande campanha a favor do trabalho, eriendo individuos uteis, disciplinando vontades, fazendo de cada homem um valor efficiente no desenvolvimentó da patria. E' pelo

Norte, porém, que é preciso iniciar essa cruzada redemptora, conquistando-a para o immenso prestigio economico que poderá ter no total da produção nacional. E essa missão tem que caber especialmente á solididade dos seus governos.

E' preciso que a parte operosa, distincta e polida, que não é pequena, tome a si a gloriosa tarefa de aproveitar e orientar as grandes energias armazenadas nesse Norte cheio de sol e de riquezas. — (Christim Mira — *Jornal do Commercio*).

HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS

CARMEN SYLVA

A rainha da Rumania, comquanto simples, tinha uma figura grande mente decorativa.

Mais do que o corte pomposo das vestes de largas mangas e bordaduras sumptuosas, dava-lhe uma admiravel e bella expressão de realeza e de poesia o longo véo branco que lhe cahia ao longo das costas, pendendo de um pequeno toucado-diadema, que misturava o brilho das gemmas aos reflexos dourados da sua linda cabelleira fina e ondeada.

Si o seu nome de rainha auxiliou a gloria do seu pseudonymo de escriptora, ficou depois supplantado por este, como dentro de uma sepultura á qual o de Carmen Sylva serve e servirá de luminoso epitaphio.

Além de ter publicado mais de cincoenta volumes, entre versos, contos, romances e pensamentos, multiplicou na Rumania escolas e instituições de beneficencia, instituiu para as moças de todas as classes cursos especiaes de desenho, pintura, musica, artes manuaes, fazendo ella propria conferencias aos alumnos da Escola Normal e procurando desenvolver, apezar de muito dedicada á sua nacionalidade de origem, a cultura franceza, mais adaptavel ao genio das populações rumenias, oriundas de sangue latino.

Carmen Sylva reuniu nos seus "Pensamentos de uma rainha", escriptos em francez, com um prefacio de Louis Ulbach, a quintessencia das suas observações.

"A felicidade, escreve ella com pesar, é como o éco: responde, mas não vem". "A esperança é uma fadiga que conduz a uma decepção". "A mocidade julga; a velhice absolve".

E' por vezes espirituosa e diz com agradável graciosidade: "O jejum faz apóstolos; a boa mesa faz diplomatas". Outros: "Uma mulher incomprehensível é uma mulher que não comprehende os outros". "Os homens estudam a mulher como estudam o barometro; mas nunca o comprehendem senão no dia seguinte". "Os grandes da terra são destinados a divertir sempre a multidão, mesmo quando vão ser enterrados.

"A mulher deve supportar o amor, soffrer para dar a luz, compartilhar os vossos cuidados, dirigir a vossa casa, educar a vossa familia e ainda além disso ser bonita e amavel. Que dizeis vós da sua fraqueza inda agora?"

"Uma mulher é lapidada por uma acção que pode praticar um perfeito homem de bem". "Desconfiae de um homem que mostre duvidar da vossa felicidade domestica".

"Ha, diz ella, (e aqui não se teria involuntariamente pintado a si mesma?) mulheres majestosamente adereçadas como cysnes. Irritaeas: vereis as suas plumas eriçarem-se durante um segundo; depois desviam-se silenciosamente para se refugiarem no meio das ondas".

Varias distincções academicas recompensaram os seus trabalhos. Em 1882 foi eleita membro da Academia da Rumania. Em 1885, a Academia de Jogos Floraes de Toulouse conferiu-lhe o titulo de "Maitre des Arts". Em 1888, a Academia Franceza, sob um relatorio de Camille Douza, concedeu uma das mais altas recompensas aos seus "Pensamentos de uma Rainha". — (Julia Lopes de Almeida — *Correio Paulistano*).

SCIENCIAS SOCIAES E POLITICAS

A MISTIÇAGEM DAS RAÇAS NA AMERICA

A composição ethnica da população é de uma importancia transcendente para o futuro social-politico do paiz.

No meio ethnico da Argentina, especialmente em certa categoria de gente, a mescla de raças diversas constitue condições de hereditariedade muito complexas e muito especificas. O estudo dos typos que vão resultando dessa mistura e de outras circunstancias é de um alto interesse sociologico.

O problema anthropologico abrange quasi todos os problemas collectivos. Não se pôde conciliar e consolidar a capacidade economica, moral, politica ou social sem transformar fundamentalmente a base que sustenta aquellas condições, que é o homem. Nas nações da America, sobretudo, o progresso e a estabilidade politica não são em definitiva senão, uma questão ethnica.

A formula empirica *governar é povoar* fez que na Argentina se esquecessem de que um factor social, o immigrante, devia ser analysado com cautela. Abriram-se açodadamente as portas do paiz a todos os residuos de raças velhas e extenuadas que, unindo-se á população indigena e mestiça, foram constituindo elementos ethnicos verdadeiramente deploraveis.

Governar é povoar bem, isto é, é povoar distribuindo methodicamente nas regiões mais favoraveis do paiz uma população bem constituida, derivada de boas origens, que tenha por progenitores, senão typos de raças brancas homogeneas, ao menos indigenas, mestiças ou europeas sem estigmas — e isto pôde cumprir-se em parte mediante escrupulosa selecção.

Pelo geral, o mestiço primario é inferior ao progenitor europeu, mas ao mesmo tempo, é superior ao pro-

genitor indigena. E' preciso que o cruzamento se effectue através varias gerações e com alguns progenitores europeos de boa raça para corrigir as deficiencias que como typos debeis mentaes com tendencias degenerativas, costumam os hybridos apresentar na primeira etapa da selecção. Desenvolvidos em meios saudios os hybridos de europeos com indigenas ou negros afastam-se pouco a pouco do indigena e do negro para se approximarem do branco. Esta regra é certa, embora uma vez ou outra surjam inesperadamente typos regressivos que desconcertam as familias já refinadas.

Quanto aos filhos de europeos com indios, em mesclas successivas, são pelo commum inferiores aos paes, tanto em mentalidade como em resistencia physica.

Até agora a Argentina tem sido povoada de um modo empirico; é preciso que comece a sel-o debaixo de um ponto de vista scientifico.

A maior parte dos degenerados que povoam as cidades e os asylos o são de origem ethnica; resultam da mestiçagem. Mais do que qualquer outro, o mestiço é sujeito á epilepsia, á debilidade mental, á idiotia, ao alcoolismo e revela tendencias criminosas e immoraes. A preguiça, que é um symptoma de degenerescencia mental e de abulia, é um dos vicios mais correntes entre os mestiços argentinos. Transmite-se com frequencia por herança e caracteriza-se perfeitamente na indolencia creoula, especie de fatalismo passivo que se agravou pela reunião dos factores ethnics com que collaboraram andaluzes e argentinos e das condições de vida e de clima, aquella facil e este humido e quente.

A deficiencia mental do mestiço traduz-se especialmente pela incapacidade de penetrar inteiramente no sentido da civilisação. Desta elle só apanha as formas exteriores. Só depois de varias seleções successivas com pae ou mãe brancos é que elle se colloca em condições de assimilar a civilisação e poder ser um factor economico, social e politico efficiente.

Ora, são os mestiços inferiores os que ainda constituem a grande parte da população sul-americana. Vêm dahi os avanços e recuos que se notam na vida material e moral das nossas republicas e as grandes inconsistencias da sua historia e da sua politica.

Na Argentina o cruzamento das raças pôde ser dividido em tres periodos: O primeiro, o da conquista hespanhola, caracteriza-se pela união de europeos com indigenas; o segundo, revela-se pela introdução do negro e o terceiro, finalmente, distingue-se pela entrada em grande massa de immigrants europeos.

Coincidiram com este ultimo acontecimento a invasão do deserto e a expansão das cidades para as terras incultas. Dessa expansão advieram a sujeição do indigena e a formação de numerosos povos, com essa exclusiva base ethnica, sobre a qual se depositaram os elementos europeos, mestiços e hybridos de centros urbanos e ruraes das vizinhanças.

As estratificações successivas de que se forma a população actual são constituídas, portanto, de varios elementos principaes: os *chinos* (mestiços de indios com hespanhoes e europeos em geral); os mulatos e *zambos*, resultado do cruzamento de negros e brancos, ou negros e indios ou de seus derivados; e, finalmente, os resultados multiplices em que se podem verificar todos os matizes do hybridismo, nascido do cruzamento das categorias anteriores com os europeos aportados ao paiz nestas ultimas decadas.

Essa mescla de sangue tem facilitado a degenerescencia mas esta varia conforme os elementos ethnics que entram em combinação. Quanto mais consideravel é a divergencia entre as raças do paiz mais accentuada é nos primeiros descendentes a tendencia degenerativa. Quando a procriação se faz entre individuos pouco differentes do ponto de vista ethnico e já harmonizados por cruzamentos anteriores attenua-se a tendencia degenerativa e a descendencia melhora.

isto mostra a importância ethnica e social de uma immigração composta de elementos sadios, vigorosos e normaes que vivam e procriem em meios economicos, hygienicos e moraes convenientes.

Repousa nisto a solução de todos os grandes problemas argentinos.

A immigração deve ser seleccionada por uma policia preventiva e por uma legislação previdente.

Um povo não é forte só pela sua população numerosa. E' preferivel uma população pouco numerosa, mas bem seleccionada, physiologicamente san, estheticamente homogenea, bem distribuida e bem alimentada, com habitações hygienicas e com boas disciplinas intellectuaes e moraes capazes de fazel-a attingir a um nivel superior de cultura.

O fundo degenerativo de certos elementos da população pôde ser modificado pelo augmento da corrente immigratoria e pela melhoria das condições hygienicas. O problema do aperfeiçoamento physico e mental do povo argentino está contido nestes dois elementos. — (Lucas Ayaragaray. — *Revista de Filosofia*).

AS MUTUAS ESCOLARES NA ITALIA

As mutuas escolares na Italia, representam uma das mais recentes e sympathicas applicações do principio do auxilio mutuo. Trata-se, com effeito, de sociedades constituídas entre os alumnos das escolas primarias, os quaes, com uma pequenissima contribuição semanal, tem assim garantido um auxilio para o caso de doença e formam um fundo para a pensão da velhice. Quando saem da escola, os meninos podem continuar a contribuir até a idade em que possam ser admittidos nas sociedades dos adultos.

A' vantagem economica directa que se colhe, junta-se a da propaganda efficaz a favor da previdencia. Na idade em que as idéas se acham ainda em formação, e mais facilmente se adquirem os bons como os maus

habitos, consegue-se com esse mutualismo, instillar nas crianças a virtude da economia e da previdencia, e indirectamente essa propaganda tem acção sobre os progenitores, pois elles é que na realidade pagam a contribuição.

Ideada na França por J. C. Cavé, que em 1881 foi autorisado a fazer a primeira experiencia, a mutualidade escolar diffundi-se rapidamente na Belgica, e na Suissa, e surgiu na Italia em 1903, quando foi instituida nas cidades de Ancona e Milão. Foi só depois do Congresso Nacional de Piacenza, em 1908, que se intensificou na Italia a propaganda e a acção a favor da mutualidade escolar.

E em 17 de Julho de 1910 promulgou-se a lei Rainieri, que reconheceu e disciplinou a instituição da mutualidade escolar.

E' simplicissimo o mechanismo dessa lei. Por ella, as sociedades de auxilio mutuo constituídas entre os alumnos e ex-alumnos das escolas primarias publicas e privadas têm a possibilidade de ser reconhecida pelo Estado, visto como se propõem a assegurar aos socios uma pensão da velhice por meio da Caixa Nacional de Previdencia para a invalidez e a velhice dos operarios. Essa Caixa é autorisada por lei a aceitar, com as contribuições vinculadas á accumulção mutua, os socios das sociedades escolares, desde a idade de seis annos até 12.

Chegados aos 12 annos, os inscriptos na serie da mutualidade escolar, que forem de condição operaria, serão transferidos com o seu credito, para as series operarias da Caixa Nacional.

Os que não forem da mesma condição serão transferidos para a serie dos peculios populares vitalicios, mantidos pela mesma Caixa.

As mutuas escolares recolhem todas as semanas, de cada alumno, dez centesimos; 5 liras e 20 centesimos por anno, de cada alumno. Tres liras são depositadas na Caixa Nacional de Previdencia e o resto é destinado a formar o auxilio mu-

tuo em caso de doença. Cada aluno que cáe doente recebe da sua Mutua um auxilio diario de cincoenta centesimos durante um certo periodo de tempo.

Não ha ainda uma estatistica geral das mutuas escolares italianas, mas sabe-se que em Junho do anno passado eram em numero de 53. Cada uma dellas comprehende varias secções, espalhadas pelo paiz. A mais forte das mutuas escolares é a "Mutualidade Escolar Italiana", com séde em Milão, a qual possui 650 secções em todas as regiões da Italia.

Fundada em 1907 essa mutua contava em 31 de Julho de 1914 nada menos de 94.000 inscripções, tendo recolhido dos seus associados até setembro de 1914, 547.109 liras, e tendo-lhes pago, como auxilio em caso de doença um total de 167.973 liras. — (Minerva).

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

A tremenda guerra actual está destinada a supprimir grande parte da symbiose internacional que formava uma das mais bellas conquistas da humanidade moderna e o segredo dos seus maiores triumphos. D'ora avante, não haverá mais o livre e facil accesso em todos os paizes do globo, pelos cidadãos de outras patrias, que levavam consigo a contribuição preciosa da sua tradição diversa, de diversos costumes ou formações intellectuaes differentes. Graças a isso, tinham já duas; desaparecido os preconceitos locais e nacionaes, e nós nos consideramos cidadãos do mundo. Agora, voltaremos ao circulo antigo, tornaremos á limitação dos recintos medievaes, e cada um de nós se sentirá prisioneiro do estreito horizonte nativo. Pelo menos, estará, por muito tempo, senão para sempre, truncada a circulação dos homens e dos espiritos do grupo quadruplicado "ente" e do grupo austro-germanico, e nem se precisa falar do thesouro perdido que isso representa. E' verdade que permanecerão intactas e mesmo intensificadas pela recente

fraternidade militar, as permutas, e a mutua circulação entre os paizes de cada grupo.

Pode desde já prevêr-se além disso que a guerra dará logar a um augmento notavel da emigração italiana para a França, onde os claros occasionados pela morte nessa população já exigua e infecunda, terão que ser preenchidos. Assim, a emigração italiana além oceano, decrescerá, augmentando a emigração para a França. Isso, porém, não trará grandes beneficios para a Italia, porque a França se mostrou sempre hostil á emigração italiana, e porque a affinidade de italianos e francezes fará com que alguns percam a sua nacionalidade em favor desta e em detrimento da Italia. E' de notar que varios estadistas francezes têm manifestado o desejo de que se impuzesse já aos immigrants a mudança de nacionalidade, e usar a adopção de um nome francez.

A emigração transatlantica abre aos trabalhadores italianos novos e mais vastos horizontes, e, se é certo que os inicia na depravação, antes ignorada, não o é menos que os educa dando-lhes novas virtudes, enriquecendo-o de um peculio com que tornam á patria, onde se fixam definitivamente, pregustando a prosperidade territorial. Ora, nada disso acontecerá se houver emigração italiana para a França...

Outra consequencia da guerra: a transformação do socialismo. O socialismo não morrerá, mas terá necessidade de se transformar, voltando ás suas origens, que não tinham nada de parlamentares, e á sua qualidade puramente economica que formam toda a sua razão e toda a sua essencia. — (Achille Loria—"Scientia").

SELVAGENS E CIVILISADOS

Entre os selvagens e o homem civilisado não ha uma differença de capacidade intellectual, mas uma differença dos objectos sobre os quaes essa capacidade se exerce.

Os habitantes das Ilhas Fidji representam, aos nossos olhos, o que ha de mais baixo, de mais cruel, de mais repulsivo, na escala humana. Entretanto, elles são mais sobrios e morigerados do que muitos povos civilizados; e o estrangeiro, mesmo ha 15 annos podia sentir-se mais seguro em qualquer parte das ilhas (onde entretanto, se conhece o sabor da carne humana...), do que nas grandes cidades da Europa ou da America. Os homens mais abjectos não são procurados nas florestas da Africa, da Australia ou da Nova Guiné, mas nas cidades populosas. E não ha caracteristico do homem selvagem que se não encontre, em maior ou menor gráo, nos mais cultos dentre nós. Uma differença existe, todavia, entre os selvagens e nós, civilizados: é que, emquanto o civilizado muda continuamente o systema do pensamento e da vida, avançando sempre, o selvagem prefere ficar preso á cultura da sua idade ha muito tempo transcorrida, vivendo assim num mundo de superstições e de prodigios, de que é um escravo.

Com tudo isso, não é menos intelligente do que nós nem tem um intellecto menos culto. E' certo que elle não conhece os nossos classicos, nem o que chamamos a sciencia. Mas, ide com elle á floresta, e ficareis profundamente maravilhados do seu conhecimento sobre todas as particularidades de cada planta e de cada pedra, e sobre os habitos de todos os animaes que encontrardes. Em outras palavras: o seu conhecimento differe do nosso menos pela quantidade do que pela qualidade das noções. O selvagem instrue acuradamente os filhos nas artes da guerra e da caça e sobretudo no complicado ceremonial da tribu. Poucos dentre nós, homens civilizados, poderão rivalisar com a memoria daquelles sacerdotes da antiga Samoa, que contavam a historia dos antepassados da Malietoa sem esquecer um só nome, entre centenas, pelos quaes se sabia até o deus Savea, de que se originara a referida familia real.

Tanto é prova da intelligencia procurar um kangurú no matto como procurar a solução de um problema algebrico. Nós envolvemos na classificação de inferiores todos os povos que não comprehendemos. E geralmente não os comprehendemos porque não nos damos ao trabalho de estudar-lhes as tradições e os habitos. Dizemos tambem que o selvagem é cruel, e sempre que o imaginamos é furibundo, deante do homem civilizado calmo e equilibrado. E' verdade que o selvagem commette crueldades, e muitas vezes injustificadamente: mas serão ellas mais atrozes do que muitas que se commettem tão frequentemente entre os civilizados?

Evidentemente, para vergonha das nossas bellas instituições liberaes, do nosso aperfeiçoadissimo systema de instrução, da devoção que milhares de nós professamos pelos ideaes da mais alta cultura — para vergonha disso tudo ainda ha na nossa sociedade, selvagens. E não é só: dentro de cada um de nós se alapa-da, prompto a surdir, o obscuro instincto do bruto, o espirito hereditario do gorilla e do selvagem. Em toda a nossa grande e esplendida cultura ainda ha traços de barbarie. E' inutil pois, esperar que algumas decadas de contacto com a nossa raça, bastem a civilisar o selvagem. Para attingir a civilização, uma raça deve primeiro conquistar-se a si mesmo: cada individuo precisa dominar o bruto que traz dentro de si. Sob a nossa dominação, ou esse selvagem move ou se torna então um escravo. — (Dr. A. G. Mayer — *Popular Science Monthly*).

SCIENCIAS E ARTES

AS EXPLOSÕES E O SYSTEMA NERVOSO

Os phenomenos nervosos a que dão logar os explosivos modernos attingiram a tal gráo de intensidade que se assemelham, por vezes, aos

produzidos pelas violentas convulsões naturaes, como o terremoto e o furacão, e são phenomenos de que se não conhecem ainda a natureza e a causa physica.

Por isso, os numerosos casos de doença do systema nervoso, devidos á explosão de bombas carregadas de liddite ou melinite têm despertado fortes discussões no mundo medico.

Na Academia de Medicina de Paris, o dr. Raul Ravaut sustentou que semelhantes efeitos pathologicos devem ser produzidos pela violenta deslocação do ar.

Para confirmar a sua theoria, citou varios casos. Em Novembro de 1914 chega á ambulancia um homem que havia sido atacado de paralytia com anestesia, logo depois que lhe rebentára perto uma grande bomba.

O seu corpo não apresentava nenhuma ferida. Em outros casos, houve convulsões, surdez, perturbações mentaes.

As condições do liquido cerebro-espinal demonstravam, em todos esses casos, a presença de lesões organicas do systema nervoso. O sangue e a albumina persistiam durante um tempo mais ou menos longo, segundo a maior ou menor intensidade da lesão, e uma relação directa se notava sempre entre a evolução dos symptomas e as condições do ferido.

Seria absurdo, com effeito, pensar que o organismo humano não devesse sentir nenhuma perturbação por motivo das explosões, que causam effeitos violentos sobre todos os objectos vizinhos, animados e inanimados.

Segundo o dr. Paul Ravaut, a mudança brusca de pressão produz hemorragias no systema nervoso. Houve por exemplo, um caso, em que, com a morte do homem, se verificou que houvera ruptura dos pulmões e hemorragia.

E em outro caso encontraram-se traços sanguineos no systema nervoso e urinario, o que era signal de hemorragia.

Essas "feridas internas", nota o dr. Ravaut, são mais frequentes nas

linhas de combate do que as simples manifestações hystericas.

OS METAES DA GUERRA

Desde o tempo em que o ferro começou a armar mãos de combatentes, isto é, desde tempos prehistoricos, pôde-se dizer que a guerra existe sómente graças á chimica. Com effeito, a metallurgia se baseia inteiramente sobre operações chemicas.

Entre os metaes de guerra, ha a citar primeiro o ferro, que forma a ossatura dos canhões e das espingardas, que forma as baionettas, as placas de cobertura e as couraças. Todas as varias qualidades de aço que constituem as modernas machinas de guerra são carburetos de ferro mais ou menos complexos.

Diz-se que o ouro é o nervo da guerra. Isso não passa de uma figura de rhetorica. Mais exacto seria dizel-o do ferro.

Outro metal, o cromo, serve para formar, com o ferro, uma liga com que se fazem aços especiaes, os aços cromaticos das placas de cobertura, de alguns projecteis e de varias partes das machinas.

O manganez é necessario sobretudo para a fabricação do aço das granadas explosivas. Sob a forma de ferro-manganez, elle serve para desoxydar o aço fundido, dando ao producto qualidades especiaes.

O nickel é outro metal importante á metallurgia guerreira. E' elemento indispensavel do aço dos canhões, das placas das coberturas e de certos projecteis.

Depois do ferro, porém, o mais importante de todos os metaes de guerra é o cobre. E' esse o elemento essencial á liga de cobre e zinco com que se fazem os cartuchos e os envolveros externos das balas de fusil e das granadas, e que entra na fabricação das espoletas de explosão, essas pequenas maravilhas de mechanica chimica, que formam e parte mais delicada do projectil de artilharia. O cobre serve, além disso, para os fios telephonicos e telegra-

phicos, e, nisso não pôde ser substituído por nenhum outro metal. E, além disso, — sem falar nas numerosas applicações que tem na marinha e nas balas de fusil Lebel — o cobre serve para fabricar a cintura das granadas, que é uma parte importantíssima da artilharia moderna.

Do chumbo pouco ha a dizer. Com o antimónio, serve para formar as balas dos *shrapnels*.

O antimónio entra na composição de alguns metaes para canhões.

O zinco serve, com o cobre, para fazer cartuchos, os envolveros das granadas e as espoletas de explosão. Serve, além disso, para revestir os fios de ferro afim de impedir a sua oxydação.

O aluminio encontrou, na guerra, uma extraordinaria importancia militar.

Pela sua leveza acha uteis applicações nas machinas aereas. Serve para a armadura e as partes essenciaes dos aeroplanos, e encontra ainda applicação como explosivo.

Entre os metaes de guerra não deve ser esquecido o hydrogenio: e não admira vêr o hydrogenio entre os metaes, em vez de ser entre os metalloides, onde ha muito tempo estamos habituados a vê-lo. Todo chimico conhece as numerosas razões pelas quaes o hydrogenio não pôde ser senão um metal, apesar do seu estado gazozo, assim como o mercurio, apesar do seu estado liquido, é tambem um metal. O hydrogenio é absolutamente necessario na guerra, para os balões de diversos systemas que se usam hoje. A sua produção é feita em grande quantidade por meio de reacções em que entram o carbureto de calcio, ou a soda e a agua, ou então o *coke* e o alcatrão.

VARIEDADES

OS DIARIOS DE TOLSTOI

Começaram a ser publicados em Moscoç os diarios de Tolstoi, muito interessantes porque o escriptor

russo fazia nelles verdadeiras confissões revelando as suas aspirações e as suas desillusões mais secretas. Os originaes desses diarios são conservados no Museu de Historia de Moscow, e o editor actual teve que contentar-se com uma copia manuscrita. Esse editor é um joven discipulo de Tolstoi, o sr. Chertof, contra o qual se levantou uma grande campanha, attribuindo-se-lhe a infidelidade dos diarios. Elle, porém, defendeu-se bem, mostrando que havia, nas confissões de Tolstoi, muita coisa impublicavel, pelo menos agora. Quem tem um diario, tem sempre a esperanza de vêr nelle, mais livre e franca, a alma do escriptor: com o de Tolstoi, agora, essa esperanza não é desenganada. Muito interessantes, por exemplo, são certos trechos philosophicos que Tolstoi traça nas paginas do seu diario.

Aqui está um: “Eu tenho para mim que a vida que vemos em torno de nós é o movimento da materia, obedecendo a leis sabidas e invariaveis — ao passo que dentro de nós mesmos sentimentos existim uma lei que não tem afinidade alguma com aquellas. Pôde-se dizer que a esta lei interior é que nós devemos o conhecimento das leis exteriores. E' a lei interior que forma o nosso verdadeiro *eu*. Nós somos invencivelmente levados a observar, cedo ou tarde, essa lei, e cumpril-a; precisamente nisso é que está a liberdade da nossa vontade, que consiste em realisar a profunda lei interior que é o nosso verdadeiro *eu* e que nós chamamos razão, consciencia, Deus... No conflicto entre estas leis, e na gradual victoria da mais elevada sobre as mais baixas, é que está a vida da humanidade...”

Noutra pagina, encontramos este pensamento sobre o christianismo:

“A opinião mais geral sobre o christianismo, especialmente entre os novos sequazes de Nietzsche, é que elle implica a renuncia á dignidade individual e significa escravidão. Justamente o contrario. Em primei-

ro lugar, o verdadeiro christianismo exige a mais alta consciencia da dignidade propria: uma tremenda força e resolução. E' pois, precisamente o contrario. Os adoradores da força devem inclinar-se deante da propria força."

Sobre a tão discutida questão da não resistencia ao mal: "A não resistencia ao mal é importante não só porque o homem deve agir assim para realizar a perfeição do amor, como tambem porque só a não resistencia pôde pôr fim ao mal, absorvendo-o, neutralizando-o, exaurindo-o. A christianidade não consiste em crear activamente a christianidade, mas em absorver o mal."

Outro pensamento, desta vez sobre a mulher: "A mulher — e dizem-n'o tambem todas as lendas — é um instrumento do diabo. Em geral, ella é estúpida, mas, quando trabalha para o diabo, este lhe empresta a sua intelligencia. Observae-a: é maravilhosa de astucia e de tenacidade quando quer fazer qualquer abominação. Mas quando não se trata de abominação, ella não chega a comprehender a mais simples das coisas, não consegue vêr além do momento presente, nem tem paciencia nem resistencia — a menos que não se trate de crear e nutrir os filhos."

Tolstoi é cruel com as mulheres. Não o sigamos nessas paginas. Melhor é tornar ás philosophicas: "Sob os meus pés, a terra está gelada. Em torno, vejo arvores gigantescas. Sobre mim, o céu escuro. Sinto doer-me o cerebro. Penso em "Ressurreição". Conheço e comprehendo com todo o meu sêr, que a terra gelada, as arvores, o céu, o meu corpo, os meus pnesamentos, tudo isso é sómente um producto dos meus cinco sentidos, uma representação minha, um mundo construído por mim... Apenas serei morto, tudo isso não desaparecerá, mas mudará de aspecto como succede nas mutações da scena, num theatro.

A morte é alguma coisa como uma transformação scenica..."

GOETHE NAS TRINCHEIRAS

O sr. conselheiro de legação Goethe, que, sem ser jornalista, escrevia nos jornaes, teve certamente, durante o bombardeio de Verdun (1792) a primicia de uma visita ás trincheiras. No assedio de Moguncia, um anno mais tarde, elle renovou essas experiencias. Mas parecia, pela sua "Campanha de França", onde se não encontra referencia nenhuma a isso, — que elle tivesse ficado bem pouco impressionado. Entretanto, naquellas duas occasiões, a sua passagem entre os artilheiros prussianos foi assignalada por incidentes que o poeta não podia esquecer tão promptamente.

A primeira vez, sob Verdun, Goethe foi visitar uma das baterias occupadas em bombardear a cidade, acompanhado de um tenente de artilharia, addido como elle, á pessoa de Carlos Augusto Weimar. Esse joven official, pouco versado em litteratura, mas bom conhecedor do seu mister, tinha-se mostrado de certa forma contrariado ao receber a ordem de acompanhar o conselheiro de legação e dar-lhe todas as explicações que elle pedisse. Desde o dia do seu primeiro encontro em Treves, o tenente experimentára por Goethe uma antipathia instinctiva. "Dotado de um bello physico, escreve elle nas "Velhas notas diarias", publicadas em 1864, de estatura imponente, vestido com suprema elegancia, o sr. conselheiro tem o aspecto de um principe e não o de um simples burguez. Os seus modos são pretenciosos: quando abre a bocca, as palavras fluem dos seus labios tão bellas e tão bem torneadas que o auditorio tem a impressão de assistir a uma leitura.

Incontestavelmente, elle está convencido dos seus meritos.

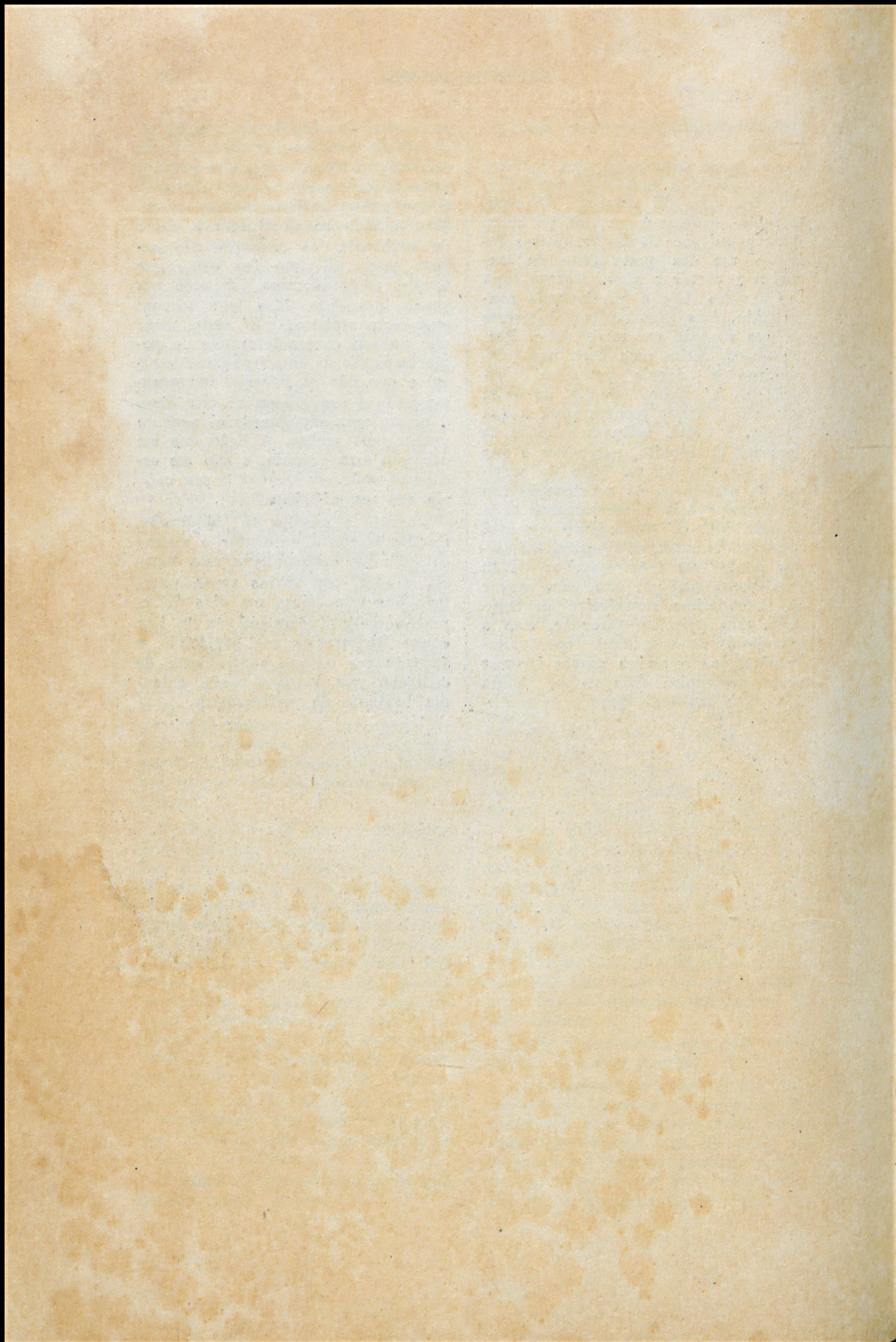
A' primeira vista, nota-se que elle foi estragado pelas homenagens e adulações. Elle escuta-se falar com visível satisfacção, faz discursos a proposito de tudo, e apresenta argumentos sobre o que nada entende". Eis ahí o que pensava de Goethe o

tenente encarregado de acompanhá-lo.

Chegados deante de uma bateria, elle põem-se a conversar com o artilheiro que alli estava. O espectáculo do logar é horrivel, ha lama, transportam-se alguns artilheiros feridos, um dos quaes geme de maneira a cortar a alma. Goethe tapa os ouvidos, tem a physionomia contrahida, mas examina com interesse o que succede em torno delle. Permanecem assim uma hora nas trincheiras e depois retomam o caminho. A' noite, depois da ceia, quando o duque reentra para a sua tenda, o poeta, voltando-se para as pessoas do sequito, narra-lhes o que viu nas trincheiras. Fala do serviço da artilharia, da construcção das baterias e critica severamente tudo quanto viu. O companheiro que está ouvindo tambem, não hesita, em certo ponto, em interrompê-lo: "Não me queira mal por isto, caro senhor e illustrissimo conselheiro de legação, mas permitta dizer-lhe, com a franqueza caracteristica dos pomeranos, que o amigo parece ignorar este proverbio: "Sapateiro, cuida dos teus sapatos! Quando os senho-

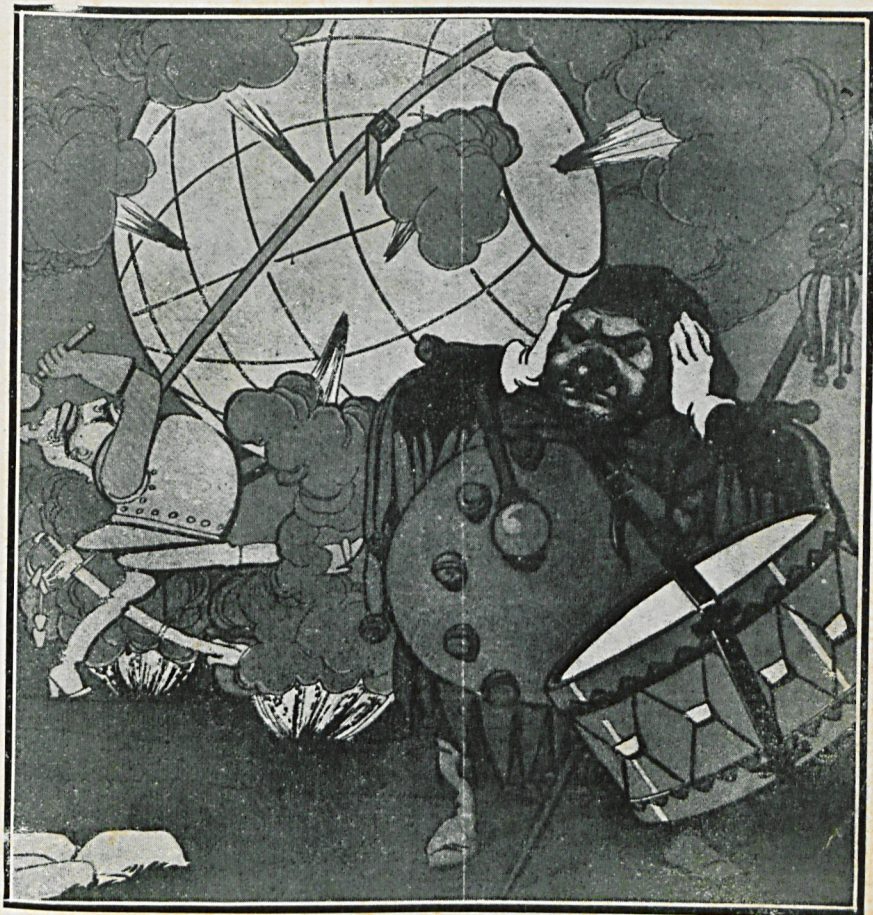
res falam de theatro, de poesia, ou de outras questões literarias, nós os escutamos com o mais vivo prazer, sabendo que estão no seu elemento e que podem ensinar muitas coisas. Mas quando se aventuram a falar de artilharia, os senhores não sabem nada..." Isto fez com que Goethe empallidecesse, ficando um pouco interdito. Mas logo tornou, com certo espirito: "E' certo, disse elle ao seu contradictor, que os pomeranos são de uma franqueza temivel e que não se poderia accrescentar nada á sua grosseria: tive disso a prova, mas não guardarei nenhum rancor pelo senhor. A lição que me deu não será perdida, e não me occuparei mais em ensinar o seu officio aos srs. officiaes."

Durante o assedio de Moguncia, Goethe tornou a encontrar o mesmo official que commandava uma bateria e quiz, por varias vezes, penetrar nas trincheiras em dias differentes, sempre occupando-se do tiro e das trajectorias dos projecteis, e fazendo ver ao seu contradictor de outr'ora, que, embora poeta, entendia bastante de mathematica...



AS CARICATURAS DO MEZ

MOMO RECLAMA



Momo — Oh!... senhores!... que zé pereira barulhento!

("Careta" — J. Carlos)

ESTHETICOS



- E' preciso mudar de aperitivo. O ether gelado com essencia de eucalyptus não me dá mais as sensações vibratorias que fazem trepidar a alma.
— Toma chá de sabugueiro com casquinhas de limão...

(“Correio Paulistano” — Raul)



“O vencedor” ou “O Principe dos Dollars”

(“Careta” — J. Carlos)

INDICADOR

DA

“REVISTA DO BRASIL”

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escripatorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE. — Escripatorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escripatorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. *Condes*.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escripatorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR. — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Escrip.: Rua da Boa Vista n. 52—Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitales de Berna e Genebra. Medico do Sanatorio de Tuberculosos de Leysin. Alta e pequena cirurgia. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA. — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica *especialmente das crianças*. Resid.: Rua da Consolação, 62. Consultorio Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethrites chronicas, pelos methodos mais aperfeiçoados. Urethroscopia interior e posterior. Cystecopia, catheise dos ureterios. electrolyse. Applicação do 606 e 914. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA — *Donato Placino* — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Tesouro, 3 — 1.º andar — S. Paulo.

CORRETORES:

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corrector Official—Escript.: Travessa do Commercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — R. S. Bento, 57. Caixa, 783 — Telephone 2738 — Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc. Rua S. Bento, 57 (baixos.

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Correctores officiaes — Escript.: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP.—Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e commissões em geral. Agentes de companhias de seguros — Santos: Praça da Republica, 23. Tel. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Tel. 3629. Caixa, 881.—S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. Tel. 381. Caixa, 135. Telegrammas: *Belli*.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO—Engenheiro-architecto—Rua 15 de Novembro, 36-A.

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Electr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000
Para os Julzes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

CASA DE SAUDE DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e charino sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos specialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calxa do Correlo, 12

S. PAULO

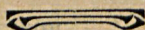
Telephone, 560



DEWAR'S WHISKY
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

“PERRIER”



A Champagne das Aguas de mesa



O INIMIGO DO ACIDO URICO

AS A BEVERAGE

“White Label” and “Perrier”

MAKE AN IDEAL COMBINATION



SOLE AGENTS: H. E. BOTT & Co.

WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE etc.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-
ZADO; FOLHAS DE FLANDRÊS E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, etc.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA"** de LONDRES (**Alliance Assurance Co. Ltd.**)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES

Para fallar com pronunciaçãõ perfeita, as linguas vivas — Inglez, Francez, Italiano, Hespanhol, Russo etc.

Tachygraphia — Pitman's system (Inglez) — em 3 mezes, escreve 100 palavras por minuto. Matricula, aberto dia e noite.

REGULAMENTOS GRATIS

RUA DIREITA, 8^A - 2.º ANDAR

REVISTA JURÍDICA

PERIODICO MENSAL DE DOCTRINA - JURISPRUDENCIA - LEGISLAÇÃO

SUB A DIRECCÃO DOS DRS. RODRIGO OCTAVIO

(ADVOGADO E CONSULTOR GERAL DA REPUBLICA)

— E —

PAULO DOMINGUES VIANNA

(ADVOGADO E MEMBRO DO INSTITUTO DOS ADVOGADOS)

Fascículo 4\$000 - Assignatura annual 35\$000

FRANCISCO ALVES & C. - LIVREIROS EDITORES - RUA S. BENTO N. 65

CASA SANTOS


DEPOSITO DE VIDROS PARA VIDRAÇAS E CLARABOIAS como Vidros de côres, Espelhos, Molduras, Papels pintados, Oleographias, etc.

Encarrega-se da collocaçãõ de vidros tanto na Capital como no Interior do Estado

Antonio dos Santos & Comp.

TELEPHONE 2548

RUA LIBERO BADARÓ, 68 - S. PAULO



Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

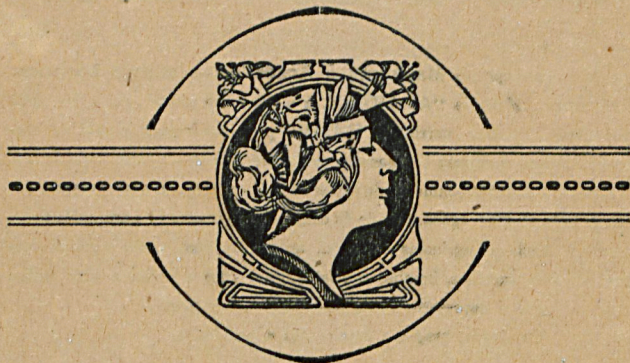
Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

SUMMARIO do 1.º numero da "REVISTA DO BRASIL"

(25 de Janeiro de 1916)

REDACÇÃO	Revista do Brasil.
PEDRO LESSA, da Academia Brasileira	O preconceito das reformas constitu- cionaes.
ADOLPHO PINTO.	O centenario da Independencia.
L. P. BARRETO	O ultimo passo da cirurgia.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Academia Brasileira	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	O elogio da mediocridade.
VALDOMIRO SILVEIRA	Desespero de amor.
JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brasi- leira	O modernismo.
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e Idéas.

RESENHA DO MEZ — O codigo Civil Brasileiro, P. B. — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e esculptura, P. — *Revistas e Jornaes*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidiedade commercial e de instituições das republicas do hemispherio occidental. — A alimentação das crianças nas escolas — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organisador da «tripli-entente». — As mulheres japonezas e a politica. — Aphorismos. — As mentiras da «réclame», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automoveis amphibios. — A acustica das salas. — As cidades-jardins, X. — **As caricaturas do mez** (seis caricaturas reproduzidas).

SUMMARIO do 2.º numero

(25 de fevereiro de 1916)

MARIO DE ALENCAR, da Academia Brasileira	José Verissimo.
CARLOS DE CARVALHO.	Economia e finança de S. Paulo.
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo.
AMADEU AMARAL	O Brasil, terra de poetas.
VEIGA MIRANDA.	O Margarida (novella).
ARMANDO PRADO	Francisco Adolpho de Varnhagen.
E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro	Um Informante do Imperador Pedro II.
FLORIVALDO LINHARES	O "apriori" na theoría criticista.
PLINIO BARRETO	Eduardo Prado e seus amigos (cartas ineditas).

RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick* — José Verissimo — A «Atlantida», R. S. — Nacionalisação da arte, R. — Pintura, N. — Musica, F. — *Bibliographia*: — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Stechetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, L. — As propriedades therapeuticas do sapo — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — **As caricaturas do mez** (seis caricaturas reproduzidas).

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

ARROZ

ASSUCAR

MANDIOCA

MILHO

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor. Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua Alvares Penteado N. 14

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"